



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE O DOMÍNIO DA TANATOLOGIA

Fernando de Jesus Pereira
Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília
2023

Fernando de Jesus Pereira

FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE O DOMÍNIO DA TANATOLOGIA

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília
2023

P436f Pereira, Fernando de Jesus, 1994-

Fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia / Fernando de Jesus Pereira. -
- Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2023.

xiii, 177 f.
Orientadora: Rita de Cássia do Vale Caribé.
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da
Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

1. Fontes de informação. 2. Domínio. 3. Tanatologia. I. Caribé, Rita de Cássia do
Vale (orient.). II. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Fontes de informação sobre o domínio da tanatologia

Autor(a): Fernando de Jesus Pereira

Monografia apresentada em **22 de Dezembro de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Dr. Felipe Augusto Arakaki

Membro Externo (Doutoranda): Ma. Gabriela Fernanda Ribeiro Rodrigues



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Augusto Arakaki, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 26/12/2023, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Fernanda Ribeiro Rodrigues, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 26/12/2023, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10736928** e o código CRC **B93D49B1**.

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos os alunos que perderam entes queridos durante a graduação, e a qualquer pessoa que esteja passando pelo luto.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a minha mãe, Sra. Isabel de Jesus Pereira, por proporcionar toda a estrutura e perseverança que um filho precisa para estudar, e à família Bonfim de Oliveira que deram todo o suporte para que eu e minha mãe tivéssemos uma vida digna;

Aos amigos e colegas de trabalho que incentivaram para continuar, mesmo querendo desistir todos os dias;

Aos professores da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, por incentivar e motivar os alunos nos estudos e nas pesquisas, mas em especial a professora Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé que deu espaço, tempo e oportunidade para explorar dois temas complexos – fontes de informação e tanatologia;

E a todos os conhecidos que me acompanharam durante minha vida acadêmica.

Resumo

O presente estudo parte da pergunta “quais são as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia?”. Deste modo, o objetivo geral corresponde em indicar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia, e os específicos são: esclarecer o que são fontes de informação; conceituar a Tanatologia, e; identificar as fontes de informação em Tanatologia. Apresenta-se a revisão de literatura considerando os temas fontes de informação, domínio e Tanatologia. A pesquisa é qualitativa do tipo exploratória, utilizando como método a pesquisa bibliográfica, com amostragem teórica. Referente aos procedimentos metodológicos, utiliza-se as bases BRAPCI e a Peri para alcançar o primeiro objetivo específico, em questão dos outros objetivos, consultou-se o Portal de Periódicos CAPES e o Oasisbr. Conclui-se que: fonte de informação é um veículo potencial de informação, sendo quaisquer recursos informacional que gera ou vincula informação, responde a uma necessidade informacional e é condicionada ao sujeito, pois depende da valorização do indivíduo; a Tanatologia é um campo interdisciplinar e multidisciplinar sobre o estudo da morte e seus processos, mas não demonstra delimitação quanto ao seu domínio; e deve incentivar a construção e desenvolvimento da Tanatologia como campo individual.

Palavras-chave: fontes de informação; domínio; Tanatologia.

Abstract

The present study starts from the question “what are the sources of information on the field of Thanatology?”. Thus, the general objective corresponds to indicating the sources of information on the field of Thanatology, and the specific ones are: clarifying what sources of information are; conceptualize thanatology, and; identify sources of information in thanatology. A literature review is presented considering the themes sources of information, domain and Thanatology. The research is qualitative and exploratory, using bibliographical research as a method, with theoretical sampling. Regarding methodological procedures, the BRAPCI and Peri bases were used to achieve the first specific objective, in terms of other objectives, the Portal de Periódicos CAPES and Oasisbr were consulted. It is concluded that: source of information is a potential vehicle of information, being any informational resources that generate or link information, respond to an informational need and are conditioned to the subject, as it depends on the individual's valuation; thanatology is an interdisciplinary and multidisciplinary field on the study of death and its processes, but does not demonstrate delimitation regarding its domain; and should encourage the construction and development of thanatology as an individual field.

Keywords: source of information; domain; Thanatology.

Lista de ilustrações

Figura 1 - Categorização das fontes de informação.....	21
Figura 2 - Fontes de informação na web 2.0	46
Figura 3 - Diagrama de dimensões da qualidade de fontes de informação.....	62
Figura 4 - Diagrama do processo de análise de domínio	80
Figura 5 - Premissas sobre fontes de informação	117
Figura 6 - Expressão de busca avançada no Portal de Periódicos CAPES	127
Figura 7 - Busca avançada no WorlCat, dezembro de 2023.....	129

Lista de quadros

Quadro 1 - Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet.....	59
Quadro 2 - Cruzamento de índices e variáveis na análise de domínio	73
Quadro 3 - Parâmetros para análise de domínio	80
Quadro 4 - Vantagens e desvantagens dos métodos de análise de domínio	82
Quadro 5 - Definição de fontes de informação.....	113
Quadro 6 - Classificação das fontes e suas características	118

Lista de tabelas

Tabela 1 - Publicações por conteúdo de artigo em <i>Death Studies</i> e <i>Omega</i> , publicados entre 1991 à 2010	98
Tabela 2 - Tipologia de análise dos artigos publicados nos periódicos <i>Death Studies</i> e <i>Omega</i> , publicados de 1991 a 2010.....	99
Tabela 3 - Coleções indicadas na busca avançada no Portal de Periódicos CAPES, em dezembro de 2023	127
Tabela 4 - Títulos de periódicos indicados no Portal de Periódicos CAPES, em dezembro de 2023.....	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO ...	3
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	3
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA	11
2.2.1	Objetivo geral	11
2.2.2	Objetivos específicos	11
2.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	12
3	REVISÃO DE LITERATURA	13
3.1	FONTES DE INFORMAÇÃO	15
3.1.1	Definições de fontes de informação	15
3.1.2	Classificação das fontes de informação.....	20
3.1.2.1	Fontes primárias	22
3.1.2.2	Fontes secundárias	23
3.1.2.3	Fontes terciárias	24
3.1.3	Tipos de fontes de informação.....	24
3.1.3.1	Fontes de referência.....	25
3.1.3.1.1	Almanaques	25
3.1.3.1.2	Anuários	25
3.1.3.1.3	Atlas.....	25
3.1.3.1.4	Banco e bases de dados	25
3.1.3.1.5	Biografias	27
3.1.3.1.6	Dicionários	28
3.1.3.1.7	Enciclopédias.....	28
3.1.3.1.8	Guias.....	28
3.1.3.1.9	Guias de literatura ou guias bibliográficos	29
3.1.3.1.10	Indicadores e diretórios	29
3.1.3.1.11	Manuais e tratados	30
3.1.3.1.12	Tabelas.....	30
3.1.3.1.13	Tesauros.....	30
3.1.3.2	Fontes de informação tecno-científicas	30
3.1.3.2.1	Dissertações, teses e progressos em pesquisa.....	31
3.1.3.2.2	Eventos científicos e técnicos.....	31

3.1.3.2.3	Feiras e exposições	31
3.1.3.2.4	<i>Index</i> e índices de citação	31
3.1.3.2.5	Marcas e patentes.....	32
3.1.3.2.6	Normas técnicas.....	32
3.1.3.2.7	Publicações periódicas.....	33
3.1.3.2.8	Relatórios técnicos.....	33
3.1.3.2.9	Revisões de literatura ou estado da arte.....	33
3.1.3.2.10	Traduções.....	33
3.1.3.3	Fontes estatísticas	34
3.1.3.4	Fontes de informação jurídica	34
3.1.3.4.1	Legislação.....	35
3.1.3.4.2	Jurisprudência.....	37
3.1.3.4.3	Doutrina.....	38
3.1.3.4.4	Vade-mécum.....	38
3.1.3.5	Fontes de informação para negócios	38
3.1.3.6	Fontes eletrônicas de informação	41
3.1.3.6.1	Blogs.....	46
3.1.3.6.2	Catálogo on-line e Bibliotecas Digitais	47
3.1.3.6.3	Portais	48
3.1.3.6.4	Repositórios digitais	48
3.1.3.6.5	Observatórios.....	49
3.1.3.7	Fontes de informação não tradicionais	49
3.1.3.8	Organizações como fontes de informação.....	52
3.1.3.9	Bibliografias e repertórios bibliográficos	55
3.1.3.9.1	Bibliografias de bibliografias	55
3.1.3.9.2	Bibliografias internacionais gerais	55
3.1.3.9.3	Bibliografias gerais nacionais.....	55
3.1.3.9.4	Bibliografias especializadas	56
3.1.4	Avaliação e uso das fontes de informação.....	56
3.1.5	Estudos e pesquisas sobre fontes de informação especializada.....	65
3.2	DOMÍNIO	71
3.2.1	Comunidade discursiva	74
3.2.2	Garantia da literatura	75
3.2.3	Análise de domínio.....	76

3.2.3.1	Tipos de análise de domínio	84
3.2.3.2	Elementos no gênero da análise de domínio	85
3.2.3.3	Aplicação da análise de domínio	85
3.2.3.4	Domínio organizacional	91
3.2.3.5	Domínio emergente e domínio de emergência súbita	92
3.3	TANATOLOGIA	93
3.3.1	Definições de Tanatologia	93
3.3.1.1	Conceitos atrelados	95
3.3.2	Área de atuação	97
3.3.3	Estudos de Tanatologia	98
3.3.4	Referências da temática	104
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	106
4.1	TIPO DE PESQUISA	106
4.2	TÉCNICA	108
4.3	UNIDADE DE ANÁLISE	109
4.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	110
4.5	VARIÁVEIS E DIMENSÕES DA PESQUISA	110
4.6	CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	111
4.7	ETAPAS DESENVOLVIDAS	111
4.7.1	Primeira etapa	111
4.7.2	Segunda etapa	112
4.7.3	Terceira etapa	112
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	113
5.1	ESCLARECIMENTO DO QUE SÃO FONTES DE INFORMAÇÃO	113
5.2	CONCEITUAÇÃO DA TANATOLOGIA	121
5.3	IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO EM TANATOLOGIA 124	
6	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	134
7	REFERÊNCIAS	138
	APÊNDICE A – Levantamento bibliográfico sobre fontes de informação nas bases BRAPCI e Peri, entre os meses julho e agosto de 2023	160

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia tem como foco o acervo, a própria biblioteca como organização e os usuários, sendo uma das mais antigas disciplinas que se ocupa com o acesso à informação e sua transmissão, possuindo como paradigmas as propriedades materiais, organizacionais e intelectuais. E, aliada às necessidades de obter informações relevantes no menor tempo possível, surge a Ciência da Informação priorizando o acesso à informação, possuindo como paradigmas o processo de movimentação da informação, seja desde a produção do conhecimento científico até sua representação, organização e distribuição pelos canais formais e informais (Russo, 2010).

Na interseção dos dois campos de estudo, Biblioteconomia e Ciência da Informação, encontrasse as fontes de informação, que são indicadas como o ponto inicial do processo de comunicação de Shannon e Weaver de 1948, abordado por eles como portador de mensagem/informação (Russo, 2010; Guedes; Araújo Júnior; 2014). Porém, a evolução das tecnologias da informação e comunicação, proporcionaram tanto a velocidade com que a informação é gerada como também é distribuída, e as fontes de informação que antes eram definidas como impressas, ganharam a dimensão digital e seus próprios paradigmas, como o formato, a utilidade e a disponibilidade.

Enquanto as fontes de informação eram percebidas somente no formato físico, havia a percepção de que o tipo de fonte apresentava certas características e estrutura, apresentando certas informações. No entanto, questões são levantadas a partir do momento que a internet se transforma numa fonte de informação, sendo citados aspectos da veracidade e autoridade da informação. E neste contexto, diversas fontes de informação técnico-científica se tornaram digitais, de modo a facilitar a acesso, a busca e o uso da informação.

Apesar da transformação das fontes de informação com a tecnologia, sua delimitação e definição tem sido deixada de lado pela maioria dos estudos que exploram a temática, sendo em questão de avaliação, uso ou busca da informação. Deste modo, o presente estudo viabiliza a discussão do que são fontes de informação, partindo do princípio de explorar o domínio da Tanatologia, dada como campo de investigação científica do estudo da morte e processo de morrer.

Deste modo, a revisão de literatura consiste na apresentação dos temas fontes de informação, domínio e Tanatologia. No tópico de fontes de informação são indicadas as definições, suas classificações, os tipos, a avaliação e uso das fontes de informação e, devido a exploração de uma área específica, tratou-se de estudos e pesquisas sobre fontes de informação especializada. Já no tópico de domínio, apresenta-se o que é uma comunidade discursiva, a garantia da literatura e a análise de domínio, e referente a Tanatologia, indica-se a definição, área de atuação, estudos e referências da temática.

Inicialmente, a proposta do estudo visava a construção de um guia de fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia. Porém, adaptou-se a partir da exploração da área, adotando como objetivo geral indicar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia, e como objetivos específicos esclarecer o que são fontes de informação, conceituar a Tanatologia e indicar as fontes de informação em Tanatologia.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo visa contextualizar e delimitar o estudo, indicando a definição do problema e a justificativa, a apresentação dos objetivos geral e específicos, e as delimitações da pesquisa.

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A morte de um ente querido gerou a necessidade informacional sobre a temática do luto e da morte. A fim de sanar tal necessidade, consultou-se algumas bases de dados de acesso abertos brasileiros, revelando a existência de uma variedade e conjunto de termos de indexação para representar o domínio das temáticas. Como exemplo, o termo *luto* na Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil retornou publicações indexadas com os termos *enlutado*, *enlutamento*, *luto materno*, *luto gestacional*, *luto parental*, *pesar* e no idioma inglês, citam-se os termos *bereavement*, *grief*, *grieving*, *mourning* e outros.

Sabendo da existência de produtos informacionais que auxiliam a busca da informação, tais como os vocabulários controlados, procurou-se os termos citados anteriormente – luto e morte – no Descritores em Ciências da Saúde¹ (DeCS), evidenciando que o termo *luto* tem como equivalente em inglês o descritor *bereavement*, em espanhol *aflicción* e em francês *deuil* (*perte*), e os termos alternativos, em português, têm-se *consternação*, *enlutamento*, *lamentação*, *luto materno* e *perda*. Já o descritor *morte*, apresenta-se como equivalente, em inglês *death*, em espanhol *muerte*, em francês *mort*, e os termos alternativos são *determinação da morte*, *experiência de quase morte*, *falecimento*, *fim da vida*, *final da vida*, *morte cardíaca* e *óbito*.

Apesar dos termos parecerem relacionados, no DeCS pertencem a categorias diferentes, o *luto* é classificado em psiquiatria e psicologia e a *morte* pertence a categoria de doenças. Contudo, na nota de indexação do descritor *morte* revela que “MORTE o conceito biológico, fisiológico ou psicológico; para teoria, doutrina & filosofia de morte veja TANATOLOGIA [...]” (Morte, 2022, grifo do autor). Ainda tomando como base o DeCS, o descritor *tanatologia* está na categoria de ciências humanas, a qual se refere aos “campos de pesquisa em constructos

¹ Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/>. Acesso em: 9 abr. 2023.

e preocupações humanas, em oposição aos processos naturais e às relações sociais” (Ciências Humanas, 2022).

Neste momento, a tanatologia passou a ser um assunto de interesse de investigação, pois em consulta nas bases de dados específicas da Ciência da Informação e Biblioteconomia², foram identificados poucos estudos explorando a temática, podendo citar:

- Teodorescu (2012) indica dois objetivos principais, um sendo refletir sobre o estatuto da imortalidade como produto cultural e analisar os mecanismos pelos quais pode ser vista dada a relação com a morte e sua construção simbólica, e o segundo consiste em examinar a construção simbólica não religiosa da continuação da existência através da natureza;
- Ladreno Paños e Salvador Oliván (2018) possuem como objetivo caracterizar a produção científica de enfermagem na Espanha publicado na *Web of Science*, no intervalo de 2000 a 2016, indicando como uma das conclusões que a produção científica de enfermagem é escassa em comparação com outras disciplinas da ciência da saúde. Contudo, na introdução do estudo, ressaltam que há poucos trabalhos publicados em nível internacional sobre a produção científica em enfermagem, mas citando temas que já foram abordados internacionalmente, indica-se um referente a Tanatologia³;
- Assef Neto *et al.* (2019) traçam o panorama da produção científica mundial sobre a temática da tanatologia, realizando a busca na *Web of Science*, no período de 1990 a 2018, com aplicação do filtro de acesso aberto. Indicam que os países que mais publicam sobre o tema são os Estados Unidos e Reino Unido, e quando se trata de publicação em acesso aberto o Brasil fica na 4^a posição no ranking mundial, com duas pesquisadoras entre as principais autoras, e concluem a crescente produção sobre o tema, com marcante participação do Brasil e o interesse de vários países sobre o estudo da temática;

² Bases de dados específicas da Ciência da Informação e Biblioteconomia: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos (BRAPCI); Base PERI; *E-Prints in Library & Information Science*; *Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA)*; *Information & Library Science Research Network (InfoSciRN)* da Elsevier Science, e; *Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)*;

³ Referência do estudo citado: SANTOS MENDES, A. *et al.* Scientific production on thanatology in nursing journals: systematic review. *Rer. Enferm.*, [S. l.], v. 37, n. 10, p. 8-16, 2014.

- Wang *et al* (2021) visam entender as tendências e características das mortes relacionadas ao excesso de trabalho entre os trabalhadores essenciais não clínicos da linha de frente que participaram de intervenções não farmacêuticas durante a primeira onda de covid-19 na China. Apesar do estudo não se tratar diretamente sobre tanatologia, sua recuperação na base de dados LISTA, deu-se pela atribuição do termo como assunto na base e não como palavra-chave.

Vale ressaltar que nas bases de dados consultadas, encontrou-se também alguns artigos de acesso restrito, tais como *Why College Students are Dying to Get Into 'Death Classes'* por Erika Hayasaki, publicado em 6 de março de 2014 no *The Wall Street Journal*. O *review* escrito por Vanessa Bush sobre o livro *The Death Class: A True Story About Life* da autora Erika Hayashi e o *review* de *The Study of Dying: From Autonomy to Transformation* por Feigelman. Já outros que não foram localizados via web, como *Why I... Believe People are Becoming More Interested in Studying Death* por Harriet Swain no suplemento do *Times Higher Education* do ano de 2000.

Devido a pouca exploração da Tanatologia no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, prospera-se os estudos que relacionam as áreas, onde a Biblioteconomia pode investigar os aspectos do acervo, serviços informacionais e os usuários, enquanto a Ciência da Informação estuda as propriedades da informação, como a natureza, a gênese e os efeitos da informação (Le Coadic, 1996).

Inicialmente, a pesquisa seria sobre a diversidade e variedade de termos de indexação para a temática do luto e da morte, com intuito de elaborar uma linguagem documentária para a área. No entanto, para a criação desta linguagem é necessário identificar e estudar as fontes de informação e a comunicação científica desta comunidade. Para isso, aplica-se a análise de domínio que, de acordo com Dias (2015), é um processo importante para identificar os objetos, os processos e suas relações para a construção do vocabulário de um determinado domínio, o qual poderia ser usado para as atividades de organização e recuperação da informação e do conhecimento, considerando a comunidade discursiva e a garantia literária.

Desta forma, o presente estudo volta-se para exploração da Tanatologia que, segundo Kovács (2008, p. 458), é a área de conhecimento e de aplicação que envolve cuidados a pessoas que vivem processos de morte, seja pela perda de pessoas significativas, pelos processos de

adoecimento, por comportamentos autodestrutivos, pelo suicídio ou por causas externas como a violência que existe nos centros urbanos.

Na época, Kovács (2008) revelou a existência de dois periódicos fundamentais para a sistematização da área da Tanatologia, sendo o *Omega Journal of Death and Dying* e o *Death Studies*. Além dos periódicos, havia a Association for Death Education and Counselling (ADEC) que tinha como objetivo estabelecer redes de interação com profissionais que lidam com o tema, promover encontros, *workshops* e materiais para divulgar o assunto, incrementar a educação para morte e o preparo de profissionais para atuarem na área.

Referente ao Brasil, Kovács (2008) indica o Laboratório de Estudos sobre o Luto na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), ambos laboratórios exercendo a mesma função da ADEC. A autora ainda diz que “cabe ressaltar que atualmente temos um grande acervo de livros e teses sobre o tema da morte no Brasil e propostas de disciplinas de graduação, pós-graduação e extensão de vários cursos da área da saúde” (Kovács, 2008, p. 458).

Transcorrido 15 anos do artigo de Kovács (2008), ainda existem os periódicos *Omega Journal of Death and Dying*, que está em seu 87º volume, e o *Death Studies* com seu 47º volume. Já os laboratórios, o da PUC-SP virou Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu) e o da USP continua com o mesmo nome.

Apesar de Kovács (2008) ressaltar o grande acervo sobre o tema da morte no Brasil, é contraditório a alguns estudos, como o caso de Aguiar *et al.* (2006), que é anterior ao de Kovács (2008), o qual investiga a participação do enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em unidade de terapia intensiva neonatal, pois é exposto que

A maioria das enfermeiras pesquisadas não teve embasamento teórico nem vivência durante a faculdade acerca de Tanatologia: das dez entrevistadas, apenas uma delas relatou ter tido uma disciplina que abordou o tema “morte”; refletindo, posteriormente, a necessidade de fazer cursos extracurriculares (Aguiar *et al.*, 2006, p. 136).

Outro estudo que induz a percepção do volume de estudos na área da morte é o de Nascimento *et al.* (2022), o qual objetiva compreender a percepção dos residentes de um hospital universitário sobre a morte, pois nas considerações os autores apontam que a literatura ainda é escassa em estudos sobre a compreensão da morte de si mesmos e de familiares, amigos

e/ou cônjuges de profissionais de saúde, e observa-se o não reconhecimento do processo de luto do profissional da saúde.

Considerando a incongruência quanto ao quantitativo da produção científica sobre a temática, onde Kovács (2008) ressalta ser grande, enquanto Aguiar *et al.* (2006) e Nascimento *et al.* (2022) inferem-se o contrário, cabe indicar os estudos que abordam a produção científica sobre a temática, sendo Assef Neto *et al.* (2019) e Doka *et al.* (2015).

Doka *et al.* (2015) analisam a produtividade em Tanatologia sob a perspectiva dos dois periódicos da temática, sendo o *Omega* e *Death Studies*, no intervalo temporal de 1991 a 2010, cobrindo acerca de 1550 artigos. Como resultado, indicam que houve mudanças significativas na pesquisa tanatológica, tais como o aumento da produtividade acadêmica de mulheres, a intensificação da pesquisa colaborativa e o crescimento dos estudos sobre a morte. Já Assef Neto *et al.* (2019) traçam, de forma resumida, o panorama da produção científica em acesso aberto sobre o tema na Web of Science, no período de 1990 a 2018.

Os estudos citados anteriormente não consideraram a abrangência da temática da Tanatologia e delimitaram suas análises em fontes de informação específicas. No entanto, a pesquisa de Wittkowski *et al.* (2015), como complemento do estudo de Doka *et al.* (2015), focou-se nas tendências e padrões de publicação nos periódicos *Death Studies* e *Omega*, de 1991 a 2010, apresentando as temáticas, a metodologia dos estudos e as características dos trabalhos.

Devido a divergência sobre a quantidade de pesquisas sobre a temática, a pouca variedade e quantidade de estudos analisando a produção e a produtividade científica sobre o domínio e a repetição das fontes exploradas, questiona-se sobre o acesso à produção bibliográfica sobre o domínio.

Segundo Mueller (2007), o trabalho do profissional de informação é, em grande parte, baseado no conhecimento e uso de fontes de informação sobre a literatura científica, a qual reflete características da ciência e tecnologia. No entanto, alguns fatores dificultam o trabalho deste profissional, como o fenômeno da explosão bibliográfica, a diversidade de formatos de apresentação e divulgação, o acelerado avanço do conhecimento que, conseqüentemente, influencia a obsolescência das publicações, a intensificação da interdisciplinaridade e a tendência da pesquisa em colaboração (Mueller, 2007, p. 23-24).

De acordo com Assis (2018, p. 16), a literatura científica menciona que o bibliotecário é o profissional da informação responsável por tornar acessível as informações desejadas, seja em meio físico ou digital, adotando a posição de mediador, com uso de diferentes técnicas para tratar, organizar, armazenar e disseminar a informação, contribuindo para a democratização do acesso à informação.

Gottschalg-Duque e Santos (2018, p. 47) ao tratarem sobre a concorrência e o mercado de trabalho do bibliotecário, indicam as competências que os profissionais da informação devem possuir. De acordo com Schumaker (2016 *apud* Gottschalg-Duque; Santos, 2018, p. 60-61), a área de serviços de informação e conhecimento possui como elementos

[...] Usar habilidades de gerenciamento de informação para aprender sobre um domínio, disciplina ou indústria. [...] Analisar fluxos de informação e conhecimento relevantes para o contexto e as características da comunidade e os objetivos organizacionais. Defender a gestão e o uso efetivo de sistemas e processos de informação [...].

Na área de recursos de informação e conhecimento, ele indica

[...] Gerenciar e entregar recursos relevantes de todos os tipos, mídias e formatos, inclusive publicados e não publicados, internos e externos à organização, digitais, textuais, numéricos e visuais. [...] Fornecer recursos de informações autorizadas para atender às necessidades de um público em particular, cobrir um determinado tópico, campo ou disciplina, [...]. Identificar especialistas e fontes a fim de facilitar o compartilhamento de conhecimento dentro das organizações. Ensinar a avaliar criticamente informações e fontes de informação. [...] (Schumaker, 2016 *apud* Gottschalg-Duque; Santos, 2018, p. 60-61).

E sobre a área de organização de ativos de dados, informação e conhecimento, cita-se “[...] desenvolver taxonomias e ontologias personalizadas, conforme as circunstâncias locais exigirem. [...]” (Schumaker, 2016 *apud* Gottschalg-Duque; Santos, 2018, p. 60-61).

Exposto por Almeida (2014), a justificativa de um estudo é defendida com base em argumentos de importância, originalidade, oportunidade e viabilidade. A importância se volta à contribuição do estudo, sendo para quem e porque, a originalidade considera se o estudo é totalmente novo ou sob novas circunstâncias, a oportunidade se manifesta pelo período e necessidades atuais e a viabilidade se caracteriza pelos recursos necessários para realizar o estudo, tais como obras e dados considerados relevantes (Almeida, 2014, p. 9-11).

A importância de abordar a Tanatologia, dá-se pelo próprio contexto de finitude do ser humano, pois a morte é o destino de todos os seres vivos e o morrer é o processo pelo qual todos passam. Porém, a percepção de finitude é notada, principalmente, por aqueles que estão

próximos dela, seja pessoas com doenças terminais ou em cuidados paliativos, como também pelos entes e acompanhantes destas pessoas, as quais necessitam de apoio em diversos âmbitos, sendo mental, psicológico e informacional. Tratando-se deste último âmbito, as mudanças causadas pela tecnologia influenciaram a distinção dos canais formais e informais, assim como a comunicação formal e informal, o documento primário e secundário, sendo responsabilidade do profissional da informação a identificação, coleta, organização e preservação da literatura especializada para uma determinada área do conhecimento (Muller, 2007, p. 32-33).

No sentido de originalidade, considera-se a falta de estudos e pesquisas sobre Tanatologia no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, como exposto no início deste tópico. Mesmo que exista o estudo de Assef Neto *et al.* (2019), cabe investigar a temática em diversos âmbitos, como na representação da informação, no serviço de referência, no desenvolvimento de coleções entre outros.

Em função da oportunidade, que considera o período e as necessidades atuais, pode-se citar o envelhecimento da população. Ferreira e Wanderley (2012) indicam que o censo demográfico de 2010 aponta um alargamento do topo da pirâmide etária, e tal crescimento da população idosa faz com que cresçam os estudos gerontológicos, a fim de contribuir para a compreensão de vários aspectos envolvendo o envelhecimento. Ainda na temática, Gomes, Loureiro e Alves (2012) colocam em pauta a relação do envelhecimento e a morte, dado que a velhice leva ao reconhecimento das próprias restrições e da finitude da vida. Neste sentido, considera-se a preparação e sensibilização da pessoa idosa e dos profissionais que atuam na gerontologia.

A reflexão sobre a temática do envelhecimento e finitude, possibilita que a sociedade (re)aprenda que a morte é essencial para que a vida concretize seu percurso e o diálogo sobre o processo possibilita uma compreensão do ser em suas dimensões sociais, culturais, psicológicas e espirituais, permitindo que haja uma melhor qualidade de vida (Gomes; Loureiro; Alves, 2012, p. 128-129).

Além do aspecto demográfico sobre envelhecimento, pode-se citar a pandemia do Covid-19, tendo em vista não só o adoecimento das pessoas, mas também as inúmeras perdas de vida, o caos sanitário e os enlutados diante a crise global. Tratando-se da atuação do profissional da informação, destaca-se a desinformação, as notícias falsas, o volume de estudos e as fontes de informação.

Souza, Fernandes e Freire Junior (2021) relatam a atuação do bibliotecário clínico em biblioteca médica durante a pandemia do Covid-19, revelando que dentre as principais atividades realizadas, englobou a realização de levantamentos bibliográficos, mapeamentos de fontes de informação sobre Covid-19, treinamentos em bases de dados e em fontes de informação com a equipe médica e concluem que o profissional da informação é um diferencial para instituições em saúde na busca, disseminação e gestão da informação e do conhecimento.

Estimando a viabilidade, o domínio da Tanatologia foi pouco explorado no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, como já citado anteriormente. No entanto, é amplamente discutido nas ciências da saúde. Além disso, as tecnologias da informação e comunicação (TICs), o incentivo do Estado Brasileiro com a ciência e tecnologia e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB), disponibilizam recursos informacionais estrangeiros e nacionais, como exemplo o Portal de Periódico ⁴ da Capes que, por meio do acesso da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), possibilita o acesso a bases de dados e periódicos estrangeiras.

Por fim, a justificativa do estudo se dá pela falta de exploração da Tanatologia no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a qual tem potencial de desenvolver produtos, serviços e explorar os paradigmas informacionais sobre o domínio. Com adendo da pesquisa de Almeida e Dias (2019), cujo estudo explora o estado da arte sobre análise de domínio na Ciência da Informação brasileira. Os autores percebem, devido o *corpus* da produção científica analisada, que a maioria das análises de domínio é informatizada, usando técnicas bibliométricas de análise de citação, análise de cocitação de autor, análise de palavras-chave e análise de rede para comparar visualizações de um domínio. Na discussão dos resultados observam que algumas abordagens da análise de domínio não foram encontradas, sendo elas: produção de guias de literatura e de entradas de assuntos [índices]; elaboração de classificações especiais, e; execução de análise de domínio em cognição profissional e inteligência artificial.

Considerando os aportes de Almeida (2014), a importância se volta a finitude humana, sendo a percepção sobre a morte e o morrer; a originalidade em expor, divulgar e disseminar o domínio da Tanatologia na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, a oportunidade

⁴ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 31 maio 2023.

considerando os estudos gerontológicos, o envelhecimento populacional e o pós-pandemia, e a viabilidade visto as tecnologias da informação e comunicação que facilitam acesso à informação.

Contudo, o presente estudo seria referente à linguagem documentária do domínio da Tanatologia, em função da variedade e abrangência da temática. Mas, a partir dos primeiros levantamentos da produção científica sobre a área, descobriu-se que a quantidade de estudos estrangeiros era maior que a brasileira e a definição da área ainda é difusa.

De fato, é compreensível que o estudo da teoria, filosofia e doutrina da morte possua seus mistérios e suas delimitações. Com isso, surge o seguinte problema: quais são as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo de toda pesquisa é responder ao problema formulado, considerando os fatores de tempo, os recursos disponíveis, a experiência anterior do pesquisador, as necessidades da pesquisa e área de apresentação (Appolinário, 2006 *apud* Martins; Mello; Turrioni, 2014, p. 22). Martins, Mello e Turrioni (2014) ainda informam que os objetivos devem atrelar aos fins e os resultados do trabalho, e alertam que a revisão de literatura sobre o tema não deve ser considerada um objetivo.

Nova *et al.* (2020, p. 30) diz que os objetivos da pesquisa alinham as expectativas geradas com o problema da pesquisa, indicando o que se pretende examinar e classifica os objetivos em dois tipos, o objetivo geral que se relaciona diretamente com o problema da pesquisa e os objetivos específicos que são etapas que precisamos cumprir na trajetória do trabalho para atender o objetivo geral e solucionar o problema de pesquisa. Dito isso, apresenta-se os objetivos geral e específicos nos tópicos a seguir.

2.2.1 Objetivo geral

Identificar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia.

2.2.2 Objetivos específicos

- OE1: Esclarecer o que são fontes de informação;
- OE2: Conceituar a Tanatologia;
- OE3: Identificar as fontes de informação em Tanatologia.

2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

De acordo com Duarte e Furtado (2014, p. 26), a delimitação visa selecionar um tópico ou parte a ser focalizada, a definição dos limites, o sujeito, o objeto, a extensão e a circunstância que envolve o tema. Já Nielsen, Olivo e Morilhas (2017, p. 58) esclarecem que a delimitação restringe o foco do trabalho, indica seus limites e deixa claro o que não se pretende estudar, informando as fronteiras relativas as variáveis.

Devido o objetivo geral ser a identificar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia, a pesquisa se relaciona ao campo da Biblioteconomia visto a ocupação do bibliotecário como profissional da informação, cuja função é disponibilizar informação em qualquer suporte, gerenciar unidades de informação, tratar tecnicamente os recursos informacionais, disseminar a informação e facilitar o acesso e a geração do conhecimento (Vieira, 2014).

Desta forma, a revisão de literatura se constitui dos temas principais, que são fontes de informação, domínio e Tanatologia para fundamentação teórica, e os procedimentos metodológicos visa alcançar os objetivos específicos. Questões relacionadas com a temática, tais como necessidade informacional, comportamento informacional, serviço de referência, busca e recuperação da informação não foram abarcados pelo estudo por não abranger o escopo dos objetivos.

Em aspecto da temática, a revisão de literatura se limita aos temas principais, sendo fontes de informação, domínio e Tanatologia. Demais questões relacionadas não foram incluídas, como por exemplo necessidade informacional e comportamento informacional que possuem relação com fontes de informação, mas não são temas de investigação do estudo.

Devido a temática de fontes de informação ser amplo, o tópico referente aos tipos de fontes de informação foi abordado de forma superficial, isto é, não se realizou uma pesquisa profunda em cada tipologia, pois expandiria o escopo da revisão de literatura, fugindo do foco da pesquisa. Assim como, o ensino sobre as fontes de informação, sendo considerado um tópico além deste trabalho.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura objetiva expor os estudos anteriores sobre os temas compreendidos da pesquisa, indicando as limitações dos estudos, a necessidade de continuar pesquisando e justificar as contribuições que o trabalho dará, de modo geral, a revisão de literatura situa os assuntos em pauta do trabalho (Silva *et al.*, 2020, p. 24-25).

As autoras Duarte e Furtado (2014, p. 28) dizem que o referencial teórico, também denominado de embasamento teórico, suporte teórico ou marco teórico, corresponde ao embasamento teórico da pesquisa, com apresentação dos principais autores sobre as temáticas, os conceitos e as conclusões sobre os assuntos abordados, e alertam que não se deve transcrever os diferentes autores consultados, mas sim as ideias originais e as fontes.

Por se tratar de uma monografia, entendida como “um trabalho sistemático com valor representativo que trata com profundidade sobre um tema, obedecendo a uma rigorosa metodologia científica” (Duarte; Furtado, 2014, p. 48), vale indicar as fontes consultadas.

Para a revisão de literatura, relacionado aos assuntos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, sendo *fontes de informação e domínio*, utilizou-se as seguintes fontes:

- Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação⁵ (Brapci): é um produto de informação do projeto de pesquisa *Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior*, disponibilizando referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área da Ciência da Informação, dado que 40 periódicos são ativos e 17 descontinuados, com abrangência temporal de 1972 a 2023;
- Base PERI⁶: contém referências de artigos de periódicos e trabalhos publicados em anais de eventos técnico-científicos que refletem a literatura nacional nas áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, arquivística e outras interdisciplinares, cobrindo 68 títulos de periódicos e 21 anais de eventos técnicos, com atualização diária;

⁵ Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁶ Disponível em: <http://bases.eci.ufmg.br/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

- Biblioteca Central da Universidade de Brasília: órgão da Universidade de Brasília responsável pelo provimento de informações às atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade, mantendo um acervo que atende às demandas dos discentes, docentes e comunidade;

Com a finalidade de introduzir a temática da *tanatologia*, investigou-se nas seguintes fontes:

- Biblioteca Virtual em Saúde ⁷(BVM): disponível desde 2001, veicula publicações bibliográficas produzidas pelo Ministério da Saúde do Brasil, com informações gerais na área de ciências da saúde, disponibilizando a produção institucional do Ministério, sendo livros, cartilhas, manuais, revistas, cartazes, folders, políticas, legislação e outros, e também acesso a base de dados internacionais, como Medline e Lilacs;
- Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto ⁸(Oasisbr): reúne a produção científica e os dados de pesquisa em acesso aberto, publicados em revistas científicas, repositórios digitais de publicações científicas e de dados de pesquisa, bibliotecas digitais de teses e dissertações;
- Portal de Periódicos da CAPES⁹: reúne e disponibiliza material científico nacional e internacional para instituições de ensino e pesquisa no Brasil, com objetivo de reduzir as assimetrias regionais no acesso à informação científica;
- PubMed Central¹⁰: é um arquivo de texto completo gratuito de literatura de periódicos biomédicos e de ciências da vida da *National Library of Medicine*, dos Estados Unidos,
- Scientific Electronic Library Online¹¹ (SciELO): é um modelo para publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na internet, desenvolvido para corresponder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento, particularmente na América Latina e Caribe, proporcionando uma solução para visibilidade e acesso universal à literatura científica (SciELO, 2019),

Relativo às estratégias de busca, que correspondem aos critérios utilizados como palavras-chave, período temporal, fontes e autores (Nova *et al.*, 2020, p. 47), informa-se que

⁷Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁸Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁹Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 6 jun. 2023

¹⁰Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

¹¹Disponível em: <https://www.scielo.org/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

deu preferência ao campo de busca por *palavras-chave*, pelos termos: *fontes de informação*, *information source*, *source of information*, *domínio*, *tanatologia* e *thanatology*, sem delimitação temporal, visando o aprofundamento das temáticas.

Dito isso, neste capítulo são abordadas as temáticas principais do estudo, equivalendo aos tópicos primários, referindo-se a fontes de informação, domínio e Tanatologia.

3.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

Segundo Dias e Pires (2005, p. 13), a informação é um fenômeno de comunicação presente em todas as áreas do conhecimento, com valor em função do contexto, do interesse do receptor, do grau de competência e domínio de assunto.

Na visão de Dias e Pires (2005, p. 13) os indivíduos e as organizações possuem necessidades de contar com meios que permitem procurar e obter informações confiáveis, portanto as fontes de informação são fundamentais para a percepção dos indivíduos e das organizações, agregando no futuro da ciência, da tecnologia e dos processos produtivos.

3.1.1 Definições de fontes de informação

Primeiramente, deve-se contextualizar a formação do termo *fontes de informação*, que é o conjunto das palavras *fonte* e *informação*. Indicado no dicionário da língua portuguesa, *fonte* significa “[...] 3. Origem, causa. 4. Documento (ou pessoa) de que(m) se obtém informação. [...]” (Ferreira, 2008, p. 412), e o termo *informação* é

[...] 2. Fatos conhecidos ou dados comunicados acerca de alguém ou algo. [...] 4. Tudo aquilo que, por ter alguma característica distinta, pode ser ou é apreendido, assimilado ou armazenado pela percepção e pela mente humanas. [...] 6. Fato de interesse específico, conhecido graças a observação, pesquisa e análise. [...]. (Ferreira, 2008, p. 478).

Para Le Coadic (2004, p. 4), a informação é “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em suporte”. Mas é mais que isso, a informação comporta um elemento de sentido, é um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal (Ruyer, 1954 *apud* Le Coadic, 2004, p. 4).

Já no dicionário da área de Biblioteconomia e Arquivologia, o termo *fontes de informação* significa “[...] 1. BIB documentos que fornecem respostas específicas e, entre suas

várias espécies, encontram-se: enciclopédias, dicionários, fontes biográficas, fontes estatísticas, índices, tratados e manuais específicos. [...]” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 172).

Contudo, o documento, por sua vez

[...] é o termo genérico que designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma idéia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônicos) (Le Coadic, 2004, p. 5).

Eggert (1994, p. 170) diz que “a fonte de informação é definida como aquela de natureza impressa, audiovisual e oral”, e complementa citando Kremer de 1991 informando que “o conteúdo (significado) da fonte é tomado com o sentido de fruição e/ou informação”.

Para Morigi e Bonotto (2004) o conceito de fontes de informação é amplo, pois pode incluir desde uma elaborada tese de doutorado ao mais simples objeto, e passa por vários tipos de materiais ou produtos, capazes de conservar sinais e vestígios, fornecendo subsídios para suprir lacunas informacionais. Contudo, citam Carrizo Sainero de 1994 para afirmarem que fontes de informação são

[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este [...] tudo aquilo que forneça uma notícia, uma informação ou um dado. [...] se encontram todos aqueles elementos que, submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros” (Carrizo Sainero, 1994, p. 30 *apud* Morigi; Bonotto, 2004, p. 144).

Já Oliveira e Ferreira (2009, p. 70) dizem que a exposição das informações ao julgamento da comunidade é necessária para que a informação seja disseminada e, assim, produzir conhecimento. Desta forma, o trabalho intelectual de estudiosos e pesquisadores depende de um sistema de comunicação, compreendido em canais formais e informais, para comunicar e informar os resultados alcançados. Assim, a criação de novos conhecimentos está diretamente ligada às fontes de informação. Deste modo, as autoras introduzem que

As fontes são documentos, pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento. O desenvolvimento da ciência, das tecnologias e dos meios de comunicação amplia as formas de se disseminar informação. O que antes era apenas disseminado em formato impresso, hoje se encontra em meio eletrônico (Oliveira; Ferreira, 2009, p. 70).

Maia (2010), ao falar sobre as fontes de informação ambiental, conceitua que as fontes de pesquisa se constituem em um veículo de busca e de acesso à informação de significativa

importância no desenvolvimento da pesquisa científica e na disseminação de documentos. Barros (2007, p. 9 *apud* Maia, 2010, p. 60) argumenta que descobrir e saber usar algumas “fontes de informação (ferramentas de acesso e busca) são condições essenciais para que o usuário consiga realmente se inteirar com eficiência de pelo menos parte de sua área de atuação”. E Maia (2010, p. 60) assimila e complementa dizendo que “as fontes de informação são elos entre o conhecimento existente e o pesquisador”.

Santos (2010) apresenta o conjunto de fontes de informações para geração de conhecimentos, considerando a mudança dos centros federais de educação tecnológica para institutos federais de educação, ciência e tecnologia. A autora informa que a internet pode ser considerada como a última instância da evolução das fontes de informação, devido a recuperação da informação e o efeito da gestão ou construção do conhecimento, pois “quase todas as fontes de informação estão presentes na internet: seja uma enciclopédia, livros, revistas, periódicos, sons, vídeos etc.” (Santos, 2010, p. 23). Santos (2010, p. 26), citando Mueller de 2000, caracteriza as fontes de informação especializadas como

[...] instrumentos de divulgação de conhecimentos científicos necessários para o pleno desenvolvimento das ciências. As fontes de informação especializadas podem ser formais e informais. As informais se caracterizam por conversas entre pesquisadores em encontros científicos, *email* entre outros. Já as fontes formais são aquelas que passam por análise seja de um corpo editorial ou comissão avaliativa e são publicadas nos diversos meios de comunicação científica.

Entre as fontes de informação e as fontes de informação especializada, existem as fontes de informação específicas. Azevedo (2012, p. 151) descreve essas fontes como

[...] que contêm informações voltadas para uma temática bem definida [...] são caracterizadas pelas informações que elas detêm, voltadas para um foco, para um assunto, por exemplo, fontes científicas, tecnológicas, para negócios, financeiras, jurídicas.

Paiva (2014, p. 63, grifo nosso), ao conceituar fontes de informação, indica que “o conceito de fonte de informação é amplo e remete a inúmeros tipos de **recursos informacionais**”. Apresentando Burke de 2003, a autora concorda descrevendo que

[...] são as práticas informacionais que definem o que é uma fonte de informação. O posicionamento do autor é importante porque leva em conta o sujeito que interpreta se algo é fonte de informação. Tal interpretação remete às dimensões semânticas e pragmáticas da informação (Paiva, 2014, p. 63).

Desta forma, adentra-se aos fenômenos informacionais e as relações entre os sujeitos, instrumentos e contextos em que a informação se manifesta, expondo a essência da área da

Ciência da Informação, à medida que incorpora as teorias da linguagem e dos signos, e assim a autora justifica a possibilidade de encarar as narrativas indígenas como fontes de informação (Paiva, 2014).

Vieira (2014) que apresenta a obra *Introdução à Teoria Geral da Biblioteconomia*, informa que “uma fonte de informação é um recurso que responde a uma necessidade informacional dos usuários (Guia da BVS, 2011 *apud* Vieira, 2014, p. 137).

Nesta conjuntura, Rendón Rojas (2005 *apud* Paiva, 2014, p. 63) para distinguir informação e conhecimento, toma como critério as fontes de onde decorrem as atividades que se realizam e os resultados, com a concepção de que a informação se origina de dados e objetos sensíveis, enquanto o conhecimento tem como fonte a informação mesma. Nesta conjuntura, a autora diz que “a informação nos leva a entender que os dados se tornam fonte de informação a partir da valoração dos usuários da informação” (Paiva, 2014, p. 63). E citando Pereira e Bufrem (2002, p. 197, *apud* Paiva, 2014, p. 63) a publicação de recursos informacionais não garante relevância ou uso, dado que “a publicação da literatura em qualquer área do conhecimento [...] não garante que, por um lado, seja relevante ou significativa e, por outro, que venha a ser efetivamente utilizada pelos usuários potenciais”.

Araujo e Fachin (2015), buscam a reflexão da evolução das fontes de informação, em questão e função dos suportes e meios de comunicação e informação. Abordam que para entender qual é aplicação das fontes de informação para a sociedade atual, classifica-se como fontes de lazer, conhecimento e aprendizado. Em síntese,

Uma fonte de informação pode ser um documento, um link, fotografia, áudio, base de dados ou um repositório, em tempos de web 4.0, acrescenta-se fonte de informação o armazenamento de documentos em nuvem. Fonte de informação pode ser qualquer coisa, tem a característica de informar algo para alguém, por esse motivo é abrangente a sua aplicação (Araujo; Fachin, 2015, p. 83).

No entanto, as autoras falam que

[...] o mais significativo sobre o que vem a ser uma fonte de informação, é saber usá-la, pois as fontes de informação são relevantes para seleção de informações diante da necessidade de uma pessoa, organização ou grupos de pesquisadores, para os afazeres cotidianos; quando um paciente pesquisa em um guia telefônico o contato de um médico especializado, está utilizando uma fonte de informação; um engenheiro à procura de normas para executar um procedimento de medida, encontra o que precisa em uma fonte de informação, ISO, NBR; um leitor buscando uma reportagem em um site de notícias, o site e a notícia passam a ser a fonte de informação (Araujo; Fachin, 2015, p. 83).

Silva (2015) ao falar sobre os recursos educacionais abertos como fonte de informação, indica que fontes de informação são

[...] quaisquer recursos informacionais, ou seja, tudo o que gera ou veicula informação (fotografias, pessoas, internet, livros, periódicos, etc.). Sua principal função é atender às necessidades de conhecimento. Assim sendo, é possível caracterizar as fontes de informação como recursos que respondem à necessidade de informação de um usuário (Silva, 2015, p. 66).

Santos e Aquino (2016) citando Campello, Caldeira e Macedo de 1998, traz três funções que as fontes de informação podem assumir, sendo: (i) manifestação intelectual criativa onde as expressões são criadas pelo homem para mostrar suas ideias e sentimentos, como literatura; (ii) formas de registros da informação, que se refere as expressões para facilitar o intercâmbio de saberes/conhecimentos, como dicionários, livros didáticos, fontes biográficas, televisão e etc, e; (iii) unidades de reunião, organização e disseminação da informação, neste caso as bibliotecas, arquivos e museus.

Fachin e Araújo (2018, p. 37) pontuam que

As fontes de informação explicitam uma informação, independente de seu formato ou canal de comunicação [...] Está sempre atrelada a finalidade à que se destina, seu formato pode ser variado [...] depende da especialidade de cada segmento para o qual ela se propõe.

Paula, Silva e Blanco (2018, p. 97) dizem que o conceito das fontes de informação está diretamente relacionado à necessidade de informação do leitor, pois “ele vincula-se à demanda de atualização como o progresso corrente de um assunto, necessidade de informação específica diretamente ligada ao trabalho cotidiano, conhecimento, lazer e/ou cultura”.

Santa’Anna (2019) na introdução de seu trabalho informa que as fontes de informação são recursos que subsidiam o processo de pesquisa em todas as áreas de conhecimento. Assim, fala que “as fontes de informação são documentos (informação registrada/materializada em um suporte) utilizados para transmitir um conhecimento específico” (Santa’Anna, 2019, p. 15). E complementa dizendo que “essas fontes são produtos elaborados pelo próprio ser humano e requerem, para sua criação, a existência de dois elementos fundamentais: a informação e um suporte”.

Araujo e Mota (2020, p. 62, grifo dos autores) dizem que “as fontes de informação na área da Ciência da Informação são ‘instrumentos’ para realização de pesquisas, sejam elas

fontes primárias, secundárias ou terciárias, contendo respectivamente dados primários, secundários ou terciários”.

Lima e Andrade (2021) apresenta a afirmativa de Gomes e Dumonte de 2015, dizendo que as fontes são “[...] veículos potenciais que podem possuir uma determinada informação para um determinado sujeito para satisfazer uma determinada necessidade” (Lima; Andrade, 2021, p. 148). Dito isso, informam-se que a concepção de que as fontes têm uma finalidade definida e sua categorização visa satisfazer a necessidade dos usuários de forma precisa.

3.1.2 Classificação das fontes de informação

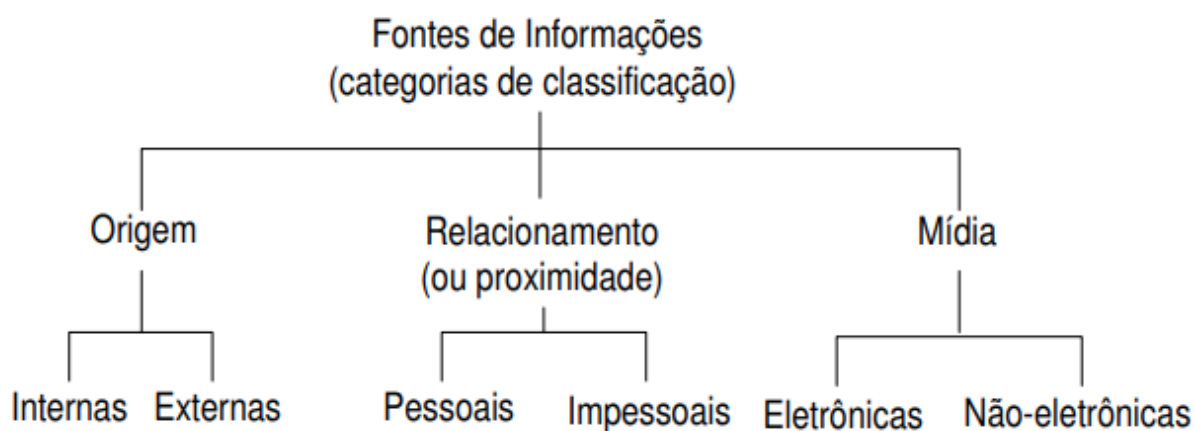
De acordo com Montalli (1991), pode-se sistematizar as fontes de informação em individuais, institucionais e aquelas disponíveis em papel, microfimes, disquetes, CD-ROM etc., onde as individuais são contatos pessoais que auxiliam na solução de questões administrativas e técnicas, as institucionais são entidades compostas de indivíduos que podem servir de fontes de informação e que podem fornecer publicações. As fontes de informação publicadas são compostas por dados e/ou informações organizadas e apresentadas de forma racional para consulta. Outra forma de classificar as fontes de informação seria pelo seu conteúdo, como o caso de fontes de informação para negócios, fontes de informação técnicas e fontes científicas de informação (Montalli, 1991, p. 46).

Apesar de Rosetto (1997) tratar-se sobre os novos materiais bibliográficos que estavam surgindo na época, tais como livro eletrônico e biblioteca eletrônica, categoriza a classificação das fontes de informação bibliográfica, informando a classificação da fonte – primária, secundária e terciária – o tipo e o meio.

Dias e Pires (2005, p. 22) indicam que na Biblioteconomia e Ciência da Informação, as fontes são classificadas em três, sendo fontes primárias, secundárias e terciárias. Já Muller (2007, p. 30-31), ao falar sobre o sistema de comunicação científica e a literatura científica, aponta os documentos como fontes produzidas ao longo do processo de pesquisa, mas seguindo a mesma classificação de primários, secundários e terciários.

Referente a categorização, Oliveira (2009) cita Pereira e Barbosa de 2008 para demonstrar na Figura 1 as categorias de classificação das fontes de informação.

Figura 1 - Categorização das fontes de informação



Fonte: Oliveira (2009, p. 213), adaptado de Pereira e Barbosa de 2008.

Outra forma de classificar é a partir do canal de recepção, que Silva (2015) citando Campello, Cendón e Kremer de 2000, falam que canais são os meios pelos quais os cientistas e pesquisadores utilizam para comunicar os resultados de seus trabalhos. Assim, Araújo (2001, p. 4 *apud* Silva, 2015, p. 68), informa que existem

- a) Canais formais: periódicos, vídeos e livros;
- b) Canais informais: palestras, reuniões entre os componentes de organizações e os beneficiários de seus serviços, trocas de experiências, e conversas face a face;
- c) Canais semi-formais: participação em fóruns temáticos (utilizando simultaneamente textos, periódicos, conversas face a face e correio eletrônico) e desenvolvimento de pesquisas, utilizando simultaneamente livros, periódicos e conversas face a face.

Vieira (2014, p. 137) aponta no tópico de fontes de informação classificação de acordo com a tipologia das informações, sendo:

Gerais: são as informações relacionadas a várias áreas do conhecimento humano;

Biográficas: são as informações sobre a vida das pessoas;

Textuais: são as informações em forma de literatura;

Gráficas: são as informações em forma de esquemas, desenhos, ilustrações, fotos e imagens;

Cadastrais: são as informações sobre indivíduos, produtos, equipamentos, editores, fornecedores, etc.

Geográficas: são informações sobre locais, regiões, países, cidades, etc.

Numéricas: são informações sobre estatísticas, preços, grandezas, etc.

Bibliográficas: são informações que permitem a identificação de documentos publicados.

Santos e Aquino (2016) já condensa a classificação em fontes formais e informais, que caracterizam as fontes primárias, secundárias e terciárias, mas ainda se encontra categorizações ante as funções, ações e finalidades. As fontes formais de informação possibilitam a compilações bibliográficas e as fontes informais dispensariam a formalidade do registro, como as cartas, comunicações orais, mensagens eletrônicas e outras.

3.1.2.1 Fontes primárias

Contêm informações originais ou novas interpretações de fatos ou ideias já conhecidas (monografias, artigos de periódicos, publicações seriadas, relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, teses, dissertações, patentes, literatura comercial, normas técnicas etc.). (Dias; Pires, 2005).

Grogan (1992 *apud* Muller, 2007, p. 31) descreve as fontes primárias como dispersas e desorganizadas considerando a produção, divulgação e controle, devido sua natureza. Os documentos primários são produzidos, geralmente, com a interferência direta do autor da pesquisa. Registram informações que estão sendo lançadas no corpo do conhecimento científico e tecnológico e por essa razão são difíceis de serem identificadas e localizadas (Muller, 2007, p. 31).

Rosetto (1997) indica nas fontes primárias os tipos: monografia, multimeio, periódicos, publicações não convencionais e como meio as: fita cassete, disco compacto, disquete, filme, manuscrito, fita magnética, microforma, texto impresso, videocassete e outros.

Gonçalves e Silveira (2021, p. 95) apresenta que as características das fontes primárias são:

- Registram informações no momento de sua publicação, no corpo de conhecimento científico e tecnológico;
- Informação original, protagonismo, o pensamento original do autor e o seu compartilhamento;

- Proximidade com a fonte original;
- Novas evidências sobre o assunto;
- Dispersas em sua localização.

Os exemplos de fontes primárias de acordo com Gonçalves e Silveira (2021) são: manuscritos, rascunhos de um livro, trabalhos apresentados em congressos, artigos de periódicos impressos ou eletrônicos, dissertações, teses, relatórios técnicos, patentes, diários, cartas, autobiografias, entrevistas inéditas, discursos, imagens artísticas originais como pinturas, testamentos, partituras musicais, normas técnicas etc.

3.1.2.2 Fontes secundárias

Visam facilitar o uso do conhecimento expresso nas fontes primárias, apresentam a informação filtrada e organizada, em forma de arranjo definido (enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões de literatura, bibliografias, tratados) (Dias; Pires, 2005).

Muller (2007, p. 31) explica que o fato de as fontes primárias serem difíceis de serem identificadas e localizadas, fez com que gerassem as fontes secundárias. A autora também informa que tais fontes apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, mas completa dizendo que depende de sua finalidade.

Rosetti (1997) nas fontes secundárias indica como tipos os dicionários, enciclopédias, manuais, revisões, tabelas, anuários e outros, e como meios o texto impresso, microforma, disco compacto, disquete, fita magnética e acesso online.

Gonçalves e Silveira (2021, p. 95) aponta como características das fontes secundárias:

- Contêm informações sobre documentos primários e orientam o usuário na sua pesquisa;
- Sofrem a influência daqueles que interpretam e avaliam as fontes primárias;
- Colabora para a localização das fontes primárias.

Sendo exemplos de fontes secundárias os: dicionários, enciclopédias, revisões de literatura, filmes, vídeos, biografias, bases de dados, livros, anuários, manuais, bibliografias,

publicações ou periódicos de indexação e resumos, artigos de revisão, catálogos etc. (Gonçalves; Silveira, 2021, p. 95).

3.1.2.3 Fontes terciárias

Objetivam guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias (bibliografias de bibliografias, periódicos de indexação e resumo, catálogos coletivos, guias de literatura, diretórios etc.) (Dias; Pires, 2005). Muller (2007, p. 31) inclui também os serviços de indexação e resumos.

Rosetti (1997) indica nas fontes terciárias os tipos de índice, resumo, guia, catálogo online e outros, e como meios o disco compacto, disquete, texto impresso, microforma e acesso online.

Como características das fontes terciárias, Gonçalves e Silveira (2021, p. 95) citam:

- Constituem-se na reunião das fontes primárias e das fontes secundárias;
- São complexas em sua elaboração;
- Guiam os usuários às fontes primárias e secundárias.

Gonçalves e Silveira (2021) dão como exemplo de fonte terciária: bibliografias, serviços de indexação e resumo, catálogos coletivos, guias de literatura, diretórios, almanaques etc.

3.1.3 Tipos de fontes de informação

Dias e Pires (2005) apresentam diversos tipos de fontes de informação, separando-as em fontes de referência, fontes de informação tecno-científicas, bibliografias, fontes eletrônicas e fontes específicas, como informação para agronegócios, estatística, financeira, geográfica, turística e jurídico-legislativa.

Cunha (2010) indica as fontes conforme a função, isto é, fontes biográficas, fontes geográficas, fontes estatísticas e fontes jurídicas. Desta forma, o formato e manifestação da informação corresponde ao tipo de fonte, diferente de Dias e Pires (2005) que abordam as diferentes manifestações das fontes.

3.1.3.1 Fontes de referência

As fontes de referência indicam e/ou endereçam o usuário à informação primária, estas fontes são classificadas como secundárias, pois apontam referências bibliográficas de livros, trabalhos de congressos, teses, artigos de periódicos, patentes e outros, incluindo índices que ajudam a localizar a informação por diferentes meios, abrangendo dados informativos e conhecimentos sobre um assunto ou tópico, especificamente como informações enciclopédica, histórica, bibliográfica, biográficas, estatísticas, endereço etc. (Dias; Pires, 2005, p. 22).

3.1.3.1.1 Almanques

Nome de anuário ou publicação que tem por base algum calendário, contendo matéria recreativa, científica, humorística, literária e informativa, sendo que alguns apresentam dados biográficos resumidos de personagens vivos e mortos (Dias; Pires, 2005, p. 23).

3.1.3.1.2 Anuários

Publicação anual com informações que variam de um ano para outro, apresentando dados estatísticos sobre diversos assuntos e países do mundo, com os aspectos de: procedência internacional, nacional ou privada; origem da informação, primária quando os dados são tomados diretamente na fonte ou secundários quando são elaborados mediante outras fontes; reservados ou confidenciais, e; temático, sendo geral com dados sobre vários temas ou especializado quando se delimita a um campo de interesse ou setor de atividade (Dias; Pires, 2005, p. 24).

3.1.3.1.3 Atlas

Coleção, álbuns, livros de cartas geográficas ou cadernos compostos de lâminas, planos, retratos, referentes ao texto de uma obra qualquer, com os tipos: físico, topográfico, político, histórico ou temático (Dias; Pires, 2005, p. 25). Já Cunha (2010, p. 83) expõe que os atlas fazem parte das fontes de informação geográfica, correspondendo a coletânea de mapas, organizados com determinado critério, sendo definido também como um conjunto de ilustrações, planos e gráficos.

3.1.3.1.4 Banco e bases de dados

A temática de banco de dados e bases de dados é abordada por Albrecht e Ohira (2000). De acordo com Cianconi (1987 *apud* Albrecht; Ohira, 2000, p. 131), conceitua-se *bases de dados* como “um conjunto de dados interrelacionados, organizados de forma a permitir a

recuperação de informações” e *banco de dados* como “um conjunto de bases de dados”, mas para Heemann (1997 *apud* Albrecht; Ohira, 2000, p. 131) as *bases de dados* são “como um arquivo ou um conjunto de arquivos computacionais no qual são armazenados dados, permitindo a recuperação e atualização de informações”.

Ferreira (2000 *apud* Alrecht; Ohira, 2000, p. 132) indica a evolução das bases de dados por ordem cronológica, sendo:

- 1951 – Bases de dados numéricos;
- 1960 – Bases de dados bibliográficos;
- 1970 – 10 bases disponíveis em 2 bancos de dados (acesso *on-line*);
- 1986 – Bases em suporte de CD-ROM;
- 1990 – 3.200 bases hospedadas em mais de 40 bancos de dados (acesso em rede: Dialog, Orbit, Questel e outras) e;
- 1997 – Milhões de computadores ligados em rede, globalizando a informação.

Em 1994, de acordo com Cunha e Rowley, as bases de dados poderiam ser classificadas em dois tipos:

- **Bases de dados referenciais:** visam encaminhar ou orientar o usuário para outra fonte que pode ser um documento, uma instituição ou um indivíduo, a fim de obter informações adicionais ou conseguir o texto integral (Rowley, 1994 *apud* Alrecht; Ohira, 2000, p. 132). Nessa classificação inclui as **bases de dados bibliográficos**, que inclui citações bibliográficas acompanhadas, ou não, dos resumos dos trabalhos; as **bases de dados catalográficos** que representam o acervo de uma biblioteca ou rede de bibliotecas, sem indicação do conteúdo dos documentos e as **bases de dados referenciais**, possuindo informações ou dados, como nomes e endereços de instituições, dados característicos de guias, cadastros, diretórios etc.
- **Bases de dados de fontes:** contém os dados originais e constituem um tipo de documento eletrônico, podendo ser agrupados de acordo com seu conteúdo, sendo as

bases de dados numéricos que incluem dados numéricos e estatísticos, as bases de dados de texto completo as que contêm notícias de jornais, especificações técnicas, artigos de periódicos, dicionários, as bases de dados textuais e numéricos, sendo as que misturam dados textuais e numéricos e as bases de dados gráficos, que apresentam fórmulas químicas, imagens, logotipos.

Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 42) dizem que as bases de dados é uma coleção de registros, normalmente, gerenciada por um sistema de busca, que variam em conteúdo – páginas web, patentes, dados estatísticos, normas técnicas, periódicos científicos – e quando reunidas, formam os bancos de dados.

3.1.3.1.5 Biografias

Relatam a vida e atividade de uma pessoa, com registro de informações sobre o nascimento, escolaridade, vida profissional e familiar, as crenças, obras escritas ou produções, e a morte da pessoa; os tipos são: autobiográficos, quando o registro é feito pela pessoa em diferentes momentos da vida, como correspondência, diários e memórias; biografias quando o registro ou a história da vida de uma pessoa é escrita por outra e o autor baseia seu relato em consultas a fonte; biobibliografias sendo biografias resumidas para verbetes selecionados, listando a produção bibliográfica, algumas delas listam obras sobre a vida do biografado e/ou críticas do trabalho do biografado; biografias informativas que são objetivas; biografias críticas, a qual avaliam as realizações e a obra do biografado; interpretativas que enfatizam fatos importantes da vida da pessoa, e; ficcionalizadas, que recontam a história de pessoas reais por meio da criação de cenas (Dias; Pires, 2005, p. 25-26).

Cunha (2010, p. 63-65) complementa as fontes biográficas dizendo que inclui pessoas importantes ou com relevância internacional, ou até mesmo para cidade, estado ou região, com escopo universal ou com certas limitações, como localidades geográficas ou incluindo somente pessoas falecidas ou somente pessoas vivas. O autor ainda informa que as principais fontes de informação biográficas são: enciclopédia, dicionário biográfico, diretório ou cadastro, periódico, entidades especializadas. Logo, nota-se que uma fonte de informação não se limita a sua manifestação, mas sim ao conteúdo e estrutura.

3.1.3.1.6 Dicionários

Conjunto de vocábulos de uma língua ou de termos próprios de uma ciência ou arte, arranjados alfabeticamente com o respectivo significado ou sua versão em outra língua, os tipos são: gerais de língua ou linguísticos; especializados de uma língua; de termos especiais ou especializados; de nomes; biográficos; biobibliográficos; de citações; etimológicos; de princípios históricos; de gírias; de sinônimos e antônimos; de abreviaturas e/ou siglas; geográficos; monolíngues; bilíngues; dicionários políglotas; eletrônicos, e; terminologias ou glossários (Dias; Pires, 2005, p. 26-28).

Obra de referência que informa sobre palavras e sua grafia, incluindo a pronúncia, significado, etimologia, sinonímia e antonímia, também define termos científicos e técnicos de forma simplificada (Cunha, 2010, p. 19).

3.1.3.1.7 Enciclopédias

Obra em um ou vários volumes de síntese, organizado de forma alfabética ou sistemática, trazendo informações sobre todo o domínio do conhecimento ou sobre uma disciplina em particular, correspondem a um recurso educativo e de aprendizagem de um assunto, os tipos são: gerais ou universais, especializados ou especiais, geográficos ou temporais (Dias; Pires, 2005, p. 29).

Cunha (2010, p. 1-4) informa que a enciclopédia serve para encontrar artigos curtos e condensados sobre os mais diversos assuntos, geralmente, escritos por especialistas e incluem ilustrações, mapas e bibliografia com obras básicas sobre a temática da enciclopédia. Não serve como fonte única, mas são úteis como orientação inicial e se adequa como fonte para assuntos já consolidados.

3.1.3.1.8 Guias

Trazem informações sobre um assunto determinado, proporcionando uma visão ampla, descrevendo características especiais e fornecendo informações práticas sobre uma região geográfica, um produto, uma instituição ou assunto (Dias; Pires, 2005, p. 30).

Os guias podem ter um significado mais estreito conforme descrito por Cunha (2010, p. 93) como fontes de informação turística, juntamente com os portais de viagem, pois a globalização e a redução nos custos de viagens internacionais tornaram comum a busca por

informações referentes a cidades e recantos turísticos, fazendo com que a literatura sobre viagens crescesse em grande proporção, informando sobre hotéis, restaurantes, pontos de interesse, consulados, aluguel de carro, câmbio.

3.1.3.1.9 Guias de literatura ou guias bibliográficos

Relacionam literatura e fontes de informação de uma determinada área, incorporando comentários a respeito do material citado e apresentando uma visão geral da produção bibliográfica da área, também podendo ser denominados de guias de fontes de informação, pois inclui informações sobre instituições, produtos, publicações e serviços de uma determinada área (Dias; Pires, 2005, p. 31).

Almeida e Dias (2019) informam que os guias de literatura são

[...] publicações que selecionam, listam e descrevem os recursos de informação em uma ou mais áreas. Concentram-se na literatura de referência (bibliografias, dicionários, enciclopédias, etc.) com base na literatura primária e podem incluir texto além das entradas bibliográficas. São usados como interface para guiar e ajudar o usuário a navegar no oceano da literatura, bancos de dados e informações com o objetivo de gerenciar a literatura (Almeida; Dias, 2019, p. 28).

Medeiros e Bouças (1980) revelam que o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e a Fundação Casa de Rui Barbosa construíram um grupo de trabalho para a elaboração do *Guia Preliminar de Fontes para História do Brasil: Instituições Governamentais no Município do Rio de Janeiro*, visando incluir o levantamento bibliográfico dos inventários impressos encontrados nas instituições que seriam objeto de atenção do trabalho. Porém, a tarefa foi desmembrada em construir o guia inicial e a prospecção de fontes, indicando como resultado nesse artigo a bibliografia se tratando de instrumentos de busca impressos, relativos ao Brasil, existentes nas bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro.

3.1.3.1.10 Indicadores e diretórios

Exibem informações classificadas por ordem alfabética, numérica, cronológica ou sistemática para identificar e localizar pessoas, documentos, organizações, lugar ou objetos, oferecendo informações sobre endereços, telefones, atividades, funcionamento e/ou componentes de uma instituição governamental, economia, produto etc. (Dias; Pires, 2005, p. 32).

Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 41) informam que os diretórios são frequentemente denominados de repositórios, pois são depósitos ou pontos de armazenamento de arquivos ou

locais centrais que estocam e mantêm informações digitais, geralmente dados ou arquivos de computador. As autoras indicam que pode ser uma coleção de índices e bases de dados, cujo acesso pode ser gratuito, com listas alfabéticas ou classificadas de nomes, organizações ou assuntos, contendo título, endereços, afiliações e outros dados profissionais.

3.1.3.1.11 Manuais e tratados

Os manuais ou *handbooks* são obras didáticas que indicam noções essenciais de uma arte, ciência ou técnica; e os tratados são documentos que expõe um determinado domínio do conhecimento de uma área, podendo ser completo ou resumir tudo que é conhecido sobre um determinado assunto de forma científica, direcionado a cientistas ou estudiosos da área (Dias; Pires, 2005, p. 33).

3.1.3.1.12 Tabelas

Apresentação não-discursiva de informações cujo dado numérico se destaca como informação central (IBGE, 1993 *apud* Dias; Pires, 2005, p. 34).

3.1.3.1.13 Tesouros

Lista de termos ou vocabulários controlados de determinado assunto ou área, contendo relacionamentos entre os termos para facilitar a indexação e a recuperação dos documentos em catálogos e bases de dados (Dias; Pires, 2005, p. 35).

3.1.3.2 Fontes de informação tecno-científicas

Montalli (1991, p. 46) apresenta as fontes divididas em técnicas e científicas, onde as fontes técnicas de informação são compostas por normas técnicas, especificações e regulamentos, patentes, fontes sobre legislação e sistemas e informação baseados em computador. Enquanto as fontes científicas incluem os livros-texto, periódicos científicos, artigos de revisão, resumos, índices e outras bibliografias, anais de congressos, conferências e base de dados.

São entendidas como fontes de informação tecno-científicas a literatura científica e técnica, os artigos publicados em periódicos/revistas científicas, as patentes e o conjunto de publicações de circulação interna ou restrita, tais como os relatórios, teses, anais de congresso, atas de reuniões, conferências, *pre-prints*, normas e outras, chamados de literatura cinzenta (*grey literature*) ou não-convencionais (Dias; Pires, 2005, p. 36).

3.1.3.2.1 Dissertações, teses e progressos em pesquisa

Representam uma pesquisa original sobre determinado tema, produzidos com a finalidade de obtenção de grau acadêmico, considerados materiais não-convencionais de literatura cinzenta (Dias; Pires, 2005, p. 36).

3.1.3.2.2 Eventos científicos e técnicos

Corresponde às conferências, congressos, convenções, cursos, fóruns, mesas-redondas, painéis de debates, seminários, simpósios, *workshops* para apresentação e discussão de trabalhos de especialistas (Dias; Pires, 2005, p. 37).

Nesta tipologia de fonte pode citar os anais, documentos gerados dos encontros científicos, considerados publicações não convencionais, isto é, não se encontram disponíveis através dos canais comerciais são classificados como literatura cinzenta, pois o rigor da qualidade editorial é baixo (Mello, 1996, p. 54).

No estudo de Mello (1996), analisou-se características dos anais de encontros científicos como fonte de informação, a partir de quatro eventos nacionais. Dentre os resultados obtidos, destacam-se a questão do “amadorismo” na editoração e produção dos anais, como falhas de datilografia, mas no ponto de vista da publicação no todo, a normalização bibliográfica da maior parte dos elementos analisados – folha de rosto, sumário e paginação contínua – tiveram presentes nos anais.

3.1.3.2.3 Feiras e exposições

Eventos para divulgação de novos equipamentos, processos, produtos e serviços, podendo ser gerais ou específicas, comumente fazem parte de eventos profissionais (Dias; Pires, 2005, p. 40).

3.1.3.2.4 Index e índices de citação

O *index* é o arranjo de citações bibliográficas sobre informações contidas nos diversos tipos de publicações, principalmente nos periódicos, coleções e obras coletivas, e o índice de citação é a lista de documentos citados, apresentados na nota de rodapé ou lista bibliográfica no final do texto, seguido dos trabalhos que os citaram, serve de base para estudos bibliométricos da literatura científica (Noronha; Ferreira, 2000 *apud* Dias; Pires, 2005, p. 40).

3.1.3.2.5 Marcas e patentes

Ambas são protegidas pela propriedade intelectual, sendo que a marca indica a procedência ou denominação de origem e as patentes possuem a descrição técnica detalhada e estrutura uniforme que permitem a qualquer interessado obter, de forma eficaz, a informação desejada (Dias; Pires, 2005, p. 41).

França (1997) apresenta as questões entorna da patente como fonte de informação tecnológica, revelando sobre o sistema de propriedade industrial, marcas, patentes e seus aspectos. Em resumo, as patentes possuem estatuto patentário que tem sido modificado ao longo do tempo, envolvendo motivações políticas e econômicas dos Estados. Contudo, a patente como fonte de informação tecnológica, deveria ser

[...] a mais importante fonte primária de informação tecnológica, pois permite o conhecimento de novas tecnologias e de inovações basilares para a indústria, de forma mais rápida e a partir da descrição original do invento. [...] Entretanto, raramente a patente é levada em consideração, quer pelo usuário tecnologista ou engenheiro, quer pelo profissional da informação, no momento de recuperação de informações técnicas (França, 1997, p. 251-252).

Ravaschi, Faria e Quoniam (2010) investigam os documentos de patentes como fonte de informação nos trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, da Universidade Estadual de Campinas, na área de engenharia química, durante o período de 2000 a 2007. Revelando que 16,4% dos trabalhos analisados utilizaram patentes como fonte de informação e citaram esse tipo de documento.

3.1.3.2.6 Normas técnicas

É o documento que reflete a consolidação de uma tecnologia, sendo encontrado definições dos parâmetros de um produto, a padronização e os métodos para sua certificação, define as especificações, características, procedimentos e métodos (Dias; Pires, 2005, p. 44).

No campo da ciência e tecnologia, a norma técnica é “um documento que indica regras, linhas básicas ou características mínimas que determinado produto, processo ou serviço deve seguir” (Cunha, 2001, p. 6). No Brasil, tem-se a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que reconhecem as normas, especificações, métodos de ensaio e outros, mas na falta de alguma norma, pode-se utilizar, consultar, as normas da Organização Internacional de Normalização (ISO) ou de outros locais, como a American National Standards Institute (ANSI) (Cunha, 2001, p. 7).

3.1.3.2.7 Publicações periódicas

São publicações seriadas com periodicidade fixa, geralmente compostas por textos de autoria diversa e os tipos são: jornais, boletins, *current contents*, *news letter*, *abstracts* e *clipping* (Dias; Pires, 2005, p. 45-46).

Silva (1993) informa que tradicionalmente a investigação científica utiliza como veículo de informação o texto, com ênfase em especial às revistas, visto sua frequência de publicação e diversidade que permite um acompanhamento do avanço da ciência nos múltiplos domínio. Entretanto, a autora destaca o surgimento da publicação dos resumos, citando a revista *Chemical Abstracts*, publicada pela American Chemical Society em 1907, no intuito de ser um instrumento que sistematizasse o fluxo de artigos científicos.

3.1.3.2.8 Relatórios técnicos

Indicam os resultados, processos ou descobertas de uma investigação ou estudo, cujo documento expõe o desenvolvimento, desempenho e a descrição de atividades, aplicado em empreendimento comercial, industrial, financeiro e outros (Dias; Pires, 2005, p. 47).

Cunha (2001, p. 30) apresenta que os relatórios técnicos é um tipo de documento que apresenta resultados de projetos técnico-científicos, com indicação de testes efetuados para comprovação e avaliação, sendo elaborados, geralmente, com linguagem concisa e centrado no conteúdo, fazendo com que o leitor acompanhe o processo e o desenvolvimento a partir da leitura.

3.1.3.2.9 Revisões de literatura ou estado da arte

Corresponde à análise da literatura selecionada de uma determinada área do conhecimento, visando o desenvolvimento do assunto a partir da literatura em um determinado período, podendo apresentar a síntese e críticas das principais ideias apresentadas pelos diferentes autores (Dias; Pires, 2005, p. 47).

3.1.3.2.10 Traduções

É a transposição do texto de um idioma para outro, é a forma de atender à necessidade do usuário por uma língua acessível, o que permite o acesso à informação e a divulgação de perfis de interesse (Dias, Pires, 2005, p. 48).

3.1.3.3 Fontes estatísticas

A estatística pode ser definida como um conjunto de métodos e processos quantitativos para estudar e medir fenômenos coletivos, referente à população ou universo de pessoas ou coisas, objetivando as leis do comportamento para todo o conjunto (Cunha, 2010, p. 106).

Os dados estatísticos podem ser classificados a partir do ponto de vista da origem dos dados – primários, quando são produzidos a partir da coleta de dados ou secundários, quando extraídos da análise de dados estatísticos primários – da abrangência geográfica, dos dados coletados – censo, indicadores sociais, pesquisa amostral, registros administrativos de órgãos oficiais – e devem possuir algumas características, tais como atualidade, confiabilidade, continuidade e padronização (Cunha, 2010, p. 107-109).

Cunha (2010) indica como fontes estatísticas algumas instituições, bases e banco de dados, anuários estatísticos e dicionários e enciclopédias de estatística.

3.1.3.4 Fontes de informação jurídica

O direito tem como objetivo a regulamentação das relações humanas, viabilizando a paz e prosperidade no meio social, impedindo a desordem e o crime, e tal área possui linguagem própria, o que interfere na recuperação da informação.

Guimarães (1993) diz que a documentação jurídica se tornou objeto de maior atenção por parte dos usuários e documentaristas, visto que o texto de lei, pareceres e acórdãos de jurisprudência constituem tipos específicos de documentos da área do direito, o qual possui propósitos definidos e usuários determinados.

Miranda e Miranda (2017, p. 79) dizem que

Os meios pelos quais a informação jurídica se manifesta acompanham as mudanças das evoluções tecnológicas, revestindo-se das mais variadas formas tais como: homepage, correio eletrônico, periódicos eletrônicos, sites dos tribunais que disponibilizam suas jurisprudências, diários oficiais, livros, monografias, comunicação interpessoal, súmulas, coletânea de textos legais, bases de dados etc.

Os autores dizem que “entende-se por fontes de informação jurídica o lugar de onde o bibliotecário extrai a informação a fim de repassá-la à comunidade jurídica ou ao cidadão comum, que a busque, visando atender aos interesses de suas pesquisas” (Miranda; Miranda, 2017, p. 81). Contudo, o que dificulta o trabalho com a informação legislativa é a revogação

implícita ou subentendida, o que está ou não em vigor e inexistência de revogação expressa (Miranda; Miranda, 2017, p. 82).

Ferreira e Maculan (2018) discute em seu artigo os conhecimentos para atuação do bibliotecário jurídico, referente à compreensão das características, estrutura e função das fontes de informação jurídica, com foco na legislação, jurisprudência e doutrina. Contudo, ressalta-se as fontes da informação jurídica para pesquisa, pode-se citar:

- LexML – Rede de Informação Legislativa e Jurídica: é uma rede de informação legislativa e jurídica, liderada pelo Senado Federal que pretende organizar, integrar e dar acesso às informações disponibilizadas nos portais de órgãos públicos. É um portal especializado em informação jurídica e legislativa que reúne e integra leis, decretos, acórdãos, súmulas, projetos de leis, e outros documentos da esfera federal, estadual e municipal, dos poderes Executivo, Legislativo e Jurídico de todo o Brasil;
- Rede Virtual de Bibliotecas (RVBI): uma rede cooperativa de bibliotecas, coordenada pela Biblioteca do Senado Federal, com objetivo de atender às demandas de informações bibliográficas dos órgãos mantenedores. O acervo registrado na base de dados bibliográfica da RVBI prioriza a temática da área do direito, especificamente doutrina, além das áreas das ciências humanas e sociais;
- Tribunais superiores e estaduais: portais de cada tribunal, tanto superior quanto estaduais do judiciário e de contas, em busca pela jurisprudência.

3.1.3.4.1 Legislação

A legislação corresponde de forma material ao conjunto de atos normativos emanados de autoridade competente, possuindo uma hierarquia, sendo:

- a) Constituição;
- b) Emenda Constitucional;
- c) Lei Complementar;
- d) Lei;

e) Decreto (decreto executivo, decreto reservado ou secreto, decreto, decreto sem número, decreto judicial, decreto legislativo, decreto especial ou individual e decreto regulamentar);

f) Decreto-lei (revogado pelo art. 25 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988), sendo criada a Medida Provisória;

g) Resolução;

h) Portaria;

i) Circular;

j) Ordem de Serviço (Guimarães, 1993, p. 43-44).

Segundo Cunha (2010), o conjunto de leis pode ser chamado de legislação, que se refere à reunião de atos normativos emanados por autoridade competente, cujos atos possuem uma hierarquia, sendo:

- Constituição: lei fundamental e suprema de um Estado, contendo as normas dos poderes públicos, distribuindo competências, direitos e deveres, com sinônimos de carta constitucional, carta magna e lei maior;
- Código: coleção de leis que formam um conjunto metódico e sistemático de disposições legais relativos a um assunto ou ramo do direito, com sinônimos de regras e preceitos;
- Decreto: ato normativo da competência do chefe do poder executivo no intuito de prover situações gerais ou individuais, de modo expresso ou implícito na lei;
- Decreto legislativo: ato que regula matérias de competência exclusiva do Congresso Nacional com efeitos externos a ele;
- Edital: ato escrito oficial com determinação, aviso, postura, citação etc., que afixa lugares públicos ou anuncia na imprensa para conhecimento geral, ou de alguns interessados, ou de pessoa destinada cujo destino se ignora;
- Emenda constitucional: uma modificação no texto da Constituição que deve ser aprovada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em votação nominal, por três quintos dos votos dos membros de cada casa legislativa;
- Instrução normativa: ato normativo de um órgão governamental para certos ramos de atividades, dado o exemplo da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL),

responsável pela área das telecomunicações, expedindo os atos normativos visando a interpretação de alguma lei;

- Lei: regra geral e permanente a que todos estão submetidos;
- Lei complementar: tipo de lei que não apresenta a rigidez dos preceitos constitucionais e tampouco comporta a revogação por força de lei ordinária superveniente, resguarda certas matérias de caráter paraconstitucional contra mudanças céleres ou apressadas, sem expressar rigidez que dificultaria sua modificação;
- Lei delegada: editado pelo presidente da República em virtude de autorização do poder legislativo, expedida mediante resolução e dentro dos limites nela traçados;
- Lei ordinária: ativo primário que contém normas gerais e abstratas;
- Medida provisória: possui força de lei que pode ser editada pelo presidente da República em caso de relevância ou urgência;
- Portaria: documento emitido por autoridade administrativa contendo ordens e instruções sobre aplicação de leis, decretos ou recomendações (Cunha, 2010).

3.1.3.4.2 Jurisprudência

Exposto por Guimarães (1993, p. 47-48), a jurisprudência se trata de um trabalho interpretativo do texto legal, indispensável quando ocorrem lacunas na lei a ser aplicada ao caso concreto, sendo um conjunto uniforme e constante das decisões judiciais sobre casos semelhantes.

Segundo Cunha (2010, p. 129) corresponde ao “conjunto de decisões proferidas pelos tribunais nos casos concretos sob sua responsabilidade; em sentido restrito, refere-se à decisão dos tribunais sobre um determinado ponto de direito.”

Os tipos de jurisprudências são (Cunha, 2010, p. 129):

- Acórdão: decisão do tribunal, peça escrita com o resultado de julgamento proferido por um colegiado – grupo de juízes ou ministros – composto do relatório com exposição geral sobre o assunto, o voto com a fundamentação da decisão tomada e dispositivo, sendo a decisão, e nos casos de dissídios coletivos, os acórdãos também são chamados de sentença normativa;
- Decisão monocrática: decisão final em um processo tomado por um único juiz ou, no caso do Supremo Tribunal Federal, por um único ministro;
- Sentença: decisão proferida por um juiz num processo;

- Súmula: resumo da orientação jurisprudencial de um tribunal para casos análogos;
- Súmula vinculante: súmula aprovada pelo Supremo Tribunal Federal, de ofício ou por provocação, mediante a decisão de dois terços dos seus membros, depois de reiteradas decisões sobre matéria constitucional. Depois da publicação na imprensa oficial, terá efeito vinculante aos demais órgãos do poder judiciário e à administração pública direta e indireta, nas esferas federal, estadual e municipal. Podendo ser revisada ou cancelada pela Suprema Corte, na forma estabelecida em lei.

3.1.3.4.3 Doutrina

Segundo Guimarães (1993, p. 42) o termo doutrina se origina do verbo latim *docere*, que significa ensinar, instruir. Neste sentido, a doutrina é conceituada por Macedo (1977 *apud* Guimarães, 1993, p. 42) como “resultado do pensamento sistematizado sobre determinado problema, com o objetivo principal de ensinar”. Desta forma, a doutrina consiste na teorização do conhecimento jurídico feito por especialistas da área e expressa publicações monográficas ou seriadas, assim é na doutrina que se encontra a preocupação com o caráter científico da informação jurídica, através do estabelecimento de conceitos, definições, estruturas e princípios para os institutos expressos na legislação e aplicados pela jurisprudência (Guimarães, 1993, p. 42).

São os trabalhos teóricos que propõem a interpretação das leis e dos processos jurídicos, têm como função o clareamento e organização do direito, apresentam a sistemática do sistema jurídico e as soluções. A produção documental na área de doutrina é manifestada em livros, artigos de periódicos, textos diversos, vídeos e outras formas de registrar o conhecimento (Cunha, 2010, p. 130).

3.1.3.4.4 Vade-mécum

O termo *vade-mécum* vem do latim que significa “vai comigo”, funciona como coletânea de códigos que reúne normas legais e outras obras, organizadas de modo a facilitar o manuseio, economizando o tempo e espaço. É um tipo de obra consultada por estudantes e profissionais do direito, com relevância em manter a edição mais recente (Cunha, 2010, p. 140).

3.1.3.5 Fontes de informação para negócios

Montalli (1991, p. 46) descreve que as fontes de informação para negócios, disponíveis no mercado internacional, consiste em relatórios anuais de companhias, diretórios de companhias, produtos e serviços, relatório de pesquisas de mercado, revistas técnicas, manuais,

guias de design, revistas de empresas, revistas de negócios, publicações estatísticas, catálogos de manufaturas, jornais e publicações oficiais.

Aguilar (1967 *apud* Pereira, 2016, p. 102) distingue as fontes de informação como pessoais e impessoais, denominando como *fontes pessoais* aquelas que envolviam interação entre pessoas durante o processo de busca, e *fontes impessoais* quando o pesquisador se utilizava de canais de comunicação que não envolvia interação “cara-a-cara” com o provedor de informações. As categorizações de fontes, segundo Aguilar, seriam *fontes externas pessoais*, *fontes externas impessoais*, *fontes internas pessoais* e *fontes internas impessoais*.

Outro estudo sobre o acesso à informação de empresas multinacionais de grande porte nos Estados Unidos, elaborado por Kobrin *et al.* em 1980, classificava as fontes de informação em duas categorias, sendo internas e externas. Já para Degent em 1986, as fontes de informação utilizadas pela maioria das empresas poderiam ser classificadas pelos tipos: competidores, governo, fornecedores, clientes, associações profissionais, associações de classe, empregados, consultores e imprensa especializada (Pereira, 2016, p. 102-103).

Montalli, em 1987, classifica as fontes de informação em três tipos, correspondendo a fontes de informações técnicas, fontes de informação para negócios e fontes de informação científica. Sutton por sua vez, em 1988, identificou quatro grupos de fontes de informação relevantes pelos administradores, sendo fontes internas, contatos diretos com o setor de negócios, informações publicadas e outras fontes (Pereira, 2016, p. 103).

Já Fuld, em 1993, aponta algumas fontes de informação utilizadas no trabalho de monitoramento da concorrência, mas sem categorizá-las, indicando como fontes: artigos de jornais, revistas, publicações especializadas, relatórios de analistas de investimentos, estudos publicados, planos de expansão, anúncios dirigidos, anúncios de ofertas de emprego, calendário de eventos, exposições e feiras, pesquisas especiais, *clippings* de notícias, literatura sobre produto, arquivos públicos e contatos pessoais (Pereira, 2016, p. 103).

Choo (1998 *apud* Pereira, 2016, p. 103-104) apresenta a categorização de fontes de informação em três níveis, sendo elas: fontes pessoais, subdivididas em fontes internas ou externas; fontes documentais, subdivididas em fontes publicáveis ou documentos internos da organização, e; fontes eletrônicas, formada pelas bases de dados *on-line*, CD-ROMs e *internet*. Esta última é destacada no processo de disseminação da informação, citando o *e-mail*, grupos

e *chats* de discussão, grupos de notícias, sites e portais como fontes eletrônicas, onde a internet é meio de transmissão de informações.

Cendón (2002 *apud* Pereira, 2016, p. 104) expõe o conjunto de informações usadas por administradores para tomada de decisão, chamando-as de informação para negócios. Estas informações são compostas por informação tecnológica, definida como o tipo de informação que contribui para o desenvolvimento industrial, abrangendo conhecimento técnico, econômico, mercadológico, gerencial e social. Citando outros autores, Pereira (2016, p. 104) inclui nas informações para negócios as informações mercadológicas, financeiras, estatísticas, jurídicas e informações sobre empresas e produtos, além de tendências nos cenários político-social, econômico e financeiro em que operam as organizações.

Ferreira, Jardim e Ziviani (2018) elabora uma revisão de literatura sobre as fontes de informação para geração da inteligência competitiva. Dizem que

As empresas e o mercado na era informacional produzem um grande volume de dados que podem ser filtrados e organizados de forma a produzir significado. Dessa maneira, os mesmos são convertidos em informação. A forma de obtenção desses dados posteriormente transformados é chamada de fonte de informação (Ferreira; Jardim; Ziviani, 2018, p. 54)

Sendo assim, o gerenciamento das informações nas empresas gera um fluxo composto por etapas contínuas e organizadas sistematicamente, com indivíduos atuantes e incumbidos dessa gestão, utilizando as informações obtidas através das fontes (Ferreira; Jardim; Ziviani, 2018). Citando Ribeiro de 2009 e Rodrigues e Blattman de 2014, apresentam o agrupamento de fontes da seguinte forma:

- **Fontes pessoais externas:** compostas por pessoas ou informações obtidas de fora da organização, tais como colegas de outras empresas, clientes, concorrentes, consultores, corretores, parceiros, feiras e palestras;
- **Fontes pessoais internas:** são pessoas ou informações de dentro da organização, como empregados, colegas de trabalho, superiores hierárquicos, sócios;
- **Fontes pessoais eletrônicas:** compreende nas informações em bases de pesquisa da web, como email pessoal ou da empresa, fóruns, grupos de discussão online;

- **Fontes impessoais externas:** sendo documentos produzidos fora da empresa, como as revistas, jornais, livros, relatórios, periódicos técnicos, regulamentos etc.;
- **Fontes impessoais internas:** são os documentos produzidos dentro da empresa, como os relatórios, estudos, memorandos, arquivos em papel e anotações de trabalho;
- **Fontes impessoais eletrônicas:** são os documentos eletrônicos em geral, sendo a *intranet*, base de dados eletrônica da empresa, *site* da empresa, bancos de dados, *sites* de notícias etc.

3.1.3.6 Fontes eletrônicas de informação

As fontes eletrônicas de informação, de acordo com Dias e Pires (2005, p. 95), correspondem às fontes de informação disponíveis em meios eletrônicos, tais como a internet, CD-ROM, DVDs e outros. Segundo as autoras, as redes de computadores constituem um ponto crucial dos serviços bibliotecários, pois permite o acesso a uma gama de bases de dados, catálogos de bibliotecas e acervos.

Segundo Araujo e Fachin (2015), os meios eletrônicos de informação são aqueles que utilizam eletricidade, desta forma McLuhan (2007 *apud* Araujo; Fachin, 2015, p. 86-87) afirma que o primeiro meio eletrônico de informação foi o rádio, possibilitando por meio de onda eletromagnética a propagação da informação de áudio entre o emissor e o receptor, mas com a televisão integrou a imagem ao som, transformando a comunicação autor e telespectador. No campo da ciência, foram as bases de dados disponíveis em disquetes, mais tarde em CD-Rom, consequentemente a publicação de revistas científicas, livros digitais (*e-books*), repositórios, redes sociais, marcadores de conteúdo entre outros.

Com a globalização, o mundo se conectou por meio de tecnologias específicas que foram aperfeiçoadas para proporcionar a interação dos cenários mundiais, iniciando a microinformática, o computador pessoal e o servidor em rede. Devido a rede, formou-se as teias de comunicação, interconectadas que permitisse a troca de informação, seja de âmbito pessoal, organizacional, pública ou privada, dando espaço as fontes de multimídia, com formatos de informações que permitem interagir nessas redes, o que têm proporcionado desenvolvimento

de cursos online com acesso ao material de estudo via rede, troca de informações via chat e sala de bate-papos, assistir aulas por vídeo conferência e outros (Araujo; Fachin, 2015, p. 89).

Tomaél (2008) diz que a internet é considerada uma fonte valorosa de informação que subsidia pesquisas de estudantes de ensino fundamental até pesquisas de alta tecnologia, possuindo recursos de diversas formas, tais como textos, imagens, sons, fotos, vídeos, músicas, animação, multimídia e outros, contribuindo para o trabalho, estudo, pesquisa e diversão. Desta forma, o uso das fontes na internet é favorecido pela facilidade de acesso e em tempo real, fazendo com que o usuário ganhe tempo e obtenha uma resposta imediata à necessidade informacional.

No entanto, Silva (2015, p. 68) apresenta que “a internet é considerada por alguns autores como fonte de informação e por outros como apenas como um veículo de disponibilização das mesmas”. Porém, a autora diz que a internet vem desordenando os conceitos e classificações atribuídas às fontes de informação.

Baggio, Costa e Blattmann (2016) exploram os instrumentos para localização de fontes de informação. Segundo as autoras, as tecnologias de informação e comunicação mudaram os canais formais e informais, modificando, ampliando e diversificando a transmissão da informação, sendo mais rápida e eficiente. Citando Pinheiro (2006 *apud* Baggio; Costa; Blattmann, 2016, p. 35) o entendimento do que são as fontes de informação correspondem à origem da informação, existindo uma classificação para as diversas origens cujos critérios são o seu conteúdo, propósito ou função, e se tratando das fontes ou recursos informacionais eletrônicos, abrangem os três tipos de fontes: primárias, secundárias e terciárias.

Contudo, Cunha (2010, p. 153) informa que a busca na web pode apresentar inúmeras dificuldades, sendo elas relacionadas às informações e/ou aos usuários e a interação com o sistema de recuperação. São listadas:

- a) Em relação às informações:
 - dados armazenados em computadores de diversos fabricantes, modelos ou sistemas operacionais;
 - alta taxa de mortalidade das informações; a vida média de uma página na web é de cerca de 70 dias;
 - grande volume de dados e altas taxas de crescimento mensal no número de páginas web;

- qualidade dos dados deixa a desejar, isto é, nem sempre são atualizados, são mal escritos e com erros de digitação;
 - baixa qualidade dos conteúdos das páginas web;
- b) Em relação ao usuário e sua interação com o sistema de recuperação:
- dificuldades para especificar os termos que descrevem uma pergunta ou necessidade de informação;
 - dificuldades para entender os resultados fornecidos pelo sistema de recuperação;
 - dificuldades para identificar o sítio relevante por ocasião de recuperação que resulte em dezenas e até milhares de registros;
 - cansaço ou desmotivação em folhear mais do que três páginas com o resultado da busca. (Cunha, 2010, p. 153).

Rodrigues e Crespo (2006) destaca que algumas fontes de informação tendem a unificar seus serviços e recursos que antes eram disponibilizados em um tipo único, como os índices impressos. Pode-se dizer que as bibliotecas e repositórios digitais exercem tal unificação, dado a possibilidade de buscar, localizar e obter o documento. As autoras indicam como fontes de informação eletrônica os periódicos científicos eletrônicos, as bases de dados, as ferramentas de busca na internet, as bibliotecas digitais e bibliotecas digitais de teses e dissertações, as publicações de acesso livre, os *e-books*.

Eduvirges e Santos (2013) expõe no *Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação* o trabalho contextualizando a internet na sociedade da informação. Os autores dizem que existem diversas tecnologias da comunicação e informação para suprir as necessidades informacionais. A internet expandiu as formas de comunicação, mas também a maneira de publicar as informações técnico-científicas mais rápido. No entanto, a quantidade de documentos disponíveis, exige o conhecimento de algumas técnicas de buscas e o usuário deve

[...] verificar a data, a autenticidade, e a pertinências do documento, não se deve confiar em qualquer informação que é recuperada na internet, sem antes fazer uma **breve avaliação do conteúdo**. Isso ocorre pela **facilidade de publicações sem antes passar por critérios avaliativos**, por isso é importante observar bem informações publicadas, antes de utilizar para estudo e pesquisa.

Para se realizar buscas para pesquisas, o ideal que as buscas sejam feitas em **sites de instituições de ensino, de conhecimento acadêmico, em sites onde os trabalhos publicados passam por um processo de avaliação com critérios estabelecidos** para futuras publicações na rede (Eduvirges; Santos, 2013, p. 6, grifo nosso).

Anastácio e Vieira (2013) trazem como resultado parcial do mapeamento de fontes de informação em ambiente *web* para ciência a tecnologia dos pesquisadores da Fundação Centro

Tecnológico de Minas Gerais (CETEC), que nos últimos anos antes da pesquisa, observaram uma severa redução de manda pelos pesquisadores às fontes impressas oferecidas pelo Setor de Informação Tecnológica. Tal setor lidava com as temáticas do CETEC, sendo elas: tecnologia mineral, tecnologia metalúrgica e de materiais, biotecnologia, tecnologia ambiental, metrologia e ensaios e informação tecnológica. Devido as mudanças tecnológicas, expõem que pretenderão mapear as fontes de informação técnico-científicas na internet utilizadas pelos pesquisadores da instituição. Como resultado parcial e considerações, as autoras revelam que os pesquisadores utilizam fontes de informações como livros, normas técnicas, teses, notícias em jornais e revistas que estão disponíveis na internet, como também bases de dados nacionais ou internacionais, bibliotecas virtuais, artigos, patentes e outros. Destacam que o Portal de Periódicos da CAPES é uma das fontes de informação muito utilizadas pelos pesquisadores, mas por pertencerem a universidades, e não por causa do CETEC.

Cassotta *et al.* (2017) discutem sobre os recursos do conhecimento, que são entendidos por eles como

[...] meios de que se pode dispor ou ainda, ferramentas utilizadas na finalidade de apoiar o armazenamento, compartilhamento e reutilização de conhecimento científico, cujo intuito maior é a integração e/ou relacionamento entre autores, pesquisadores, professores e estudantes para o trato de informação de interesse em comum (Cassotta et al, 2017, p. 19).

Deste modo, Cassotta *et al.* (2017) informam que os recursos do conhecimento podem ser agrupados em cinco categorias, sendo:

1. Bases de dados com sistema de alerta de novas publicações: foram criadas com o propósito de disponibilizar em um único *site* centenas de revistas científicas para ajudar pesquisadores na busca por informações relacionadas às suas pesquisas, como exemplos se tem a *Dialnet*, a *Web of Science*, o *Portal de Periódicos CAPES*;
2. Bases de dados de teses e dissertações: cita-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sendo um mecanismo de busca que integra bibliotecas digitais de teses e dissertações das universidades brasileiras, sendo mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict); o Portal de Teses e Dissertações da CAPES, sendo o sistema online oficial do governo brasileiro para depósito de teses e dissertações brasileiras vinculado ao Ministério da Educação;

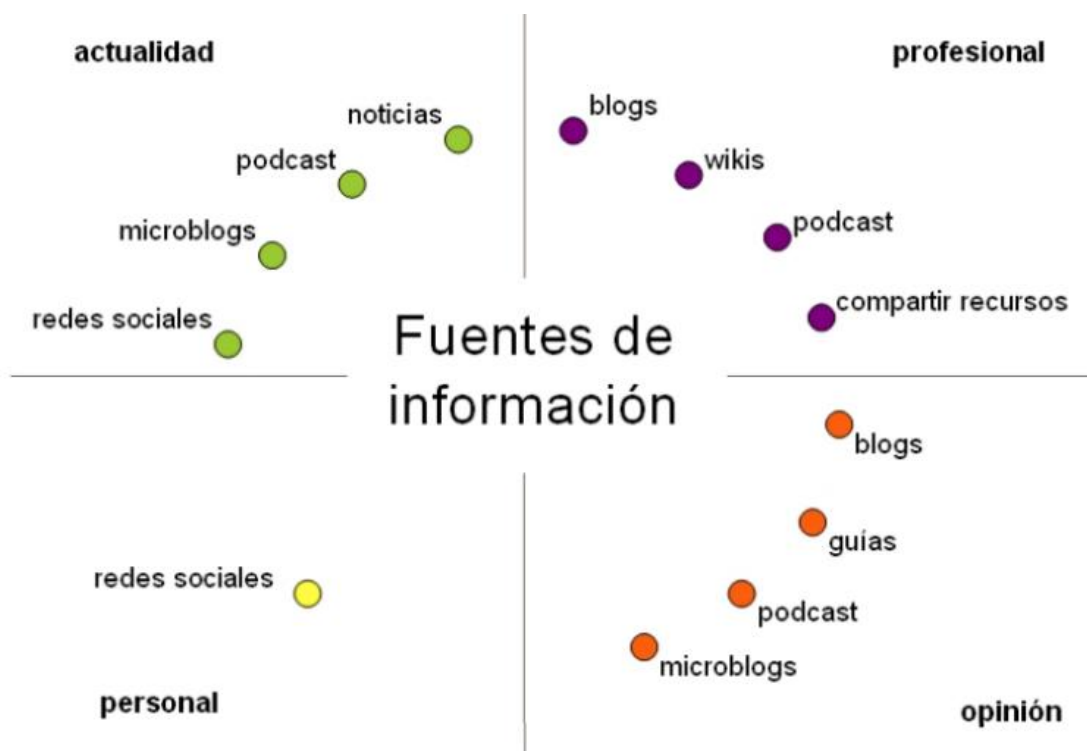
3. Gestores de referência bibliográfica: permitem que os usuários publiquem e compartilhem as suas referências e gerencie sua lista de referências, os principais são: *Citeulike, Mendeley, Zotero, EndNote e RefWorks*;
4. Mecanismos de apoio: são considerados aqueles que dão suporte às atividades dos pesquisadores científicos, no quesito de processo de divulgação e compartilhamento das pesquisas, sendo exemplo *AuthorMapper, Content Curation, Google Alerts, Open Research and Contributor ID (ORCID)*;
5. Redes sociais acadêmicas: os pesquisadores socializam suas publicações acadêmicas em sistemas de redes sociais, como *Facebook, Twitter*, e outros, sendo citado a *Academia.edu, MethodSpace, ResearchGate* e outros (Cassotta *et al.*, 2017).

Cassotta *et al.* (2017, p. 30) conclui que

[...] na medida em que se torna complexa a busca e compartilhamento de informação diante da sobrecarga informacional existente na *web*, novos padrões e recursos surgem como forma de amenizar esta problemática e auxiliar pesquisadores das comunidades científicas e acadêmicas nas produções bibliográficas e compartilhando destas com demais pesquisadores. Então, iniciativas de pesquisas e formas de identificação de autores e suas pesquisas, tornam-se vitais para a ampliação de mais recursos do conhecimento.

Melo Alves e Santos (2018) informam um panorama das fontes e recursos informacionais. De grande valia, elaboram um quadro com propostas internacionais de classificação das fontes e recursos informacionais, apontando os autores, critérios, classificação das fontes e recursos, ano e país. No entanto, para este estudo, destaca-se a classificação das fontes com o advento da *web 2.0* (Figura 2).

Figura 2 - Fontes de informação na web 2.0



Fonte: Arroyo (2009 *apud* Melo Alves; Santos, 2018, p. 41).

Tomaél (2008) organiza o livro *Fontes de Informação na Internet* para colocar em pauta os impactos e as tipologias de fontes devido à tecnologia, a qual entra na categoria de fontes eletrônicas de informação. Deste modo, apresentam-se nos tópicos a seguir as fontes de informação na internet.

3.1.3.6.1 Blogs

Exposto por Alcará e Curty (2008), os *blogs* são recursos da *World Wide Web* que estão em constante desenvolvimento, recebendo adeptos que são produtores (publicadores) e os usuários (leitores). Citando Recuero, de 2003, os *blogs* surgem como ferramentas simples de criar conteúdo em *website*, sendo fácil criar e manter por não ter necessidade de ter conhecimento algum de programação para a *web*. Para Rodrigues (2004 *apud* Alcará; Curty, 2008, p. 83) a maioria dos *blogs* podem ser considerados comunidades virtuais, dado a possibilidade de criação de *links* para outros *blogs*, a troca de opiniões e os comentários a respeito das ideias disponibilizadas.

A respeito da classificação dos *blogs*, poderiam se classificar em: diários eletrônicos, com o propósito da pessoa colocar pensamentos, fatos e acontecimentos do dia a dia;

publicações eletrônicas disponibilizam informação de revistas, notícias, dicas e comentários sobre um assunto específico, sem objetivar comentários pessoais, mas as vezes aparecendo; ou mistos, por poderem conter tanto diários quanto publicações específicas (Alcará; Curty, 2008, p. 84).

Aplicando os *blogs* no ambiente científico, tratando-os como fonte de informação científica, pressupõe a discussão acerca da qualidade da informação veiculada neste espaço. Entretanto, é um possível canal de comunicação informal em ambiente *web* para o processo de discussão da ciência, exercendo a função de mecanismo de produção e divulgação de conteúdo, onde pesquisadores utilizam como alternativa prática e ágil para acelerar as discussões e os questionamentos (Alcará; Curty, 2008, p. 89).

No estudo de Pinheiro (2014), verifica-se a utilização de dois recursos informacionais eletrônicos brasileiros, sendo os blogs e listas de discussão em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Referenciados estudos sobre utilização de *blogs* e listas de discussão, apresenta que é um potencial ambiente informacional, mas os dados coletados e expostos, demonstram sugestões e reclamações relacionadas as essas fontes pelos professores, tais como o nível de confiabilidade, falta de divulgação, preocupação com atualização e outros. Por fim, diz que “o desafio para os educadores é tornar os blogs e as listas/grupos de discussões fontes atrativas e construtivas perante a concorrência de outras redes sociais, como por exemplo, o *facebook* e o *twitter*, que também se bem utilizadas são importantes” (Pinheiro, 2014, p. 186).

3.1.3.6.2 Catálogo on-line e Bibliotecas Digitais

Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 38-39) falam que os catálogos surgem para armazenar e registrar as informações sobre documentos existentes no acervo e sua função é de encontrar, identificar, selecionar e obter recursos bibliográficos. Indica-se obras existentes por autor ou qualquer outro responsável pela publicação, indica nomes das instituições ou entidades das quais a biblioteca possui e dispõe uma ordem de entrada de autor para possibilitar a identificação das obras.

As tecnologias da informação e comunicação proporcionaram novas condições e formas das bibliotecas armazenarem, recuperarem e disponibilizarem os registros do conhecimento, transformando significativamente os processos de aquisição, tempo e espaço (Souza, 2008, p. 159).

Neste sentido, com o uso da internet, as bibliotecas passaram a disponibilizar seus catálogos *on-line*, os *On-line Public Access Catalogs* (OPAC), permitindo, normalmente, a consulta por autor, título, assunto e outros pontos de acesso, a fim de indicar a localização e disponibilidade no acervo, e tratando-se das bibliotecas digitais, além da consulta e recuperação dos itens, já disponibiliza os próprios documentos em formato digital (Souza, 2008).

3.1.3.6.3 Portais

O portal é um *site* na internet que engloba conteúdos de outros *sites* ou uma reunião de páginas, *sites* e *websites* da *internet*, com a finalidade de promover o acesso facilitado a quem busca informação (Baggio; Costa; Blattmann, 2016, p. 40-41).

3.1.3.6.4 Repositórios digitais

Silva e Tomaél (2008) apresentam os repositórios de informação como novo modelo de publicação em ambiente digital, cumprindo um papel no contexto da informação científica e tecnológica em favor do equilíbrio no mercado da informação. De acordo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (2008 *apud* Silva; Tomaél, 2008, p. 127), os repositórios digitais “são sistemas de informação que armazenam, preservam, divulgam e dão acesso à produção intelectual de comunidades científicas”.

Os repositórios podem ter objetivo acadêmico-científico, pretendendo tornar visível e compartilhável a produção científica da instituição de ensino superior e de sociedades científicas ou artístico, cultural e social, o qual reúne, trata e armazena documentos de interesse geral, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural. A respeito do conteúdo, pode ser temático, focado em determinado domínio do conhecimento ou institucional, comumente multidisciplinar e destinado à produção de uma instituição específica, agrupando produções acadêmico-científicas, técnicas e administrativas (Silva; Tomaél, 2008, p. 128-129).

De acordo com Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 35), os repositórios digitais surgiram a partir do movimento de acesso aberto como um novo canal de informação de forma a aumentar a visibilidade da produção científica. Na visão de Murakami e Fausto (2013 *apud* Baggio, Costa e Blattmann 2016, p. 36), os repositórios digitais representam a rápida evolução da comunicação científica no ambiente virtual, devido a Iniciativa de Arquivos Abertos (*Open Archive Initiative* – OAI) e o Movimento de Acesso Aberto (*Open Access Movement* – OAM). E Kuramoto (2012 *apud* Baggio; Costa; Blattman, 2016, p. 36) tipifica os repositórios como

institucionais, com a produção científica de uma instituição; temático para a produção científica de uma determinada área do conhecimento; governamentais para registrar documentos de órgãos governamentais, e; agregador, o qual reúne registros de outros repositórios.

3.1.3.6.5 Observatórios

Albuquerque, Rita e Pinto (2023) introduzem ao estudo dos observatórios de informação, cujas funções são de investigar os conteúdos percebidos no processo de observação e de informar a comunidade alvo, possuem base tecnológica, por tratarem dados primários, e têm a finalidade de auxiliar de maneira certa e confiável na tomada de decisão dos usuários, gestores públicos, agentes internacionais, empresários e cidadãos.

Marcial (2009, p. 3 *apud* Albuquerque; Rita; Pinto, 2023, p. 370) informa que “a missão de um observatório é vigiar e detectar o que ocorre em seu âmbito de atuação, e seu valor agregado se sustenta em: 1) buscar a informação; 2) discernir sua relevância; 3) organizá-la de modo coerente e 4) apresentá-la de forma clara”.

3.1.3.7 Fontes de informação não tradicionais

Caldeira (1988) no intuito de explorar o uso de fontes de informação por professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, indicou alguns tipos de fontes de informação para os professores. Contudo, vale dizer que os professores do Departamento de Desenho indicaram como fontes alternativas os: salões bienais, exposições, museus e galerias de arte. Além desses alternativos, foram citados os outros suportes do registro da informação, como *slides*, filmes, videocassete, audiovisuais, fitas cassete e discos, foram apontados pelos professores.

Morigi e Bonotto (2004) exploram a capacidade da narrativa musical capaz de identificar os conteúdos significativos relativos aos valores e sentimentos ligados a tradição de grupos sociais regionais, constituindo-se então de uma fonte de informação. Neste contexto, apontam fontes julgadas não convencionais para o mundo acadêmico, como as próprias fontes pessoais, os depoimentos, as histórias de vida, os testamentos, os objetos artesanais e artísticos, as fotografias, os álbuns de famílias e as gravações sonoras com cações populares entre outros. E destacam que tais fontes começam a obter relevância e reconhecimento, principalmente nos campos das ciências sociais, sendo as áreas da antropologia, sociologia, história, folclore e artes,

mas também nas ciências sociais aplicadas, citando a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia (Morigi; Bonotto, 2004, p. 145).

Outra fonte de informação é a literatura de cordel visto que Silva e Souza (2006) dizem que esta literatura

[...] se apresenta como uma fonte de informação riquíssima para pesquisa em diversas áreas. A diversidade de informação constante nesses textos propicia o acesso à vivência cultural de um determinado povo. Embora algumas características desses folhetins sejam gerais, cada lugar marca a sua obra de acordo com a sua realidade e seus conhecimentos (Silva; Souza, 2006, p. 217).

Lopes (1983, p. 39 *apud* Silva; Souza, 2006, p. 217) afirma que é “evidente que a literatura de cordel, recolhendo, registrando e interpretando fatos da vida real, constitui fonte preciosa da História. Em todas as épocas, os poetas cantam os efeitos notáveis dos povos”. Silva e Souza (2006, p. 217) falam que “o cordel é uma literatura que retrata fatos históricos e situações atuais das quais a comunidade tem conhecimento, tratando as questões sociais com uma linguagem popular”.

Aquino (2011) apresenta as cartas como potencial fonte de informação biográfica em seu estudo de caso, inferindo-se as seguintes definições “a) documento: artefato que representa ou expressa uma ideia ou informação; b) fontes de informação: objetos portadores de informação” e que “documento e fonte de informação, apesar de não serem a mesma coisa, não apresentam diferenças valorativas” (Aquino, 2011, p. 9). No entanto, para investigação biográfica, nem sempre se resolvem objetivamente, ou seja, é um complexo subjetivo individualizado que exige acurácia de informações diversas para validar e confiar nos conteúdos, em outras palavras, as cartas servem de subsídios para extração de dados.

Ferreira e Costa (2011) exploram as passagens grátis como fontes de informação para compreender a imigração espanhola para o estado do Pará (1896-1899), caracterizando como pesquisa documental. No entanto, características migratórias não foram informadas, pois os autores indicam que

[...] saber se esses indivíduos conseguiram inserção econômica no setor primário ou de serviços, se ficaram na capital ou se deslocaram para o interior é algo que está para além das possibilidades informativas das passagens grátis, o que implica a busca por outras fontes de informação capazes de explicar a absorção dessas formas de trabalho imigrante (Ferreira; Costa, 2011, p. 58).

Silva (2015) elabora um tópico em seu artigo para tratar sobre Recursos Educacionais Abertos (REA) como fonte de informação, baseando-se na democracia do ensino. As discussões sobre os REA se intensificaram a partir de 2001, com a criação das licenças *Creative Commons*, mesma época que o Massachusetts Institute of Technology anunciou que disponibilizaria todos seus recursos na internet para que fossem acessados livremente e de forma gratuita. Mas, a partir do *1º Fórum Global sobre Open Courseware*, em 2002, que utilizou pela primeira vez o termo *open educational resources*, em português, recursos educacionais abertos, que são

[...] materiais de ensino, aprendizado e pesquisa, fixados em qualquer suporte ou mídia, que estejam sob domínio público ou licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. Três são os elementos principais dos REA: conteúdo de aprendizado, ferramentas técnicas e recursos para implementação (Declaração da Cidade do Cabo, 2007 *apud* Silva, 2015, p. 63-64).

Bras, Bras e Bras (2016) falam sobre o uso da imagem fotográfica como fontes de informação primária, pois atesta o acontecimento e trazem os fatos em seu momento exato de acontecimentos. Os autores afirmam que é um registro de um acontecimento real, dado que ao longo do tempo, a fotografia passou a ser um instrumento importante para o processo de obtenção e transmissão de informação, em todo os campos do conhecimento, mas ressaltam que é preciso verificar a veridicidade da imagem no uso de caráter investigativo. No entanto, a fotografia como fontes de informação exige do pesquisador a análise de pontos relevantes para a compreensão da imagem como registro, tendo em vista de ter algo a ser narrado. Além de fonte de informação, a fotografia também é uma fonte histórica.

Cerigatto e Casarin (2017) realizam uma revisão da literatura sobre as mídias como fontes de informação, cujo significado de mídia está associado a um suporte físico, como CD, mas também aos meios de comunicação, como televisão, rádio, internet, jornal e *outdoor*. Ao falarem das características, indicam que há classificações e subclassificações, devido a variedade de suporte, conteúdo e diferentes tipos de leitura. No entanto, existem certas limitações referentes a estes recursos informacionais, como o caso da televisão que a pessoa não procura uma informação, mas é um meio de comunicação que “[...] é uma fonte de informação porque está o tempo todo fornecendo imagens de mundo, visões, opiniões, dados, notícias, e mesmo o entretenimento que influencia nossa formação” (Cerigatto; Casarin, 2017, p. 166).

Brito (2017) utiliza-se do filme como fonte de informação aplicado ao ensino da Biblioteconomia. Segundo a autora, o filme se apresenta em múltiplas facetas como fonte

investigativa que pode auxiliar no trabalho pedagógico nas áreas do conhecimento, como também na ação da pesquisa científica. A justificativa desta fonte, deu-se a fim de observar a funcionalidade no trabalho de ensino da disciplina Fontes Gerais da Informação, selecionado os filmes *Central do Brasil* e *Uma Cidade Sem Passado*. Como considerações finais, Brito (2017, p. 16) traz que

Mudanças significativas acontecem no contexto das fontes informacionais no que tange ao uso e valorização das fontes não tradicionais como o filme, fotografias, imagens e os objetos tridimensionais. Campos como a História, Antropologia, a disciplina de Memória, a Medicina, a Ciência da Informação tem se preocupado em seus estudos acerca da relevância de tais fontes.

Araujo e Mota (2020) objetivam indicar que o prontuário do paciente é uma fonte primária de informação, porém com questões relacionadas ao acesso à informação. O Conselho Federal de Medicina, por meio de uma resolução, informa a necessidade de o médico elaborar para cada paciente o prontuário, cabendo à guarda da instituição de saúde. O prontuário é como um repositório dos procedimentos adotados nessas instituições sobre o paciente, possibilitando também a recuperação de informações financeiras, administrativas e sobre o corpo de técnicos no atendimento do paciente.

Laurindo, Porto e Unglaub (2021) utilizam da Praça XV de Novembro em Florianópolis, Santa Catarina, como fonte de informação não bibliográfica e discute tal aplicação. Contudo, concluem que a praça, a qual tem função pedagógica de um lugar de memória,

Vista como fonte de informação, a Praça XV pode ser considerada incompleta, pois embora seja uma fonte em um espaço público, omite as minorias. Isso se torna mais relevante diante da constatação de que suas informações estão acessíveis a todos, podendo gerar uma visão coletiva limitada. [...] Com a visita in loco, pudemos observar que os monumentos da Praça XV estão defasados em relação à informação, criando lacunas para a construção do conhecimento sobre a história da cidade, seja para o transeunte, turista, ou pesquisador que por ela passa e dela usufrui, fazendo desse espaço um ambiente de estética, e não de aprendizagem (Laurindo; Porto; Unglaub, 2021, p. 15-16).

3.1.3.8 Organizações como fontes de informação

Campello e Campos (1988; 1993) indicam que uma entidade ou instituição é um conjunto organizado de pessoas trabalhando juntas, a fim de alcançar determinados objetivos. Destacam as instituições como importantes fontes de informação devido ao desenvolvimento e armazenamento de informações seja pelos indivíduos que trabalham nela ou os documentos gerados, o potencial acesso à informação por pessoas estranhas à entidade e o contato com pessoas com a finalidade de obter informações de uma prática comum.

Dias e Pires (2005, p. 63) atribuem as organizações como fontes de informação por serem um conjunto organizado de pessoas que trabalham juntas com objetivos determinados, desenvolvendo, armazenando e divulgando informações, e dão como exemplo as bibliotecas, arquivos e museus que têm a missão de reunir, preservar e disseminar a memória coletiva da humanidade. Ainda acrescentam que as principais fontes de informação sobre organizações são os diretórios que listam nomes, endereços, *e-mails*, estrutura administrativa, produtos e serviços entre outras coisas.

Referente aos tipos de organizações, Campello e Campos (1988, p. 19-24; 1993, p. 21-30) e Dias e Pires (2005, p. 63-69) indicam as seguintes:

- Organizações comerciais: oferecem produtos e/ou serviços com a finalidade de lucro. Divulgam os produtos e serviços através das publicações de catálogos, folhetos e folders, denominado literatura comercial (Campello; Campos, 1988; 1993).
- Organizações educacionais: abarca as universidades ou escolas superiores que desenvolvem trabalhos de pesquisas além da atividade de ensino, e os museus, arquivos e bibliotecas podem ser incluídas nesta categoria (Campello; Campos, 1988; 1993). Estas instituições produzem grande quantidade de documentos técnicos, científicos, culturais e artísticos (Dias; Pires, 2005).
- Organizações internacionais: são representadas por membros de vários países que visam a colaboração entre os Estados participantes, com base em acordos e tratados, constituindo instrumento de relações internacionais nas diversas áreas do conhecimento (Dias; Pires, 2005). De acordo com Campello e Campos (1988), as organizações internacionais constituem fontes de informação importantes devido a variedade de suas atividades, cobrindo diversos assuntos e a quantidade de material que publicam.
- Organizações não-governamentais: organizações que realizam trabalhos voltados para o bem público, por contribuição dos associados e de aportes governamentais (Dias; Pires, 2005).
- Organizações oficiais: instituições ligadas ao governo, em todos os níveis, para divulgar o desempenho das funções legais e administrativas. Campello e Campos (1988, p. 26) destacam que muitas vezes as publicações governamentais não eram acessíveis ao público por não serem produzidas com finalidade comercial.
- Organizações profissionais: são entidades criadas para estimular o aperfeiçoamento de determinada classe profissional ou promover o conhecimento em áreas específicas, sem

fins comerciais, sendo mantidas com a contribuição de sócios e membros (Campello; Campos, 1993, p. 26; Dias; Pires, 2005, p. 68-69).

Locks (1985) apresenta os cartórios como fonte de pesquisa [informação], chamando a atenção para a importância da documentação existente nos cartórios, pois alguns documentos deste acervo podem ser estragados, como verificado no cartório de Biguaçu que já enfrentou várias enchentes que destruíram muitos documentos. Assim, a autora cita os cartórios em Biguaçu, sendo: Cartório e Notas de Órfãos e Ausente; Cartório de Registro de Imóveis; Cartório de Registro Civil e Tabelionato Distrital de Guaporanga da Comarca de Biguaçu; Cartório de Registro Civil, Pessoas Naturais e Jurídicas e Títulos e Documentos, e; Cartório Distrital de Sorocaba do Sul.

Dentre os estudos, Ferreira (2007) utiliza-se do conceito de organizações como fontes de informação para analisar a Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro como fonte de informação ambiental sobre resíduos sólidos, através do programa de visitação promovido pela companhia. Vale dizer que uma das entrevistas informa que j a havia realizado a visitação outra vez e compara com a atual, revelando melhorias na organização e programação da visitação. Contudo, diante um questionamento da estudante sobre a troca de conhecimento no processo de visita se recebiam publicações técnico-científicas, identifica um problema no fluxo da informação dado que

[...] o mais indicado seria, no mínimo, o registro das publicações propendendo o seu controle no Centro de Informação Técnicas. Assim, quando houvesse uma demanda pela publicação técnico-científica, os profissionais daquela unidade de informação poderia orientar o usuário para a obtenção ou consulta do documento, não oferecendo, portanto, o distanciamento entre documento e técnico (que det m a prioridade de uso) (Ferreira, 2007, não paginado).

Albuquerque, Rita e Pinto (2023) introduzem o conceito de observatórios de informação, os quais possuem uma infraestrutura de base tecnológica e instrumental, de controle, avaliação e divulgação de informação, com temáticas especializadas que, em alguns casos, permite a colaboração entre diferentes agentes e setores. Prieto (2003 *apud* Albuquerque; Rita; Pinto, 2023, p. 365) afirma que devido a característica de especialização das temáticas, em maioria, sejam geridos e fomentados por instituições que tenham interesse estratégico em tais temáticas, como universidades, institutos de pesquisa, poder público, federações, sindicatos etc. Desta forma, os observatórios de informação respondem a uma necessidade da sociedade da informação e conhecimento de sistematizar diversas fontes de informação existentes e oferecer um tratamento a estas, tornando uma fonte de informação central.

3.1.3.9 Bibliografias e repertórios bibliográficos

Dias e Pires (2005, p. 70) dizem ser as obras de referência mais importantes, por serem formadas de referências bibliográficas e arranjadas em determinada ordem, indicando um texto impresso. Definem como lista completa ou seletiva de documentos sobre um determinado assunto, um inventário anotado e sistematicamente classificado de material sobre um ou vários assuntos, com o objetivo de fornecer dados relativos à produção bibliográfica de um país ou conjunto de países, indicando o que já foi realizado ou está sendo realizado nos domínios do saber, facilitando o trabalho científico, técnico ou cultural.

Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 40) falam que as bibliografias são um dos instrumentos para localização de fontes de informação mais utilizados no meio acadêmico, por serem úteis para os pesquisadores individuais, bibliotecas e centros de documentação. No entanto, a bibliografia é a ciência que trata da história, descrição e classificação dos livros, considerados como objetos físicos, apresentadas como inventário metódico dos livros, relação de obras recomendadas sobre determinado assunto e relação de obras consultadas pelo autor.

3.1.3.9.1 Bibliografias de bibliografias

Surgem devido ao grande número de bibliografias gerais e especializadas, aparecendo no século XVII e intensificando no século XIX. Estas bibliografias apontam os serviços bibliográficos, bibliografias correntes e/ou retrospectivas, periódicos com seções bibliográficas, têm grande utilidade para a pesquisa bibliográfica e seleção de acervo (Dias; Pires, 2005, p. 77).

3.1.3.9.2 Bibliografias internacionais gerais

Registram a produção impressa de toda uma nação, sem distinção de assunto ou idioma, são bibliografias raras devido a dimensão do objetivo, que é representar a informação impressa (Dias; Pires, 2005, p. 79);

3.1.3.9.3 Bibliografias gerais nacionais

Correspondem ao inventário da produção intelectual impressa de um país ou grupo de países de unidade linguística, constituindo a memória cultural e desenvolvimento científico nacional (Dias; Pires, 2005, p. 79).

3.1.3.9.4 Bibliografias especializadas

Dias e Pires (2005) incluem neste tipo de bibliografia as bibliografias de teses e dissertações, as bibliografias comerciais e os guias de referência.

3.1.4 Avaliação e uso das fontes de informação

Para a época da década de 1970, Saliba *et al.* (1979) sugerem que devem ser utilizadas as seguintes fontes de informação para selecionar livros para as bibliotecas: materiais distribuídos por editoras e livrarias, resenhas e anúncios de periódicos, bibliografias, guias de literatura, publicações de outras bibliotecas e sugestões de leitores. Contudo, há considerações sobre o uso dessas fontes, pois estaria diretamente relacionado com o tipo de biblioteca – pública, escolar, universitária, especializada – com seus objetivos, sua clientela, recursos financeiros disponíveis, serviços prestados e com o objetivo da seleção. Apontam, também, que as características das próprias fontes seria fator importante a considerar, tais como a cobertura, nível, regularidade de produção, atualização, disponibilidade e segurança dos dados apresentados.

Tratando-se das fontes de referência, Dias e Pires (2005, p. 23) consideram os aspectos intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos se referem ao conteúdo, respeitando-se o propósito do público e o objetivo, a cobertura temática, a frequência, as versões digitais e outras características, como anexos, apêndices, organização e arranjo da obra. Já os aspectos extrínsecos, correspondem a quantidade de páginas e volumes, a dimensão ou tamanho do volume, o tipo de encadernação, a qualidade do papel e da impressão, as margens e as ilustrações.

No *Manual de Fontes de Informação*, elaborado por Cunha (2010), informa como avaliar cada fonte de informação, que se assemelha aos requisitos estipulados por Dias e Pires (2005), expondo: (1) propósito: o objetivo da edição, o tipo e nível de clientela, a região ou o conhecimento; (2) alcance: dados contidos, verbetes; (3) arranjo; (4) autoridade do editor/editora: seriedade e responsabilidade, membros do conselho editorial, data de publicação; (5) dados incluídos no verbete; (6) acesso: remissivas, índices; (7) formato físico; (8) ponto de vista; (9) encadernação; (10) papel; (11) diagramação; (12) ilustrações, estampas, mapas e figuras; (13) forma de atualização; (14) características especiais: lista de suplementos ou apêndices, errata, lista de abreviaturas e siglas usadas; (15) usabilidade e pontos de acesso, e; (16) animações e vídeos nas versões eletrônicas.

O estudo de Kremer (1982) avalia a importância das fontes de informação utilizadas por engenheiro numa companhia de projetos. Vale dizer que os livros e manuais [normas técnicas e especificações] foram considerados as fontes mais importantes, enquanto artigos em periódicos foram classificados numa posição baixa. Mas, na descrição do problema e população do estudo, a autora destaca que

Deve-se ressaltar que é sempre perigoso inferir que características comuns a um certo grupo de usuários sejam iguais às de um outro grupo. Cada organização ou grupo de usuários tem suas características próprias, que devem ser estudadas separadamente, se quisermos obter dados confiáveis a seu respeito. Somente, então, será possível entender e procurar soluções para melhorar o fluxo de informação dentro desses grupos (Kremer, 1982, p. 65-66).

Caldeira (1988) analisa o uso de fontes de informação pelos professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 1984 a 1985, partindo do princípio de que “[...] é comum encontrar-se na literatura sobre o uso de fontes de informação que as obras de referência constituem o primeiro passo para a condução de um trabalho de pesquisa” (Caldeira, 1988, p. 34). Deste modo, aplicou-se questionário com 16 questões fechadas, com o objetivo de: determinar o número de documentos lidos por mês pelos professores e os fatores que determinam sua leitura; determinar os problemas que surgem na obtenção de informação e os meios pelos quais os professores tomam conhecimento dos novos livros e revistas da área e a frequência com que não obtém o documento desejado; determinar a importância dos diversos tipos de fontes de informação e a necessidade de publicação de uma bibliografia brasileira sobre arte; determinar o uso de guias, índices, revistas de resumo e bibliografias estrangeiras pelos professores da Escola; verificar a adequação da literatura estrangeira à realidade brasileira e os meios que possam facilitar o seu acesso, e; verificar a existência de coleções particulares, assinatura de periódicos estrangeiros, por parte dos professores e se eles solicitam livros e revistas por empréstimo a colegas (Caldeira, 1988, p. 36-37).

Os resultados obtidos por Caldeira (1988) revelaram que os professores da Escola de Belas Artes da UFMG consideram o *assunto* do documento o aspecto que mais influi para a leitura de um trabalho, seguida de *atualidade* e o *autor* do trabalho. Referente ao total de documentos lidos durante um mês, mais da metade dos professores leem de 1 a 5 documentos por mês e apenas dois leem mais de 16 trabalhos por mês. Sobre a obtenção de informações na biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG, indicaram que os problemas mais sérios foram a *obtenção de documentos relevantes e informações atualizadas*, e dentre os fatores que influem

na perda de uma informação relevante está a *falta de fontes de informação adequadas e falta de tempo para a realização de pesquisa bibliográfica*.

Já a forma de tomarem conhecimento de novos livros/revistas na área correspondeu a leitura de revistas especializadas e conversa com colegas. A fim de responderem a pergunta Quais são as fontes de informação mais importantes em uma biblioteca de arte?, indicaram que os tipos de fontes de informação mais relevante para a área de belas artes eram artigos de revista, seguido de livros com explicações técnicas (ilustrados) e de livros-texto, e os menos importantes foram boletim de disseminação seletiva da informação e catálogos de leilões. Pode-se dizer que Caldeira (1988) apresenta pressupostos das fontes de informação e os confronta com os dados obtidos, demonstrando que a comunidade dos professores de artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais apresenta um comportamento informacional único e/ou que os pressupostos do uso das fontes de informação não são reais ou úteis para os professores desta escola.

Eggert (1994) visa identificar e examinar o acesso e uso de fontes de informação de natureza impressa, audiovisual e oral de um grupo de mulheres donas de casa. Como resultado, identificou-se que o grupo citou 115 fontes de informação, sendo que 27,8% foram orais, 35,7% audiovisuais e 36,5% impressas. Referente as fontes impressas, apresentou-se maior frequência revista, romance, livro, jornais e boletim informativo, nas fontes audiovisuais foram os programas de TV, música, cinema e rádio, e nas fontes orais apresentou reuniões, parentes, vizinhos, amigos, clientes e trabalho.

Barbosa (2002) estuda o processo de monitoração do ambiente organizacional externo, mas destacando como um dos tópicos do estudo as fontes de informação e a frequência de acesso, relevância e confiabilidade. Como resultado, indica-se que as fontes documentais externas (jornais, revistas, rádio e televisão) e os serviços externos de informação eletrônica possuem destaque na frequência de acesso, mas são pouco confiáveis e medianamente relevantes. Já as publicações governamentais são muito confiáveis, embora pouco utilizadas e consideradas pouco relevantes. E as demais fontes externas, tais como associações empresariais, congressos, feiras e viagens, têm baixo grau de utilização, relevância e confiabilidade.

Bueno (2006) faz a reflexão quanto ao uso das fontes de informação no contexto educacional, tendo em vista que o acesso e uso da informação no ambiente educacional vêm

modificando as estruturas escolares a respeito do ensino tradicional. Abordando as fontes de informação para educação, focado na biblioteca escolar, destacam-se a literatura infantil e infanto juvenil, as obras de referência, os periódicos, multimeios, acervo técnico – literatura dirigida e específica a uma determinada área do conhecimento, como os livros didáticos – e a internet. A respeito deste último, a autora considera como “[...] uma das mais atrativa fonte de pesquisa atualmente, é interessante e educativo explorar e navegar em ambientes apropriados para o trabalho com as crianças [...]” (Bueno, 2006, p. 58).

Sales e Almeida (2007) apontam critérios de avaliação de fontes de informação na internet, tendo em vista que

Apesar da grande quantidade [de informação disponível], a localização de uma fonte de informação específica e eficiente na internet pode ser uma difícil tarefa para aqueles que não levam em consideração critérios de qualidade e aspectos relacionados ao custo de busca e obtenção da informação (Sales; Almeida, 2007, p. 73).

Sendo assim, os autores indicam alguns critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet, informados no Quadro 1.

Quadro 1 - Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet

Critério	Subcritério
Informação de identificação	<ul style="list-style-type: none"> • Endereço eletrônico do site e da fonte de informação • E-mail do site (organização que disponibiliza a fonte) • Título da fonte de informação; • Endereço eletrônico da fonte de informação • Objetivos da fonte e a que público se destina • Disponibilização de informações adequadas sobre a fonte • Identificação da tipologia da fonte e de sua origem
Consistências das informações	<ul style="list-style-type: none"> • Cobertura da fonte • Validez do conteúdo • Resumos ou informações complementares • Coerência na apresentação do conteúdo informacional • Oferta de informações filtradas ou com agregação de valor • Apresentação de informação original
Confiabilidade das fontes	<ul style="list-style-type: none"> • Dados completos de autoria (como mantenedor) • Autoria reconhecida em sua área de atuação • Organização que disponibiliza o site • Conteúdo informacional relacionado com a área de atuação do autor • Observância de outras informações como: referências bibliográficas dos trabalhos do autor; endereço para contato com autor; origem da informação. • Verificação de datas
Links	<ul style="list-style-type: none"> • Links internos: clareza para onde conduzem; tipos disponíveis; atualização dos links

	<ul style="list-style-type: none"> • Links externos: clareza para onde conduzem; devem apontar apenas para sites confiáveis; tipos disponíveis mais comuns: informações complementares, ilustrações, portais temáticos, etc.; revisão constante dos links
Facilidade de uso	<ul style="list-style-type: none"> • Links: que possibilitem fácil movimentação; que possibilitem avançar e retroceder. • Quantidade de cliques para acessar a fonte e a informação: da página inicial até a fonte são recomendados três cliques; da fonte à informação são três ou menos cliques. • Disponibilidade de recursos da pesquisa na fonte: função de busca; lógica booleana; índice; arranjo e outros • Recursos auxiliares à pesquisa: tesouros, listas, glossários, mapa do site, guia, ajuda na pesquisa e outros; instruções de uso; manuais da fonte de informação para download ou impressão
Layout da fonte	<ul style="list-style-type: none"> • As mídias utilizadas devem ser interessantes • Tipos de mídias utilizadas • A harmonia entre a quantidade de mídias • Coerência entre as várias mídias: imagens com função de complementar o conteúdo e não apenas ilustrar; pertinência com os propósitos da fonte; legibilidade; clara identificação das imagens • Na estrutura do layout e arranjo é importante que: haja coerência na utilização de padrões; os recursos sirvam a um propósito e não apenas decoração; as imagens facilitem a navegação; o design do menu seja estruturado para facilitar a busca; a criatividade contribua para a qualidade; evite-se o <i>frame</i>, que limita o uso da fonte
Restrições percebidas	<ul style="list-style-type: none"> • Pequena quantidade de acessos simultâneos • Alto custo de acesso à fonte de informação • Mensagens de erro durante a navegação • Direitos autorais impedindo o acesso à informação completa
Suporte ao usuário	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com o produtor da fonte • Informações de ajuda na <i>interface</i>
Outras observações percebidas	<ul style="list-style-type: none"> • Recursos que auxiliam o deficiente no uso da fonte • Opção de consulta em outras línguas

Fonte: Adaptado de Sales e Almeida (2007, p. 76-78) baseados em Tomaél *et al.* de 2004.

Crespo (2007) identifica o uso e aceitação das fontes e serviços de informação eletrônico nas áreas de biologia molecular e biotecnológica, a partir de entrevistas com docentes e pesquisadores da área da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como resultado, verificou-se o uso intensivo de periódicos científicos eletrônicos, o Portal de Periódicos da CAPES e bases de dados *on-line*. Uma das considerações apresentadas é “observou-se, igualmente, que os próprios pesquisadores preferem realizar suas buscas, localizar e obter informação, sem delegá-las a outros, como, por exemplo, ao bibliotecário” (CRESPO, 2007, p. 232).

Eluan, Momm e Nascimento (2008) fazem referência ao uso de fontes de informação para a pesquisa científica, com atenção as fontes *online*. Citando Cunha de 2001, informam que as fontes de informação são todos os tipos de meios e suportes que contém informação. Tendo

em vista a evolução tecnológica e dos meios de comunicação, indicam aparatos para a pesquisa científica, sendo o Portal de Periódicos da Capes, a Biblioteca Virtual da Saúde, a SciELO e ressaltam a relevância da linguagem documentária, ou linguagem de indexação, como meio de indicar traços ou conteúdos do documento para sua futura recuperação. Tratando-se do uso de fontes de informação da internet, são apontados, para teses e dissertações a Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)¹² e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹³, para periódicos eletrônicos o Directory of Open Access Journals (DOAJ)¹⁴ e SciELO. Devido ao formato digital, as autoras dizem que

As obras digitais são indicadas quando se deseja aliar rapidez e precisão ao processo de busca [...]. As bases digitais tendem a ser as mais utilizadas pelas facilidades no processo de busca, assim como, pelo volume de informações disponíveis. A relação custo-benefício é bem maior quando se compara o tempo necessário para se fazer uma busca em formato impresso com a busca em formato digital. A busca nos meios digitais possibilita o acesso imediato a uma obra que poderia demorar dias no formato impresso (Eluan; Momm; Nascimento, 2008, p. 114).

No sentido de qualidade de fontes de informação, Marchiori e Appel (2008, p. 259-260, grifo dos autores) discorrem que profissionais da informação estudam metodologias e soluções em busca de agregar valor à localização e descrição de recursos informacionais disponíveis em sistemas, produtos ou serviços de informação. Deste modo, citando Alfino e Pierce de 2001, o advento da internet é um desafio ao princípio da neutralidade do bibliotecário e dos cientistas da informação, pois a diversidade crescente da informação disponível em rede, desafia os conceitos de *desenvolvimento de coleções* e dos *servidos de referência* tradicionais, e os critérios para a seleção de fontes de pesquisa podem ameaçar a autonomia dos usuários para considerar como válido, em termos de conteúdo, design e aplicabilidade/impacto em suas atividades.

Em vista de reconhecer a inserção ou retirada de fontes de informação do sistema proposto por Marchiori e Appel (2008), indica-se uma estrutura básica de critérios de qualidade para a seleção, expressos na Figura 3.

¹² Disponível em: <https://ndltd.org/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

¹³ Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://doaj.org/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Figura 3 - Diagrama de dimensões da qualidade de fontes de informação



Fonte: Marchiori e Appel (2008, p. 260).

Ainda se tratando da seleção das fontes de informação, vale-se citar o estudo de Gusmão *et al.* (2010) que avalia o uso de fontes de informação usada por pecuaristas de gado de corte do Vale do São Lourenço/MT. Caracterizando o produtor rural por uma cultura conservadora e embasada pela comunicação pessoal na busca e atendimento de sua necessidade informacional para tomada de decisões. Os autores indicam que

[...] detectou-se também que os pecuaristas necessitam de serviços de informação melhor estruturados e, quanto menor o nível de escolaridade maior a utilização de fontes informais e da comunicação pessoal da informação, suprimindo, segundo os pecuaristas, suas necessidades de informação, e eliminando a necessidade de consulta a fontes formais de informação (Gusmão *et al.*, 2010, p. 172)

Cosmos, Silveira e Silva (2013) analisam as fontes de informação digital das dissertações do programa de pós-graduação em *design* da Universidade Federal de Pernambuco, evidenciando que os alunos utilizaram com mais frequência as fontes tradicionais do que as digitais, e mais da metade dos itens digitais estavam disponíveis na internet, destacando que

[...] os valores relacionados aos itens indisponíveis são altos, tendo em vista que todos os itens devem ser passíveis de recuperação. Por ser tratar de dissertações, tal situação se agrava, na medida em que tais documentos deve apresentar domínio da literatura e do método científico, além de capacidade de sistematização, planejamento e organização na condução do trabalho (Cosmos; Silveira; Silva, 2013, p. 134).

Já Sena (2013) visa identificar as fontes de informação utilizadas pelos discentes do mestrado do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará. Para a pesquisa, aplicou-se questionário para 32 discentes, mas com retorno de 25, possuindo perguntas abertas e fechadas. Como resultado, demonstrou-se que a fonte mais consultada foram os livros impressos, seguido de dissertações, *Google*, teses, periódicos eletrônicos e *Google Acadêmico*. As menos consultadas foram, em ordem crescente: bibliotecas de outras instituições, Portal de Periódicos CAPES, periódicos impressos, anais de eventos, bases de dados *on-line*, fontes informais e livros eletrônicos.

Paiva, Santos e Nascimento (2014) investigam o uso das fontes de informação pelos alunos concluintes do curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba. São apresentados dados referentes a tipologia das fontes de informação utilizadas, os autores mais citados, cronologia/período das fontes e idiomas. Uma das conclusões do estudo é que, embora a internet seja um recurso muito difundido, os livros impressos constituíram a fonte de informação mais utilizada.

Ávila, Silva e Cavalcante (2017) apresentam um retrato do uso dos repositórios digitais pelos membros das universidades federais brasileiras, classificada como pesquisa quantitativa e qualitativa, realizada com aplicação de questionários. Indicam diversas conclusões, uma delas é que o uso dos repositórios digitais ocorre de forma diferente entre os alunos de graduação e os de pós-graduação e preferem os buscadores *on-line* aos repositórios digitais.

Pimenta (2017) analisa como a comunidade científica acolhe o uso de documentos de patentes em seus trabalhos acadêmicos. A partir da análise de 556 teses e dissertações dos programas de pós-graduação da Fundação Oswaldo Cruz, revelou que as patentes não são valorizadas pela comunidade científica como fonte para obtenção de conhecimento, e conclui que o conhecimento sobre patentes deve ser incentivado em todos os níveis de formação do pesquisador.

Kern (2018) trata a *Wikipédia* como fonte de informação de referência, visto que a *Wikipédia* é uma enciclopédia colaborativa multilíngue *online*, mas vista no meio acadêmico como fonte de informação inadequada. Nesta perspectiva, o autor apresenta critérios para

avaliar uma enciclopédia, proposta por Silberger em 1990. Como conclusão, considerando que sua indagação inicial era se o que sustenta a aceitação da Wikipédia como fonte em fóruns de alto nível como os periódicos, sua resposta é “cientistas percebem o conteúdo da Wikipédia como de alta qualidade e o citam quando eventualmente necessitam recorrer a um conceito enciclopédico” (Kern, 2018, p. 138).

No contexto de *fake news* e pós-verdade, Paula, Silva e Blanco (2018) expõem o aspecto do aperfeiçoamento das fontes de informação com as tecnologias de comunicação/informação e os avanços da internet, sendo os principais:

Blogs: diários eletrônicos personalizados em que o usuário pode personalizar seu espaço e, em alguns casos, quem pode ter o acesso às informações contidas no blog.

Motores de busca: programas feitos com objetivo de recuperar a informação armazenada na web;

Fóruns de discussão: ambiente elaborado para promover a discussão dentro de uma comunidade que a maioria dos casos possui um interesse ou atividade em comum;

Redes sociais: uma forma de comunicação virtual e de se relacionar com outros usuários da rede. É a fonte de informação que mais cresce na internet e com frequência tende a se integrar ou ter seus aspectos incorporados a outras fontes;

Websites: conjunto de páginas e hipertextos acessíveis reunidos com um objetivo específico que em grupo compõe a World Wide Web;

Portais de conteúdo e agregadores de links: pontos de acesso para agrupamento e distribuição de outros websites para assuntos diversos e novidades da rede;

Plataformas de compartilhamento de vídeo: modalidade oferecida por certos websites que permite a seus usuários divulgar e compartilhar vídeos. Alguns proporcionam o serviço de streaming (Paula; Silva; Blanco, 2018, p. 98).

Neste contexto, propõe uma metodologia para analisar *fake news*, sendo uma fonte de informação auditada, devendo conter a identificação dos autores, a estrutura do texto e seu conteúdo. Contudo, deve-se lembrar que um portal de notícias tem respaldo para disseminação de conteúdos, e pode ser um espaço auditado, por poder vincular a órgãos reguladores da imprensa formal (Paula; Silva; Blanco, 2018, p. 108).

Fonseca, Barbosa e Pereira (2019) investiga o uso de fontes de informação por gestores de startups. Um dos conjuntos de dados demonstrados é referente a relevância das fontes de informação, o que demonstrou que os clientes são considerados extremamente relevantes, seguido em sócios/empregados das startups, depois as bases de dados da própria empresa e os buscadores *web* – o *Google* como principal – depois os fornecedores, as redes sociais,

empreendedores, concorrentes, leis, regulamentações e normas governamentais, artigos científicos, patentes, teses e dissertações, materiais ricos, relatórios financeiros e de mercado, blogs, congresso, feiras e eventos, material promocional, bancos, bolsa de valores e investidores (Fonseca; Barbosa; Pereira, 2019, p. 95).

Gonçalves e Barbosa (2023) apresentam os resultados sobre a percepção que os usuários têm da relevância das fontes de informação sobre o covid-19 no Brasil. De acordo com os dados, revelam que as fontes de informação mais relevantes foram a Organização Mundial de Saúde, os artigos científicos e as universidades, enquanto a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), hospitais e postos de saúdes, jornais e revistas, Ministério da Saúde e os canais de televisão foram classificados como intermediários de relevância. Com menor índice de relevância, encontram-se as emissoras de rádio, redes sociais (*Facebook, Instagram, YouTube, WhastsApp, Twitter* etc.), amigos/colegas, mecanismos de busca na internet e os familiares.

3.1.5 Estudos e pesquisas sobre fontes de informação especializada

Exposto nos tópicos anteriores sobre as classificações, os tipos e a avaliação das fontes de informação, vale indicar os estudos e pesquisas sobre fontes de informação especializada. Neste sentido, apresenta-se a seguir a definição de fontes de informação especializada e alguns estudos com temáticas específicas.

De acordo com Paiva (2014, p. 61), as fontes de informação especializadas podem ser bibliografias, *abstracts* e índices, pois “[...] são instrumentos bibliográficos construídos com a finalidade de divulgar e ampliar as possibilidades de acesso às informações especializadas”.

Fachin e Araújo (2018, p. 35-36) introduzem seu estudo dizendo que “nem toda informação se torna insumo para a tomada de decisão” e com isso, nas ciências, é necessário o uso de fontes especializadas que impactam diretamente no processo decisório, e as literaturas especializadas servem de base para obter conhecimento específico.

Schneider *et al.* (1990) examinam as principais fontes de informação, canais, tipos, quantidade e relevância das informações que os agricultores recebem e deixam de receber sobre produção e comercialização agrícola. Os autores informam as fontes de informação para compra de insumos, fontes de informações para vendas agrícolas e indicam a exposição e relevância das informações, como meios de comunicação em massa e meios de comunicação para informação agrícola.

Almeida (1996), trata-se das fontes de informação disponíveis na área de preservação de bens culturais. Para a época, indicou-se instituições como International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property, International Council on Monuments and Sites, Getty Conservation Institute e International Institute for Conservation. Relacionado a publicações, destacou-se bibliografias, índices e *abstract*, sendo o *Art and Archaeology Technical Abstract*, publicado pelo Getty Conservation Institute, o *Art Index* e a *Bibliografia sobre Conservação e Restauração de Bens Culturais* como fonte bibliográfica, e revela que assuntos referentes aos aspectos técnicos e científicos da conservação poderão ser encontrados em índices e *abstracts* das áreas específicas, como física, química ou engenharia. Também cita alguns bancos de dados, como *Conservation Information Network* e de âmbito brasileiro destaca o trabalho da Coordenadoria de Referência Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Salienta-se nas conclusões de Almeida (1996) que

O que se nota, no entanto, é, ao mesmo tempo, a grande abrangência e a grande dispersão da área, em razão, principalmente, de suas imbricações com outros campos do conhecimento. Por outro lado, constata-se uma carência de informações disponíveis na área. Faltam obras de referência, faltam bibliotecas especializadas, faltam centros de pesquisa, faltam cursos universitários. Tudo isto é obstáculo para o profissional da área de conservação e restauro se atualizar e se desenvolver (Almeida, 1996, p. 12-13).

Souza e Borges (1999/2000) visam identificar as fontes de informação financeira produzidas no Brasil e analisar a qualidade das informações disponibilizadas. Neste contexto, identificaram instituições financeiras a partir de publicações que indicassem instituições como origem das informações financeiras, busca na internet e *sites* provedores de informação sobre Governo do Brasil, bancos, finanças, bolsas de valores, seguros e mercado de capitais, como também a partir de contatos com pessoas ligadas ao mercado financeiro. Para a identificação dos periódicos, visitou-se bibliotecas das instituições que revelassem um acervo que contemplasse a informação financeira, limitando as bibliotecas de Belo Horizonte. Em suma, o trabalho revela as autoridades do ramo financeiro do Brasil para a década do estudo e os parâmetros que correspondem ao critério de escolha do usuário.

Exposto na categoria de relato de experiência, Silva (2005) discute as atividades do bibliotecário médico e os recursos informacionais existentes para atender a demanda informacional dos profissionais da área da saúde, destacando a medicina baseada em evidências. Sobre o relato, apresenta-se, de forma indireta, algumas fontes de informação

voltadas para a medicina baseada em evidência, como o livro *Clinical Evidence* que inclui apenas evidências para tratamento de doenças clínicas e o seu formato é em edição, o que torna o uso atualizado para as pesquisas referentes à prática clínica. Cita-se também *Up To Date*, cuja atualização era em CD e trimestralmente, o *Scientific American Medicine* que foi ampliado por uma versão na internet, e ressalta a existência da MEDLINE, um dos maiores banco mundiais de dados gerais de literatura sobre pesquisa biomédica, mas é um banco de dados gerais para a área, e não focada em medicina baseada em evidência.

Maia (2010) elabora um artigo com o intuito de analisar como os profissionais da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará utilizam as fontes de informação ambiental em seus serviços e como essas informações contribuem nas ações técnicas e educativas desses profissionais. O autor constata que os profissionais utilizam das fontes de pesquisa para acessar a informação com a finalidade de subsidiar a elaboração de relatórios, projetos, programas, cartilhas ambientais, jogos educacionais e informativos, além de disponibilizar a informação ambiental por meio de oficinas, palestras, seminários, sítios da secretaria e na distribuição de *kits* ambientais. Contudo, no âmbito deste estudo, ressalta que o profissional bibliotecário se caracteriza como intermediado entre o usuário e a informação e visa a credibilidade da fonte, enquanto os educadores ambientais, visam a transmissão da informação ambiental e as fontes são utilizadas para elaboração de relatórios e projetos.

Apesar de Santos (2010, p. 28-34) se basear em Campello, Cedón e Kremer de 2000 para descrever os tipos de fontes especializadas, a autora cita como fontes de informação especializadas em ciência e tecnologia as organizações Ministério da Ciência e Tecnologia e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Já as outras fontes citadas remetem a fonte de informação formal ou fontes de informação de referência, tais como periódicos que sejam avaliados por pares, bases de dados de publicação *preprints*, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas, patentes e obras de referência.

No estudo de Paiva (2014), o qual visa conceituar fonte de informação indígena, a autora apresenta tópicos relevantes para contextualizar o que é fonte de informação e informação indígena. Contudo, a construção do conceito de fonte de informação indígena, partiu-se das concepções de fonte de informação com diferentes abordagens de informação. Mas, concebe que

[...] fonte de informação indígena como qualquer tipo de recurso informacional que englobe conhecimento dos indígenas e sobre eles e, ainda, que a partir da interpretação

dos usuários, seja capaz de suprir necessidades informacionais. As narrativas indígenas registradas em qualquer tipo de suporte (impressas, gravadas em vídeo e áudio ou na Internet) revelam-se potenciais fontes de informação primárias (são produzidas com a interferência direta do autor), especializadas (referem-se ao conhecimento indígena) e informais (são geradas a partir de entrevistas) (Paiva, 2014, p. 68).

Pereira (2016) investiga o comportamento informacional de empresários e gestores de micro, pequenas, médias e grandes empresas, relacionado à escolha de fontes de informação para a solução de suas necessidades organizacionais.

Fachin e Araújo (2018) destacam as fontes de informação especializadas de acesso aberto, apresentando tais fontes nos tipos de biblioteca digital, base de dados, diretórios, portais, repositórios, *metabuscadores* e blogs. Contudo, os exemplos citados organizam a informação especializada, mas de abrangência das ciências, como a SciELO¹⁵, que é especializada em publicações periódicos, com uma expressiva abrangência temática das ciências, como base de dados a BRAPCI¹⁶ voltada para área da Ciência da Informação, mas também a *Bielefeld Academic Search Engine*¹⁷ (BASE) que fornece acesso a vários documentos em acesso aberto, em diretórios cita o *Directory of Open Access Scholarly Resources*¹⁸ (ROAD), *Directory of Open Access Books*¹⁹ (DOAB), *Directory of Open Access Journals*²⁰ (DOAJ), *Directory of Open Access Repositories*²¹ (Open DOAR), tratando-se de repositórios é citado o Arca²², repositório institucional da Fiocruz, focado/direcionado a área da saúde, PortCom²³ - Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação.

Quanto aos *metabuscadores*, Fachin e Araújo (2018) informam que existem os que buscam o termo em buscadores gerais, mas também existem os especializados, como os *metabuscadores* acadêmicos, dando o exemplo do Portal Oasisbr²⁴ que é um mecanismo de busca multidisciplinar de publicações científicas de acesso aberto, materiais, autores, universidades e instituições Brasileiras e Portuguesas, o *Global Repository Access Full-Text*

¹⁵ SciELO Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁶ Brapci beta: <https://brapci.inf.br/index.php/res/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Brapci: <https://cip.brapci.inf.br/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁷ Disponível em: <https://www.base-search.net/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://road.issn.org/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://www.doabooks.org/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://doaj.org/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²¹ Disponível em: <https://v2.sherpa.ac.uk/opensoar/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²² Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²³ Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²⁴ Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

²⁵(GRAFT) do Jurn que recupera matérias de acesso aberto em repositórios acadêmicos do mundo. As autoras também citam os blogs, expondo que o conteúdo é, na maioria, gratuito e acessível a qualquer interessado, necessitando que conheça o endereço para encontrá-lo na *web*.

Carvalho, Rezende e Gomes (2019; 2021) elaboram um estudo com objetivo de identificar fontes de informação sobre africanidades. Os autores informam que poderia conceituar fontes de informação especializada como

[...] artefatos construídos por seres humanos que agenciam uma série de elementos informacionais sobre determinado recorte/especialidade da existência cotidiana. Esses artefatos se prestam [...] a sanar uma demanda informacional específica e, não obrigatoriamente, podem apontar novos caminhos em virtude do que resultar o ato de compulsar esses mecanismos. (Carvalho; Rezende; Gomes, 2019, p. 175).

A metodologia adotada para atingir o objetivo consistiu na realização de alguns passos, sendo eles:

- a) Realização de um levantamento de fontes de informação relacionadas à África na literatura nacional e internacional da Ciência da Informação;
- b) Pesquisa em motores de busca para a identificação de sites e/ou instituições produtoras ou responsáveis por fontes de informação relacionadas à África;
- c) Obtenção de informações sobre fontes relacionadas à África mediante contato direto e/ou e-mail com pesquisadores da área de Ciência da Informação e/ou através de contatos de pesquisadores africanos;
- d) Análise de informações referentes a outras fontes de informação sobre africanidades;
- e) Verificação da disponibilidade de acesso às fontes de informação através da Internet e realização da coleta de informações mediante o preenchimento de critérios [...];
- f) Elaboração de um guia de fontes de informação sobre africanidades. (Carvalho; Rezende; Gomes, 2019, p. 179-180).

Contudo, os autores indicam algumas dificuldades no desenvolvimento do trabalho, como a falta de descrição das fontes, as quais nem sempre apresentavam elementos de identificação, tais como objetivos, finalidades e número de registros bibliográficos cadastrados. Outra observação se referiu ao tempo de atualização das fontes com periodicidade regular, expondo que alguns sites foram atualizados de três a quatro anos da data consultada.

²⁵ Disponível em: <https://www.jurn.link/graft/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Durante a pandemia do covid-19, as fontes de informação emergiram diante a necessidade informacional sobre o assunto. Amaro *et al.* (2020) indicam três²⁶ iniciativas, sendo o Diretório de fontes de informação científica de livre acesso sobre o coronavírus, o Repositório de *preprints* Emerging Research Information²⁷ (EmeRI) e a Rede de Especialistas e Pesquisas. Referente ao diretório, a premissa era selecionar as fontes de informação de conteúdo científico sobre o coronavírus e em acesso aberto, passando por uma curadoria. A primeira elaboração de facetas consistiu em artigos científicos, bases de *preprints*, teses e dissertações e dados de pesquisa. Contudo, perceberam que diversas fontes continham informações de mais de uma tipologia documental, criando assim as categorias de “agregadores de informação científica” e “relatórios e evidências”. Desta forma, resultou na seguinte organização:

- a) Artigos científicos: artigos científicos relacionados à temática;
- b) Teses e dissertações: portais que reúnem Teses e Dissertações de várias instituições e países;
- c) Dados de pesquisa: dados de pesquisa relacionados ao Covid-19, em especial os presentes nos repositórios de dados;
- d) Bases de preprints: bases de manuscritos de artigos científicos que ainda não foram publicados em revistas científicas;
- e) Agregadores de informação científica: plataformas onde podem ser encontrados diversos tipos de fontes reunidas em único local; e
- f) Relatórios e evidências: publicações que trazem protocolos clínicos baseados em evidências (Amaro *et al.*, 2020, p. 4).

Gonçalves e Silveira (2021) apresentam as biografias e autobiografias como fontes de informação e memória, sendo que ambas são fontes de informação e recursos sociais de produção e disseminação de memórias individuais, sociais e históricas. Os autores apontam que tais obras são classificadas como fontes de informação que difundem informações primárias ou originais quando são autobiografias, e fonte secundária quando biografia. Estas fontes informam aos leitores sobre as circunstâncias históricas, políticas, culturais e sociais de uma época, seja na vida privada ou de ícones nacionais.

Souza *et al.* (2022) realizam uma pesquisa bibliográfica documental sobre os conceitos e definições das tipologias documentais, aplicado a área da saúde. Afirmam que as fontes de

²⁶ Tanto o diretório quanto a rede, não estão disponíveis na presente data.

²⁷ Disponível em: <https://preprints.ibict.br/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

informação em saúde são diversificadas e especializadas para atender diferentes propósitos, como a complexidade do cuidado ao paciente, a gestão em saúde, pesquisa clínica e epidemiologia. Assim, informam as fontes separando pela classificação de primária, secundária e terciária, indicando as fontes de consulta. E consideram que com o advento das tecnologias da informação e comunicação, as fontes de informação em saúde têm se firmado no suporte eletrônico, colocando em questão o excesso de informação e a dificuldade de encontrar fontes de informação adequadas e confiáveis, cabendo ao profissional da informação auxiliar a equipe multiprofissional em saúde no manuseio às fontes de informação.

3.2 DOMÍNIO

Campos e Venâncio (2006) indicam que um domínio pode ser uma disciplina científica, um campo científico ou uma comunidade discursiva relacionada a um partido político, à religião, ao comércio dentre outros. Os domínios são definidos, normalmente, por teorias ontológicas, seus objetos.

Alvarenga e Dias (2012) dizem que para Hjørland e Albrechtsen, de 1995, que o domínio pode ser definido como o pensamento ou como uma própria comunidade de discurso, pois são partes da sociedade do trabalho, cujo domínio pode ser visto como um tipo de comunidade de discurso e destacam que a especialidade, a disciplina e o ambiente são as unidades de estudo.

Revelando a importância do domínio para o estudo da informação na Ciência da Informação, Guimarães (2014, p. 16) destaca que Nascimento e Marteleto, em 2004, dizem que a melhor maneira de se entender a informação na Ciência da Informação é estudar os domínios de conhecimento relacionados com suas comunidades discursivas, pois são distintos grupos sociais que são sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento constituintes da sociedade moderna.

Smiraglia (2012 *apud* Guimarães 2014, p. 16) destaca que o domínio constitui uma importante unidade para a construção de sistema de organização do conhecimento, e Thellefsen e Thellefsen, em 2004, definem os domínios de conhecimento como uma demarcação de determinado conhecimento, sendo ele fixado num contexto profissional ou não.

Almeida e Dias (2019) falam que na opinião de Hjørland, em 2002, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação têm que lidar com diferentes domínios e pode se beneficiar ao

considerar a visão analítica do domínio, pois não se pode tratar todos os domínios como se fossem fundamentalmente semelhantes, mas considerando diferentes comunidades discursivas. Como exemplo, um especialista em assuntos comuns não é um especialista em sistemas de informação, outro exemplo seria o bibliotecário que trabalha na área de saúde que deve organizar o conhecimento específico desta área (Almeida; Dias, 2019, p. 27).

Dias (2015) visa discutir sobre as comunidades discursivas e as garantias de literatura como elementos importantes para a análise de domínio, pois parte-se da ideia de que o domínio é bastante afetado pelas características da comunidade discursiva quanto pela garantia da literatura e outras garantias usadas para validar os instrumentos de representação.

Dias (2015) informa que um domínio pode ser considerado uma área do conhecimento ou um determinado campo de especialidade. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 136) entendem domínio de forma similar como um campo temático.

Amorim e Café (2017) destacam a presença da análise de domínio como orientação teórica e/ou metodológica das investigações no campo da organização do conhecimento, mas elabora-se um estudo exploratório dos artigos de Hjørland para formular definições para os três conceitos principais da análise de domínio, sendo *comunidade discursiva*, *domínio* e *linguagem*. Dito isso, caracterizam *domínio* como

[...] condicionante da produção de conhecimento, assim como já constitui em si um conjunto de conhecimento. Pode ser delimitado por um grupo de usuários, uma disciplina, uma empresa ou um amplo campo de conhecimento, dotados de necessidades informacionais e constituídos por paradigmas, tradições e escolas que definem suas teorias. Apresenta padrões nas práticas de comunicação. É uma entidade dinâmica que carrega a heterogeneidade de vozes, mas que também é afetado por externalidades, como as tecnologias, os recursos financeiros e o grau de objetividade das pesquisas; por isso é fundamentalmente constituído nas dinâmicas socioculturais (Amorim; Café, 2017, p. 81-82).

Vale informar que Amorim e Café (2017) trazem a função agenciamento, apresentado por Deleuze e Guattari em 1998, para repensar a análise de domínio, cuja função do agenciamento é “[...] articular elementos na passagem de duplo sentido estabelecida entre o caos e as estratificações (o conceito ou a função/preposição), ou seja, diz respeito aos movimentos de virtualização-atualização” (Amorim; Café, 2017, p. 78). Assim, demonstram um quadro que cruza os índices e variáveis da análise de domínio (Quadro 2).

Quadro 2 - Cruzamento de índices e variáveis na análise de domínio

	Comunidade discursiva	Domínio	Linguagem
Conteúdo	<p>Quem são os atores, os grupos, os departamentos, as universidades? Quais tecnologias empregadas? Como todos estes elementos interagem?</p>	<p>Quais os objetos de estudos? Quais perspectivas epistemológicas? Quais instituições privadas ou públicas que interferem na constituição do domínio? Como interagem todos estes elementos?</p>	<p>Quais os termos mais utilizados? Quais os tipos de documentos produzidos? Quais os objetos a que os discursos remetem?</p>
Expressão	<p>Quais as formas (distribuição dos conteúdos/estruturas) dos textos? Como as epistemologias e correntes teóricas interferem nos enunciados da comunidade? Quais os contextos de produção dos enunciados?</p>	<p>O que determina as fronteiras discursivas do domínio? Como são os documentos reguladores do domínio (congresso, associações, instituições)?</p>	<p>Quais os contextos de uso dos termos? Como os termos se relacionam com as formas de conteúdo (objetos de estudo)?</p>
Territorialização	<p>Como é distribuído o capital simbólico no campo científico? Quem são dominantes e dominados e como eles se comportam no campo?</p>	<p>Quais as estruturas físicas, prediais, burocráticas e informacionais? Quais as epistemologias e paradigmas presentes na área? Como os paradigmas e epistemologias se relacionam sobre o objeto?</p>	<p>Quais os tipos documentais, os canais de informação e as fontes de informação mais utilizadas? Como são os padrões dos textos na área?</p>
Desterritorialização	<p>Quem são os desafiantes do poder? Quais os devires emergentes dos dominantes? Como eles estruturam relações no campo?</p>	<p>Quais estudos/perspectivas/objetos de estudos emergentes? Como tais perspectivas se distribuem nas instituições? Quais devires os métodos e as teorias passam?</p>	<p>Quais são os novos conceitos e propostas? Quais os documentos que mais se abrem as inovações? Quais as novas formas de escrever e publicar?</p>

Fonte: Adaptado de Amorim e Café (2017, p. 83).

3.2.1 Comunidade discursiva

Nascimento (2006, p. 31) expõe com base na teoria de Hjørland que a unidade de análise da Ciência da Informação é formada pelos campos coletivos de conhecimento ou domínios de conhecimento, concernentes a suas comunidades discursivas, que é identificada como científica, acadêmica ou profissional, com estruturas de comunicação e publicação, tipos de documentos, terminologia específica e estruturas informacionais únicas. Estas comunidades possuem estrutura e organização do conhecimento, padrões de cooperação, formas de linguagem e comunicação, sistemas de informação, literatura e sua distribuição e critérios de relevância.

Alvarenga e Dias (2012) apontam que o tema da análise de domínio na Ciência da Informação foi desenvolvido por Hjørland e Albrechtem em 1995, dizendo que a análise de domínio compreende um entendimento relacionado a comunidades discursivas, pois

[...] a melhor forma de compreender as informações na Ciência da Informação é estudar as áreas de conhecimento como ‘comunidades de discurso’, que são partes da divisão da sociedade do trabalho. Organização do conhecimento, estrutura, padrões de cooperação, linguagem e formas de comunicação, sistemas de informação e critérios de relevância são reflexões dos objetos do trabalho dessas comunidades e do seu papel na sociedade. A psicologia, o conhecimento, a necessidade de informação e critérios subjetivos de relevância devem ser vistos nessa perspectiva (Hjørland; Albrechtsen, 1995 *apud* Alvarenga; Dias, 2012).

Dias (2015, p. 10-11) indica que Swales em 1990, citado por Nascimento e Marteleto em 2004, propõe a identificação de uma comunidade discursiva a partir de seis características:

- 1) metas comuns: a comunidade discursiva tem um conjunto combinado de objetivos, podendo se apresentar em documentos ou em conhecimento tácito;
- 2) mecanismos participativos: uma comunidade discursiva possui formas de intercomunicação entre os membros, tais como encontros, correspondência, *newsletter* ou simples conversas;
- 3) troca de informação: a comunidade discursiva usa mecanismos para promover informação com propósitos definidos, como exemplo, a melhora de *performance* e aumento da capacidade produtiva;

- 4) estilos específicos: uma comunidade discursiva usa e possui um ou mais estilos de comunicação para atingir seus objetivos, identificados por tópicos de discussão, forma, posição de elementos e mensagens;
- 5) terminologia especializada: uma comunidade discursiva tem um vocabulário específico;
- 6) alto nível de especialização: uma comunidade discursiva tem um mínimo de membros com um nível adequado de conhecimento relevante e *expertise* discursiva.

Porém, Dias (2015, p. 11) salienta que a literatura sobre análise de domínio reconhece que as comunidades discursivas são compostas por atores com pontos de vista distintos, estruturas de conhecimento individuais, predisposições, critérios de relevância subjetivos, estilos cognitivos particulares. No entanto, está presente no jogo entre as estruturas de domínio e o conhecimento individual e na interação entre o nível individual e social.

Amorim e Café (2017) delimitam *comunidade discursiva* como

[...] uma organização social que ordena e limita o processo comunicacional num domínio, constituindo como o epicentro de interesse da Análise de Domínio. Composta por atores (produtores, intermediários e usuários dos documentos), instituições e serviços de informação, que se arranjam segundo uma divisão social do trabalho. A comunidade discursiva é responsável pelo estabelecimento da estrutura de informação na medida em que moldam as ferramentas, as linguagens, os conceitos, os significados, as necessidades e os critérios de relevância informacional (Amorim; Café, 2017, p. 81).

3.2.2 Garantia da literatura

A garantia da literatura é oferecida pela própria literatura, pois através das suas fontes de informação, onde são e estão registrados os diversos termos adotados em determinado domínio. A literatura, sendo reconhecida pelos pares, ajuda no processo de validação dos sistemas de organização do conhecimento, dado que ela oferece o aval dos pares reconhecendo a linguagem de especialidade e terminologia própria de cada domínio (Dias, 2015, p. 11).

Beghtol (1995 *apud* Dias, 2015, p. 11) explica que a garantia da literatura ou garantia literária pode ser, geralmente, caracterizada como o conjunto de temas ao redor de uma literatura estabelecida.

De acordo com Barité (2007 *apud* Dias, 2015, p. 11) a base do princípio da garantia literária não está somente na metodologia de elaboração de instrumentos de representação do

conhecimento, mas em levar em conta o consenso científico, educacional e especializado das comunidades usuárias das linguagens documentárias de cada domínio específico.

No âmbito da Biblioteconomia, a garantia literária se encontra vinculada aos aspectos semânticos das formas de representação próprias da classificação e indexação, tais como descritores, cabeçalhos de assuntos, notações classificatórias (Barité *et al.*, 2010 *apud* Dias, 2015, p. 11-12).

De acordo com Dias (2015, p. 12)

A garantia da literatura é uma condição necessária para a construção de sistemas de classificação, tesouros e outros vocabulários controlados. Pois do contrário como é possível à validação dos termos utilizados na construção dos instrumentos de linguagem documentária?

Contudo, o termo *garantia da literatura* foi introduzido por E. Wyndlan Hulme em 1915, no seu livro *Principles of Book Classification*, onde apresenta dois pontos fundamentais:

1. a garantia da literatura estabelece que um determinado cabeçalho está associado à sua existência na literatura da área;
2. a garantia de literatura oferece um valor e o quanto o termo encontrado na literatura possui um grau de precisão para descrever tal área (Dias, 2015, p. 12).

Apesar da garantia da literatura estar em torno da representatividade do conhecimento e na construção de instrumentos para organizar e recuperar a literatura, revela-se como potencial aspecto da pesquisa e mensuração de classe literária, pois “[...] é valor quantitativo que pode ser atribuído tão logo a bibliografia de um assunto tenha sido definitivamente compilada” (Hulme, 1911 *apud* Dias, 2015, p. 12). Existe uma certa proximidade com a bibliometria, um campo de estudo da produtividade dos autores através da análise e medição da produção bibliográfica.

3.2.3 Análise de domínio

Segundo Dias e Alvarenga (2011), o termo *análise de domínio* foi introduzido por Neighbors, em 1981, como “a atividade de identificar os objetos e as operações de uma classe de sistemas similares em um domínio de problema particular” (Prieto-Díaz, 1990, p. 48 *apud* Dias; Alvarenga, 2011, p. 182).

Kerr (2003 *apud* Guimarães, 2014, p. 16) informa que o conceito de análise de domínio foi utilizado inicialmente por Neighbors em 1980, na área de ciência da computação, no intuito de identificar elementos, tais como operações, objetos e relações deles decorrentes, cujos especialistas de dado domínio consideravam como significativos para suas atividades.

Cima e Werner (1997 *apud* Dias; Alvarenga, 2011, p. 182-183) afirmam que a ideia central da análise de domínio é identificar o que constitui o domínio, e Nardi, em 2006, diz que o produto é o modelo que contém informações sobre o domínio e que pode ser reutilizado no desenvolvimento de sistemas.

Alvarenga e Dias (2012) indicam que tal análise se volta, prioritariamente, ao planejamento e desenvolvimento de sistemas de recuperação de informações empresariais, porém é aplicada em outros campos profissionais e de pesquisa. As autoras ainda citam Beghtol, de 1995, o qual informa que a análise é proveitosa em outros tipos de domínios, como campos de assuntos ou áreas temáticas, podendo ser usada para o design de linguagens documentárias, como tesouros ou sistemas de classificação.

Em outras palavras, investiga-se o processo de modelagem, incluindo a determinação de categorias fundamentais na área de conhecimento estudada e a análise em detalhes de alguns tipos de temas, assuntos e questões que os autores acreditam ser investigados. Expondo como desafios da modelagem a definição do domínio a ser modelado, a escolha dos termos ou do vocabulário que represente a área de assunto em análise (Beghtol, 1995 *apud* Alvarenga; Dias, 2012).

Guimarães (2014, p. 16) diz que Danuello em 2007, observa que a análise de domínio encontra seu cerne no estudo de atividades e produtos de um dado entorno, pois Hjørland em 2002, informa que instrumentos, conceitos, significados, estruturas de informação, necessidades informacionais e critérios relevantes estão refletidos nas comunidades discursivas.

Dias (2015, p. 8) considera a análise de domínio “[...] um processo para identificar os objetos existentes em um determinado domínio, entender o contexto de tal forma que seja possível representar e organizar o conhecimento e torná-lo pronto para ser utilizado”.

A análise de domínio como campo de estudo teórico ou aplicado, extrapola a área da Ciência da Informação (Dias; Alvarenga, 2011, p. 183). Contudo, Prieto-Díaz (1990 *apud* Dias; Alvarenga, 2011, p. 183) informa que “um dos objetivos da análise de domínio é fazer com que

toda informação esteja prontamente disponível”, e tal objetivo faz parte da premissa do campo de estudo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Porém, Amorim, Vianna e Medeiros (2018/2019, p. 38) dizem que “a análise de domínio não centra sua atenção sobre a informação ou no conhecimento, mas antes, na produção destes”, informando que o foco é sobre as comunidades discursivas compostas por saberes, práticas, objetos, sujeitos e instituições sociais em constante interação, que tecem redes de signos e semânticas articuladas em documentos.

De acordo com Nascimento (2006, p. 31), Hjørland propõe a análise de domínio como abordagem à Ciência da Informação que enfatiza as dimensões social, histórico e cultural da informação. Essa análise é um contraponto das abordagens do cognitivismo e dos sistemas de informação que se voltam aos processos psicológicos e tecnológicos, sendo que a análise de domínio foca nos processos sociais e culturais, observando a informação construída.

Campos e Venâncio (2006) dizem que a teoria [análise] é proveitosa para a Ciência da Informação em estudar os domínios do conhecimento como comunidades de discurso ou pensamento, pois são partes da divisão do trabalho em uma sociedade, tratando-se de uma abordagem social-epistemológica, funcionalista e realista, que procura transcender as percepções individualistas e subjetivas dos usuários para fundamentar seus princípios e metodologia.

Segundo Campos e Venâncio (2006), a análise de domínio adota um ponto de vista sócio-cognitivo, conforme dispõe Hjørland em 2004, que valoriza os papéis da cultura e da sociedade na cognição, tendo em função as representações simbólicas, as pesquisas em semântica e pragmática, destacando a internalização de signos e símbolos socialmente produzidos e no modo como os processos cognitivos são mediados por significados construídos cultural, histórica e socialmente.

De acordo com Capurro (2003 *apud* Campos; Venâncio, 2007, p. 114), a consequência da prática da análise de domínio é o abandono de uma linguagem ideal de representação do conhecimento ou de algoritmos ideais para a recuperação da informação, visto a importância das ligações dos discursos, das áreas do conhecimento e dos documentos, o que proporciona diversas perspectivas ou ponto de acesso das comunidades de usuários. Dado que os conceitos

de informação só têm sentido em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado entre os diversos membros da comunidade.

Tennis (2012) diz que a análise de domínio sempre despertou o interesse profissional da Biblioteconomia e Ciência da Informação no sentido de garantia literária, considerada como área de estudo mais formal destes campos no princípio do século XXI.

Exposto por Dias e Alvarenga (2011, p. 182), Hjørland em 1997 indica que o objeto da análise de domínio é o desenvolvimento de informações coletivas e de estruturas de conhecimento, cuja análise é realizada com base nas informações oriundas das comunidades discursivas a partir da sua linguagem e suas condições culturais e históricas.

Alvarenga e Dias (2012) trazem a visão de Lykke-Nielsen, de 2000, que uma análise típica de domínio compreende no exame da estrutura da informação da disciplina, abrangendo o tamanho da sua literatura, a distribuição da literatura em relação às formas de publicação, sua estrutura nacional e internacional, seus padrões de citação, trocas de procedimentos disciplinares etc.

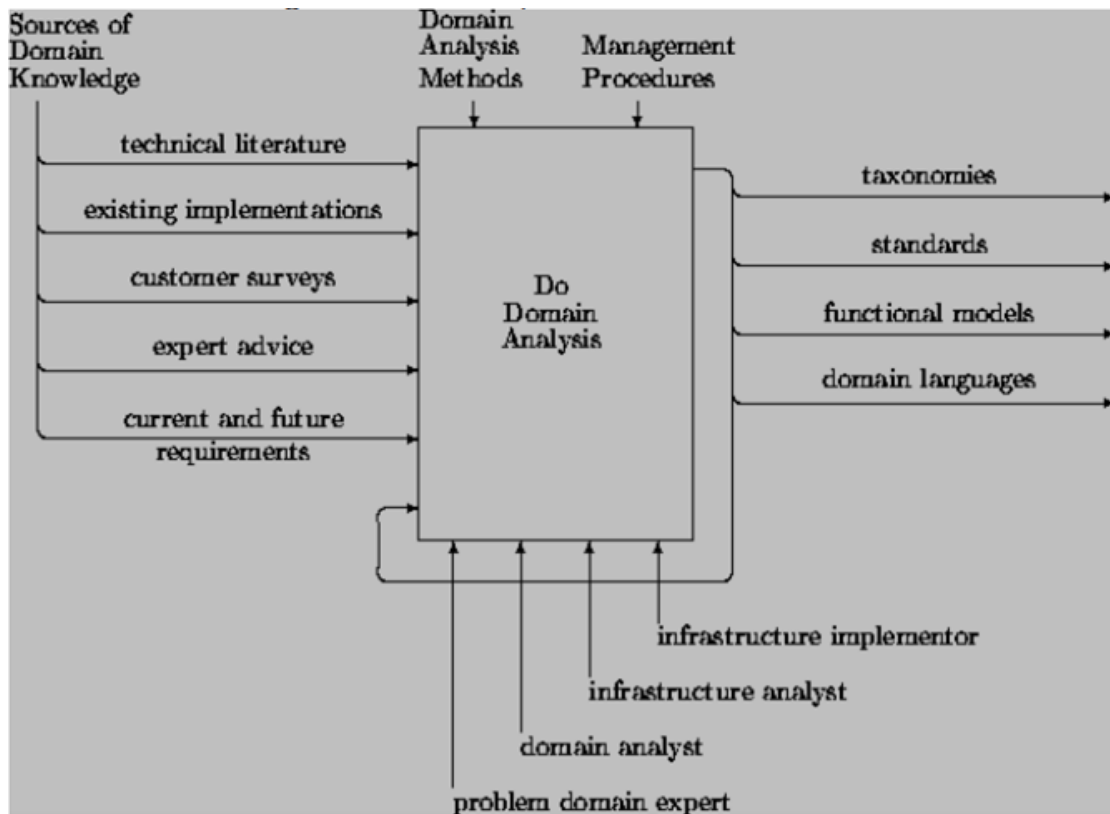
Grácio e Oliveira (2014) dizem, em síntese, que “a análise de domínio constitui relevante abordagem para caracterização e avaliação da ciência, visto que permite identificar e analisar as condições pelas quais o conhecimento científico se constrói e se socializa”.

Dias (2015, p. 7-8) expõe que

[...] a análise de domínio é um processo importante para identificar os objetos, os processos e suas relações para a construção de um vocabulário de um determinado domínio que, pode ser usado tanto para as atividades de organização, quanto de recuperação da informação e do conhecimento.

Dias (2015, p. 9-10) apresenta um diagrama (**Erro! Fonte de referência não é encontrada.**) com um modelo de análise de domínio e que representa alguns objetos desses domínios. No diagrama é retratado o contexto do processo de análise de domínio, o qual é composto por fontes de conhecimento, método de análise do domínio e procedimentos de gestão.

Figura 4 - Diagrama do processo de análise de domínio



Fonte: Arango e Prieto-Diaz (1989 *apud* Dias, 2015, p. 10).

Observa-se que os elementos incluem da Figura 4 as entradas (*inputs*), que são representadas pelas fontes de conhecimento do domínio sob análise, formadas pelo conjunto de literatura técnica, projetos, dados e especialistas; as fontes de informação do domínio têm potencial para fornecer os elementos que possibilitam o desenvolvimento da estrutura que representa os conceitos acerca dos objetos e suas relações, resultando na criação inicial do modelo de domínio, e; as saídas (*outputs*), formadas depois do modelo do domínio, podendo ser listas como taxonomias, padrões, modelos funcionais e linguagens de domínio (Dias, 2015, p. 9).

Sundstrom e Moraes (2018) apresentam a Quadro 3 com parâmetros fundamentados em Tennis (2012).

Quadro 3 - Parâmetros para análise de domínio

Etapa	Diretrizes fundamentadas em Tennis (2012)
Rotulagem	Criar o rótulo e nomear o domínio, de acordo com o autor esse passo já limita a intenção, extensão e exclusão do domínio.
Escopo e alcance	O autor afirma que esta etapa está amparada no momento em que o analista define a extensão e a intenção. Desse modo, nesta pesquisa

	serão utilizados os critérios estabelecidos para a seleção dos conceitos, que são compreendidos como a extensão.
Extensão	Conceitos identificados e que caracterizam a comunidade <i>booktube</i> , essa etapa utilizará respaldo do mapa conceitual.
Exclusão	Conjunto de critérios aderidos para limitar a análise e proporcionar maior direcionamento.
Propósito	Caracterizar a análise como análise de domínio descritiva ou análise de domínio instrumental. Através da leitura compreendeu-se que a primeira pode dar suporte para a continuidade da segunda.
Área de modulação	É a união das seguintes etapas: nome, extensão e exclusão
Fusão de horizontes	Momento em que se deve propor o contraponto de ideias com respaldo em outras pesquisas.

Fonte: Adaptado de Sundstrom e Moraes (2018, p. 17).

Arminda Damus e Noemí Acuña (2019) descrevem a aproximação da análise de domínio nas investigações da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Neste estudo, apresenta-se a Quadro 4 que indica vantagens e desvantagens dos métodos de análises de domínio.

Quadro 4 - Vantagens e desvantagens dos métodos de análise de domínio

MÉTODOS	DESCRIÇÃO	VANTAGENS	DESVANTAGENS
Produção de guias bibliográficos	Listam e descrevem sistemas de recursos de informação de uma ou mais áreas; Centram na literatura de referência descritiva seletiva;	Ressaltam as fontes de informação mais relevantes de um domínio; Estabelecem as bases do domínio analisado; São importantes para trabalhos de informação prática	Não consideram como investigação propriamente dita (exceto em humanidades); Consumem tempo e se tornam obsoletos rapidamente;
Produção de classificações especiais	Estipulam conceitos centrais de um domínio de acordo com relações semânticas;	Permitem visualizar o vocabulário específico de um domínio; Têm sentido prático;	Os sistemas de classificação geralmente não são específicos; Não podem ser atualizados com tanta rapidez;
Pesquisa sobre a indexação e recuperação especializada	Estabelecem demandas específicas do domínio e permitem conhecer os sistemas de recuperação e representação da informação;	Possibilita a atualização eficiente, se estiver automatizado; Sempre são específicas a um domínio particular;	Ignoradas como campo de pesquisa;
Estudos empíricos de usuário nos diferentes campos	Revelam as necessidades dos usuários e seu comportamento com respeito a informação;	Consideram os domínios e as tradições como fatores relevantes de comportamento e informação; Representam uma importante aproximação da análise de domínio na Ciência da Informação, se realizado mediante uma teoria apropriada;	Falta de teorias adequadas para guiar este tipo de investigação; Pesquisa com certa forma de indutivismo;
Estudos bibliométricos	Permitem realizar a análise da estrutura das disciplinas científicas, mediante a bibliografia gerada nos domínios, assim como as relações aparecidas mediante as citações;	Mostram detalhadamente as conexões reais entre documentos individuais;	Dependem, em grande parte, do comportamento das citações dos autores em que se embasa o estudo; Apresentam problemas na avaliação das citações “negativas”;
Estudos históricos de intercambio de informação	Permitem reconhecer a evolução do domínio em relação a terminologia, categorias, literatura, gêneros e etc.;	Provem de uma perspectiva mais profunda e coerente, comparada com outros tipos de pesquisa não histórica e de natureza mecânica;	Não são muito utilizadas na Ciência da Informação;

Estudos do documento e de gênero	Estudam os formatos de documentos existentes em um domínio particular;	Permitem observar as necessidades dos domínios e suas normas epistemológicas e metodológicas; Podem prover serviços de informação ricos e diferenciados	Podem cair em formatos que correspondem a estilos de manual, sem ter em conta métodos nem bases epistemológicas;
Estudos epistemológicos e críticos	Analizam textos onde podem aparecer paradigmas ou noções epistemológicas de um determinado domínio;	Provem o mais alto nível de generalidade sobre necessidades de informação e critérios relevantes que qualquer outro tipo de análise; Beneficia os estudos bibliométricos, já que os autores citam a outros que seguem a mesma linha de pensamento;	---
Estudos terminológicos, idiomas para fins especiais, estudos do discurso	Estudam vocabulário em sublinguagens de um domínio;	A terminologia afeta nossa estrutura de pensamento e, portanto, as palavras empregadas na busca em bases de dados;	Falta de pontes de contato entre Ciência da Informação e linguística (ou pelo menos distanciamento);
Estudos das estruturas e instituições da comunicação científica	Revelam as estruturas que compõem as vias da comunicação de um certo domínio;	Provem informação útil enquanto ao funcionamento de tipos específicos de serviços de informação e documentação, utilizados na construção de guias literários;	---
Análise de domínio na cognição profissional e na inteligência artificial	Permitem reconhecer elementos estruturais dos domínios a nível cognitivo;	Fornecer modelos mentais de um domínio para produzir sistemas complexos.	---

Fonte: Adaptado de Arminda Damuns e Noemí Acuña (2019, p. 14-16).

3.2.3.1 Tipos de análise de domínio

Percebido por Tennis (2012, p. 6-7), existe ao menos dois tipos principais de análise de domínio, sendo a descritiva e a instrumental. A primeira, análise de domínio descritiva, é usada e útil apenas para pesquisas básicas, enquanto a análise de domínio instrumental é usada para a criação de sistemas de organização do conhecimento. Além das análises possuírem funções distintas, o autor diz que também servem a públicos distintos.

A análise de domínio descritiva é utilizada pelos pesquisadores, isto significa que o que constitui um domínio é regido pelos interesses dos pesquisadores e a heurística²⁸ deste tipo de análise é a criação de mapas bibliométricos. Já análise de domínio instrumental é utilizada pelos desenvolvedores de sistemas de organização do conhecimento, sendo raramente considerada valiosa pelo público em geral, dado o exemplo da *Classificação Decimal de Dewey* que sofre alterações porque os esquemas sofrem mudanças (Tennis, 2012, p. 7).

Em outras palavras, Grácio e Oliveira (2014) dizem que Tennis em 2003, propôs dois planos analíticos, podendo ser compreendidos como eixos, os quais a análise de domínio pode ser abordada, esclarecendo que:

- Eixo 1 – horizontal, área da modulação: determina a extensão de um domínio; estabelece parâmetros sobre os nomes, seu escopo total e sua amplitude, determinando sua extensão, o que se avizinha ou faz intersecção com outros domínios ou áreas do conhecimento;
- Eixo 2 – vertical, graus de especialização: determina a profundidade e especificidade do mesmo; estabelece a intensidade e profundidade de um domínio, os graus de especialização qualificam e estabelecem a especificidade de um domínio, seja a partir do seu foco, por meio da intersecção com outros domínios, em vista da medida em que podem se interceptar ou não.

Já Rosas e Grácio (2015), informam que Tennis, em 2003, sugere o estabelecimento de critérios para delimitação do domínio por meio de dois planos, sendo os eixos citados

²⁸ Significado de heurística: conjunto de regras e métodos que visam à descoberta, à invenção ou a resolução de problemas; arte de inventar, de fazer descobertas; ciência que tem por objeto a descoberta dos fatos.

anteriormente. Porém, complementam falando que “segundo o autor [Tennis], quanto maior a extensão do domínio, menor é a sua especificidade e vice-versa” (Roas; Grácio, 2015, p. 117).

3.2.3.2 Elementos no gênero da análise de domínio

De acordo com Tennis (2012, p. 7), os elementos básicos do gênero de uma análise de domínio é a clareza quanto às definições, escopo e alcance e o propósito do pesquisador. O autor informa que toda análise de domínio deveria possuir seção de definições, escopo e alcance e propósito, sendo que nas seções informaria a definições, escopo e alcance, e propósito.

3.2.3.3 Aplicação da análise de domínio

Hjorland (2002 *apud* Nascimento, 2006, p. 32) sugere a combinação da análise de domínio com os métodos tradicionais da Ciência da Informação para a formação dos especialistas da informação, apontando 11 (onze) áreas de pesquisa da Ciência da Informação que podem se beneficiar da abordagem da análise da informação, sendo elas:

1. Guias de literatura e portais temáticos: publicações que listam e descrevem os sistemas de fontes de informação em uma ou mais áreas; organizam fontes de informação de um domínio de acordo com os tipos e funções abrangidas; enfatizam as descrições idiográficas das fontes de informação e das descrições de como as fontes se complementam dentro de uma perspectiva sistemática;
2. Classificações e *thesaurus* especiais: vocabulários específicos e estruturas lógicas de categorias e conceitos de um documento ou domínio, incluindo as relações semânticas entre os conceitos;
3. Especialidades da indexação e recuperação da informação: organização de documentos ou coleções de maneira a otimizar a capacidade de recuperação e visibilidade de seus específicos potenciais epistemológicos;
4. Estudos empíricos de usuários: estudos de domínios de acordo com as preferências, comportamentos ou modelos mentais de seus usuários;
5. Estudos bibliométricos: padrões sociológicos explícitos entre documentos individuais;

6. Estudos históricos: relacionam as influências mútuas entre a história do domínio ou assunto com tradições, paradigmas, assim como documentos, categorias, sistemas de comunicação e formas de expressão;
7. Estudos do gênero e sobre documentos: revelam a organização e a estrutura de diferentes tipos de documentos em um domínio;
8. Estudos críticos e epistemológicos: organizam o conhecimento de um domínio em paradigmas de acordo com suas suposições básicas sobre conhecimento e realidade;
9. Estudos terminológicos, linguagens para propósitos especiais e estudos do discurso: palavras, textos e expressões em um domínio de acordo com a semântica e critérios pragmáticos;
10. Estudos de estruturas e instituições em comunicações científicas: organizam os principais atores e instituições de acordo com a divisão interna do trabalho em um domínio;
11. Cognição científica e a inteligência artificial: provêm modelos mentais de um domínio ou métodos de descoberta do conhecimento para produzir sistemas peritos.

Contudo, Hjørland vê estas áreas de investigação como possibilidades da Ciência da Informação prover melhores contatos e trocas interdisciplinares entre as áreas de sociologia, linguística e filosofia (Nascimento, 2006, p. 32).

Guimarães (2014, p. 17) também cita Hjørland, de 2002, enunciando as 11 abordagens que caracterizam a análise de domínio, informando que a partir da sua aplicação se torna possível conhecer o domínio, sendo: produção de obras de referência; construção de linguagens de indexação; indexação e recuperação da informação; estudo de usuários; estudos bibliométricos; estudos históricos, estudos de gêneros/tipologias documentais; estudos epistemológicos e críticos; estudos terminológicos; comunicação científica; cognição científica; conhecimento especializado e inteligência artificial.

Para este estudo, destaca-se o que Guimarães (2014, p. 17) diz sobre obras de referência, pois

A produção de obras de referência (guias de literatura) possibilita a organização de fontes de informação de um domínio de acordo com sua tipologia e as funções exercidas, dentro de uma perspectiva sistêmica. Logo, o levantamento, a classificação, a identificação da função, descrição e avaliação (categorização de fontes mais significativas) e a elaboração de guias de orientação fornece especial subsídio para se identificar efetivamente qual o conhecimento em dado domínio (Guimarães, 2014, p. 17).

González Guitián e Zayas Pérez (2012) realizam uma análise no domínio de *Auditorías de Conocimiento*. Na introdução do estudo, as autoras dizem que a representação e o estudo dos domínios científicos tem sido preocupação de várias pesquisas, expondo o de Garfield de 1963, quando construiu mapas históricos do uso de citações, Solla Prince de 1965 que demonstrou os padrões de citação que definiam as frentes de investigação, Small de 1973 e Marshakova de 1973 que abrangeram a cocitação de documentos como variável de estudo nas análises de citação, e Griffith *et al.* de 1974 que utilizaram a *Science Citation Index* e a cocitação para identificar grupo de documentos com interesses intelectuais comuns.

Contudo, o estudo de González Guitián e Zayas Pérez (2012) merece destaque por referir-se à visualização de um domínio específico, pois ressaltam que a Ciência da Informação tem como estudo o tipo de informação, as relações entre documentos, áreas de conhecimento e discursos, para o acesso à informação de distintas comunidades de usuários. Nesta ciência, tem-se utilizado métodos de análise para visualização da estrutura de pequenos domínios científicos, mostrando as relações entre documentos, autores significativos numa disciplina, estrutura e evolução de uma área de conhecimento. Dito isso, as autoras descrevem as fontes, métodos e materiais para caracterizar o domínio da auditoria do conhecimento.

Grácio e Oliveira (2014) exploram a análise de cocitação de autores, pois está dentro de uma das abordagens sugeridas por Hjørland, em 2002, sendo os estudos bibliométricos, considerados como metodologias consolidadas e objetivas para análise e identificação de um domínio científico. Destacam que a análise de citação e cocitação se referem, especialmente, à visualização das áreas de conhecimento científico, constituindo um procedimento relevante para análise da interlocução entre pesquisadores e seu papel em diferentes áreas da ciência, evidenciando o fluxo da estrutura subjacente de um domínio do conhecimento.

Rosas e Grácio (2015) ao analisarem o domínio da zootecnia, introduzem a investigação dizem que os estudos bibliométricos constituem procedimentos metodológicos que contribuem para a visualização do comportamento da ciência em uma área ou comunidade acadêmica,

evidenciando o referencial teórico-epistemológico, elite científica e as relações na comunidade científica analisada (Grácio; Oliveira, 2011 *apud* Rosas; Grácio, 2015, p. 116). E informam que

Associados às análises contextuais, esses estudos formam uma abordagem objetiva que permite um diagnóstico fidedigno e amplo da ciência produzida, em nível micro, meso ou macro, para uma temática, especialidade, disciplina ou área do conhecimento (Rosas; Grácio, 2015, p. 116).

Contudo, Rosas e Grácio (2015) expõem a relevância dos estudos bibliométricos para análise de domínio a partir da análise de colaboração científica, pois permite identificar proximidades e afinidades teórico-metodológicas e sociais em uma comunidade científica e o impacto científico decorrente das cooperações. Citando outros autores, contextualizam-se que a colaboração aperfeiçoa e potencializa o desenvolvimento de atividades no contexto social da ciência, destacando-se os colégios invisíveis, as políticas científicas nacionais e internacionais, a revisão por pares e normas presentes de forma tácita no campo disciplinar e em instituições de pesquisa, como também em universidades. Observam-se, também, que a colaboração científica ocorre quando dois pesquisadores compartilham dados, equipamentos ou ideias em um projeto, cuja maioria das vezes os experimentos e análises de pesquisa são publicados em forma de artigo, e a forma mais comum de medir a colaboração científica é por meio da análise de coautorias.

Por fim, Rosas e Grácio (2015, p. 118-119) justificam a escolha da zootecnia devido a importância da área no contexto científico brasileiro, com inserção, visibilidade e impacto em âmbito internacional, demonstrando que o SJR-Scimago²⁹, em 1996, indicava o Brasil como o 14º colocado no *ranking* mundial da produção científica em *Animal Science and Zoology*, área que a zootecnia pertence, e no ano de 2010 passou a ocupar o 2º lugar. Em acúmulo de 1996 a 2010, a produção científica brasileira na área de *Animal Science and Zoology* ocupou o 4º lugar no *ranking* mundial.

Desta forma, Rosas e Grácio (2015, p. 119-121) apresentam os procedimentos metodológicos para a análise das coautorias como uma abordagem de análise de domínio, aplicando os dois eixos propostos por Tennis em 2003. Em relação à área de modulação (eixo horizontal), o parâmetro nomeação foi definido como “Zootecnia” e o parâmetro extensão do

²⁹ O indicador SJR de um periódico é uma medida do número de citações recebidas por seus artigos considerando a importância dos periódicos de origem dessas citações. Disponível em: <https://www.scimagojr.com/>. Acesso em: 2 out. 2023.

domínio (abrangência do domínio) foi definido como “Programas de Pós-graduação brasileiros em Zootecnia, com conceito 7, nível de excelência”; e o grau de especialização do domínio (eixo vertical), foi definido em função do parâmetro de foco como a “produção científica socializada em periódicos Qualis A1 e A2, no triênio 2007-2009” e do parâmetro intersecção, definido como “a relação colaboração internacional/impacto da produção científica”. A partir dos eixos, foram escolhidas três abordagens mencionadas por Hjørland em 2002, sendo: estudos bibliométricos, estudos históricos e estudos críticos e epistemológicos.

Salles, Gonçalves e Araújo (2017) exploram a transexualidade no campo da saúde. Segundo as autoras, a abordagem da análise de domínio reconhece a existência de interações entre os indivíduos e a sociedade a qual fazem parte, pregando que os indivíduos devem ser vistos como membros de grupos de trabalho, disciplinas, comunidades de pensamento e de discurso, sendo assim “[...] optamos por adotar a transexualidade como domínio, enquanto comunidade de pensamento e de discurso, com sua história e seus pontos de vista comum” (Salles; Gonçalves; Araújo, 2017, p. 269). As autoras concluem no estudo que a transexualidade é um domínio transversal dentro das ciências da saúde, onde a pesquisa científica ocorre de maneira interdisciplinar e aponta caminhos médicos, sociais, psicológicos e legais.

Canchumani, Leta e Figueiredo (2017) identificam e mapeiam os domínios científicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste estudo, discute e conclui que um dos problemas que apresentam a delimitação temática dos domínios científicos e a diversidade de esquemas de classificação que existem, tanto para a mensuração de insumos como de resultados, indicando que optaram pela classificação de áreas do conhecimento utilizada pelo CNPq [], com a justificativa de que “o uso dessa classificação aproxima a análise da instituição à realidade de pesquisa no País” (Canchumani; Leta; Figueiredo, 2017, p. 215).

Sundstrom e Moraes (2018) se utilizam da análise de domínio para mapear os conceitos utilizados pela comunidade de *booktubers*. A conclusão dos autores corresponde na crença da continuidade do estudo, voltado a análise de domínio instrumental, devido a percepção de um novo esquema de categorização que permite o diálogo entre análise de domínio, comunidades virtuais e a organização do conhecimento.

Porém, as considerações do estudo remetem ao crescente uso da informação audiovisual na web, acreditando-se que há a necessidade de se estudar tais instâncias de organização, a fim de mapear a organização operacional por meio da compreensão de domínios,

pois a partir desta análise, compreenderam que em ambiente aberto de informação se amplia o campo semântico e a necessidade de mapear conceitos em comunidades emergentes (Sundstrom; Moraes, 2018, p. 20).

Rios, Lucas e Amorim (2019) analisam o Movimento do Acesso Aberto como domínio científico, por meio dos seus manifestos. Porém, o estudo identifica a escassez da produção científica de artigos científico sobre o domínio analisado, deixando a reflexa para o movimento criar documentos norteadores que sirvam como base para estabelecimento de políticas que direcionem as instituições a disponibilizar acesso aberto a informação de toda produção científica.

Tognoli, Silva e Silva (2019) realizam uma análise de domínio nos periódicos *Knowledge Organization* e *Scire* para caracterizar o estado da arte da Arquivologia no âmbito da organização do conhecimento, utilizando-se a análise de domínio com as abordagens epistemológica, histórica e bibliométrica. Como resultado, demonstraram equilíbrio dos estudos epistemológicos e aplicados, mas uma carência de estudos com aspectos culturais e sociais, observam predominância de estudos que abordam as tecnologias da informação na organização e recuperação dos documentos digitais, com ênfase nos estudos sobre classificação.

França, Grossi e Pacios (2021) buscam identificar as características sobre mídias sociais e bibliotecas na produção científica estadunidense, optando como método cinco abordagens de análise de domínio, sendo estudos históricos, estudos bibliométricos, estudos epistemológicos e críticos, estudos terminológicos e classificações especiais e tesouros. Em 2022 repetem a mesma investigação, mas explorando a Espanha (França; Pacios; Grossi, 2022).

Rocha e Grácio (2021) analisam as referências adotadas nas disciplinas ministradas em duas unidades do curso tecnológico em biocombustíveis do Centro Paula Sousa, a fim de caracterizar o domínio científico fundante da formação dos egressos, mapeando-se a rede de citações por blocos de disciplinas. Desta forma, utilizaram-se o estudo bibliométrico de análise de citações associados a análise de redes sociais.

Triques, Albuquerque e Arakaki (2022) realizam a análise de domínio da atividade de curadoria na Ciência da Informação brasileira, considerando o estudo bibliométrico e o estudo de terminologia e discurso. Deste estudo, destaca-se a organização e análise das publicações,

pois separaram as publicações em grupos e em categorias, e delimitam a atividade de curadoria em cada grupo.

Hernandez e Vital (2022) expõem os estudos de gênero para a organização do conhecimento no campo da Arquivologia. Em conclusão da pesquisa, consideram que os estudos retóricos de gênero para organização e representação da informação arquivística ainda está em fase embrionária de discussão pela comunidade científica.

Sánchez-Tarragó e Silva (2022) têm como objetivo mapear a produção científica brasileira que problematiza a dimensão ética, social e política da organização do conhecimento e identificar as relações sociais entre pesquisadores que configure o domínio. Para a delimitação do domínio seguiram a indicação de Tennis de 2012, possuindo as categorias de definição do domínio, escopo e alcance, exclusão e propósito.

3.2.3.4 Domínio organizacional

Dias e Alvarenga (2011) realizam um estudo objetivando mapear entidades que os instrumentos de coleta de dados da metodologia *Designing and Implementing Recordkeeping Systems* (DIRKS) disponibilizam para modelagem de domínio organizacional. O manual DIRKS originou-se do trabalho cooperativo entre as instituições arquivísticas australianas e o Arquivo Nacional da Austrália, com base na norma australiana AS 4390-1996 que contribuiu para originar a norma AS ISO 15.486 de 2002, a qual fornece diretrizes para projeto de gestão arquivística (Australian Standard, 2008 *apud* Dias; Alvarenga, 2011, p. 183).

Na metodologia DIRKS, são expressos os seguintes passos:

- a) Investigação preliminar;
- b) Análise das atividades de negócio;
- c) Identificação dos requisitos de arquivamento;
- d) Avaliação dos sistemas existentes;
- e) Identificação das estratégias para satisfazer os requisitos de registros;
- f) Concepção de um sistema de gestão de documentos;
- g) Implementação de um sistema para gestão de documentos arquivísticos, e;
- h) Avaliação da implementação de um sistema.

Para o estudo de Dias e Alvarenga (2011 p. 184), analisou-se um conjunto de oito formulários usados na implementação dos passos A, B e C da metodologia DIRKS, formando assim:

A. Investigação preliminar

- a. Formulário de identificação de fontes – leis e decretos;
- b. Formulário de identificação de fontes – normas específicas – regulamentos;
- c. Formulário de identificação de fontes – outras fontes incluindo entrevistas, e;
- d. Levantamento do contexto organizacional;

B. Levantamento de atividades

- a. Formulário de levantamento de função;
- b. Tabela de análise de atividades;
- c. Análise de atividades – fluxo da transação;

C. Identificação dos requisitos de arquivamento

- a. Tabela de identificação de requisitos de arquivamento.

3.2.3.5 Domínio emergente e domínio de emergência súbita

De acordo com Barité (2020), os domínios emergentes de conhecimento são aqueles relativamente recentes que se configuram como consequência da especialização, a progressiva interseção de campos temáticos ou disciplinas pré-existentes ou pelo surgimento de situações da realidade que requerem respostas inovadoras das especialidades que podem ter a seu cargo sua análise e desenvolvimento.

No entanto, Barité (2020) investiga um tipo particular de domínio emergente, sendo o domínio de emergência súbita, entendido como toda área nova do conhecimento que nasce por imperativo da realidade e, em muitos casos, de forma imprevisível, nesta situação o autor cita a demanda gerada pela pandemia do vírus SARS-CoV-2. Em conclusão, o autor diz que o domínio de emergência súbita oferece um desafio a desencadear, por breves períodos, como um “tsunami” de conceitos que são totalmente novos ou provenientes de outras disciplinas, e em conjunto tratam de dar conta de numerosas perspectivas de análises e sistematização de conceitos que requerem estes domínios de explosão.

Ainda no contexto de domínio emergente, domínio de emergência súbita e pandemia, Marteleto (2022) revela a configuração da informação e comunicação no domínio do conhecimento em saúde no Brasil, tendo como exemplo a sociedade científica da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), que promoveu a comunicação entre os pares do campo científico e a sociedade. Contudo, o artigo propõe algumas reflexões sobre a ordem do conhecimento no campo da saúde, o que não é novo, mas houve aceleração e evidente na pandemia. Este cenário pandêmico desafiou o emprego de dispositivos tecnológicos para informação de qualidade e diálogo com diferentes atores da sociedade e conhecimento, reconfigurando práticas de informação e comunicação científica no campo da saúde.

3.3 TANATOLOGIA

Este tópico se refere ao campo da Tanatologia, apresentando algumas definições, área de atuação, estudos da Tanatologia e referências da temática.

3.3.1 Definições de Tanatologia

Kóvacs (2008, p. 458) indica que a Tanatologia é

[...] área de conhecimento e de aplicação, envolvendo cuidados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos auto-destrutivos, suicídio, ou por causas externas, pela violência presente principalmente nos centros urbanos.

Bouso, Poles e Rossato (2009, p. 1332) apresentam a importância do desenvolvimento de conceitos para a área de Tanatologia e Enfermagem, e falam que

A Tanatologia é uma ciência interdisciplinar nascida nos Estados Unidos que tem como foco o estudo da morte e do morrer. O conhecimento e a uma prática holística são as bases do cuidado interdisciplinar desta área. [...] os modelos de cuidado da pessoa durante o processo de morrer mudaram drasticamente. A compreensão teórica do processo do luto trouxe avanços e mudanças fundamentais no paradigma de cuidar destas pessoas. O avanço na área da Tanatologia, em um período curto de tempo, requer que a lacuna existente entre a teoria e a prática seja desenvolvida [...].

Färber (2013, p. 268) diz que

A Tanatologia é a investigação científica sobre a morte e o morrer, parceira das Ciências Humanas e Sociais, que contempla o ser humano nas suas relações com os outros, com o meio e consigo mesmo, expondo a condição de transitoriedade das realidades existentes. Ciências da saúde física, mental e espiritual encontram na Tanatologia instrumentos e manejos para sua atenção em situações-limite, de confronto e risco de morte e, especialmente, na administração de cuidados paliativos.

Sampaio *et al.* (2018, p. 2) introduzem seu estudo sobre o ensino da Tanatologia falando que “[...] é uma ciência interdisciplinar que tem como foco o estudo da morte e do morrer.” Contudo, os autores dizem que é um desafio a aceitação da temática com naturalidade, além do fenômeno ser influenciado pela idade, problemas físicos, condições psiquiátricas, etnia, religiosidade, personalidades, experiências e crenças socioculturais.

Nascimento *et al.* (2022) indicam que ao se tratar do processo de finitude humana, destaca-se os estudos em Tanatologia, palavra que tem origem no grego, com a união dos radicais *thanatos* – na mitologia é uma entidade masculina que representa a morte, ilustrado com adas, foice e uma urna, acompanhado por uma borboleta, simbolizando a esperança de uma nova vida – e *logos*, que significa estudo (Fischer; Araújo; Wiegand; D’Espíndula, 2007 *apud* Nascimento *et al.*, 2022, p. 2).

Dentre os precursores do estudo tanatológico, têm-se os filósofos Montaigne e Heidegger, o historiador Philippe Ariès, os médicos William Osler e Elisabeth Kübler-Ross e os psicólogos Aisenberg e Kastenbaum (Freitas, 2009 *apud* Nascimento *et al.*, 2022, p. 2). No Brasil, as principais referências são a psicóloga e doutora Maria Julia Kovács – professora do Laboratório de Estudos sobre a Morte no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – a qual define a Tanatologia como uma

[...] área de conhecimentos e de aplicação, envolvendo cuidados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos autodestrutivos, suicídio, ou por causas externas, pela violência presente principalmente nos centros urbanos” (Kovács, 2008, p. 458 *apud* Nascimento *et al.*, 2022, p. 2-3).

Nascimento *et al.* (2022, p. 3), citando Fischer *et al.* (2007) e Färber (2013), informam que a Tanatologia é uma ciência capaz de auxiliar e permear outras ciências, especialmente as ciências humanas, sociais e da saúde, por terem interesses em comum com a temática. E as outras ciências, como a saúde física, mental e espiritual, encontram instrumentação para atuar diante de situações de crise, confronto, risco de morte e cuidados paliativos.

Zonta *et al.* (2022), com o estudo intitulado *Tanatologia: Uma Revisão Bibliográfica*, definem a Tanatologia, conforme o dicionário Houaiss, sendo a “teoria ou estudo científico sobre a morte, suas causas e fenômenos a ela ligados”. Por causa da ciência abranger os fenômenos ligados à morte, faz relação com outras áreas, como Cuidados Paliativos, Antropologia Forense, Psicologia e Fisiologia. Os autores separam o artigo em *ante mortem*, tratando-se dos cuidados paliativos e do processo de luto, *mors* para discorrer sobre a

Tanatologia Forense, a qual faz parte da Medicina Legal, os aspectos biopsicossociais do luto, e o *post mortem* que se refere a Antropologia Forense. Concluem o artigo dizendo que a Tanatologia é uma área de estudo com alto teor filosófico e de difícil compreensão, em razão do material lúdico, com ressalva da importância que os profissionais da saúde devem ter com pacientes terminais e enlutados.

3.3.1.1 Conceitos atrelados

Braga, Braga e Souza (2021, p. 730) apresentam os aspectos referente a morte, de acordo com a cultura, época e ao tema. Contudo, apresentam-se alguns conceitos pertencentes a área, sendo elas:

- Eutanásia: utilizado pela primeira vez pelo filósofo Francis Bacon, em 1623, composta pelo grego *eu* (bom) e *thánatos* (morte), compreendia como boa morte, morte sem dor ou morte serena, mas atualmente o conceito sofreu modificações passando a significar a conduta de colocar fim deliberado à vida de uma pessoa enfermada;
- Eutanásia ativa (também chamada de positiva ou direta): consiste em uma ação que acelera ou causa a morte;
- Eutanásia passiva (também chamada de negativa): consiste em uma omissão para antecipar a morte ou suspender procedimentos para prolongar a vida;
- Eutanásia voluntária: ação que causa a morte quando há pedido do paciente;
- Eutanásia involuntária: ação que causa a morte sem o consentimento explícito do paciente, o que para muitos é sinônimo de homicídio;
- Suicídio: ações que os indivíduos cometem contra si próprio visando um desenlace fatal;
- Suicídio assistido: ocorre quando a pessoa realiza o ato com ajuda de uma ou mais pessoas;
- Suicídio passivo: ocorre mediante omissão de medidas ou procedimentos que possam resultar na morte;

- Distanásia: derivado de prefixo *dys* (ato defeituoso) e *thánatos* (morte), termo proposto por Georges Morache, a distanásia consiste no prolongamento da vida de pessoa com doença incurável por meios extraordinários, mesmo que em condições deploráveis para o enfermo, também chamada de *obstinação* ou *judiação terapêutica*;
- Mistanásia ou eutanásia social: resulta da falta de assistência adequada a milhares de pessoas portadoras de deficiência físicas e mentais ou outras doenças tratáveis, e não apenas em estágios avançados ou terminais, ocorrendo com frequência a pessoas carentes é a causa habitual de morte indevida e precoce;
- Criptonásia: tem como vítimas pessoas carentes, com baixa escolaridade, idosos e portadores de doenças crônicas ou degenerativas, consistindo na antecipação da morte de doentes em estado grave ou fase terminal de uma doença por deliberação exclusiva da equipe médica, que toma a decisão com a finalidade de liberar vagas para outros pacientes críticos com perspectiva de recuperação e que ainda não conseguiram leito em unidades ou centros hospitalares de tratamento intensivo;
- Ortotanásia: é a suspensão de meios medicamentosos ou artificiais de vida de um paciente em coma irreversível e considerado em morte encefálica, quando há grave comprometimento da coordenação da vida vegetativa e da vida de relação;
- Morte digna (também chamado de bem morrer, boa morte e morte ideal): ausência de intervenções para prolongar a vida, ausência de dor e desconforto físico, ausência de dor e sintomas de desconforto, máximo de conforto (Poles; Bousso, 2009).
- Luto: perda de algo significativo na vida.

Braga, Braga e Souza (2021) destacam que a distanásia ocorre, geralmente, em instituições hospitalares bem estruturadas e com muitos recursos tecnológicos, dado que essa manutenção vital tem custos elevados. A saber, a legislação brasileira considera crime induzir, instigar ou auxiliar o suicídio e a criptonásia configura como homicídio

Kóvacs (2008, p. 459) diz que houve grandes mudanças na área da Tanatologia a partir dos trabalhos de Kubler-Ross e Saunders, pois o trabalho com pacientes em estágio terminal da doença apresentou o tema da morte para discussão pública, desafiando a mentalidade da morte e como tema interdito. O desenvolvimento ocorreu após as guerras mundiais, citando Hermann

Feifel com o clássico *The Meaning of Death*, publicado em 1959, sinalizando a conscientização sobre a importância do tema da morte. Referente ao livro, inclui textos sobre filosofia, arte, religião, sociologia, com artigos de autores conhecidos, dentre eles Jung com *A Alma e a Morte* e Marcuse com *A Ideologia da Morte*.

Nos Estados Unidos, Jessica Mitford escreveu *American Way of Death*, em 1978, o que causou polêmica, pois traçava um retrato da morte no Ocidente, particularmente na América do Norte. No entanto, houve estagnação da área pelas exigências metodológicas das pesquisas realizadas na década de 1980, necessitando a comprovação. Sendo assim, ocorreu a tendência da quantificação e repetição de certos temas como a ansiedade frente à morte (Kovacs, 2008, p. 459).

3.3.2 Área de atuação

Zubiría (2005 *apud* Lima; Paranhos; Werlang, 2009, p. 224) propõe uma divisão do trabalho do tanatólogo, sendo em:

- Tanatologia Clínica: diz respeito ao cuidado do enfermo, da sua família e das pessoas que estão envolvidas e sofrem pela dor do luto;
- Tanatologia de Investigação: campo de investigação do sentido da vida e da morte para o ser humano, considerando e dependendo do tipo da cultura e religião, efeitos causados e a epidemiologia do suicídio.

Färber (2015, p. 28) informa que há múltiplos acessos e interpretações da morte e do morrer, algumas delas são:

- Tema interdisciplinar: a literatura sobre o tema da morte e do morrer abarca os campos teológicos, historiográficos e sociológicos;
- Fenômeno social: a compreensão dos comportamentos acerca da morte e do morrer engloba a aprendizagem social para lidar com a questão, sendo um fenômeno sociopolítico e com relações da sociedade capitalista contemporânea;
- Tabu: os estudiosos se distanciam das reivindicações e da razão, existindo um silêncio em torno da morte;

- Evento pessoal e individual: a vida faz uma comunhão e comunidade, a morte consegue suspender por um momento intemporal esta lei da comunidade.

Relacionado aos profissionais do saber e atuação da Tanatologia, não há um profissional específico, pois abarca médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e outros profissionais da saúde que de alguma forma deve possuir conhecimento prévio sobre o assunto, visando a facilidade da prática e conhecimento sobre luto (Lima; Paranhos; Werlang, 2009, p. 226).

Färber (2013, p. 268) diz que no processo de administração de cuidados paliativos, a Tanatologia oferece apoio aos pacientes e cuidadores, com atuação na intervenção educativa e antecipatória que produz resultados importantes nas resoluções das perdas cotidianas e enfrentamento da morte e luto a longo prazo.

No campo da medicina legal e perícia médica, existe a Tanatologia Forense que consiste no aspecto de diagnóstico de morte, dado que “a morte pode ser definida como a interrupção definitiva da vida, ou seja, só pode se dizer morto algo que já teve vida” (Trunckle; Okamoto, 2022, p. 104).

Antigamente, definia-se morte como a parada cardiorrespiratória definitiva, mas desde a invenção dos meios artificiais para manutenção de respiração, iniciou discussões a respeito da morte cerebral. Por fim, o diagnóstico continua a ser por parada irreversível da respiração e circulação, exceto para pessoas em cuidados intensivos, utilizando então os critérios de morte encefálica (Trunckle; Okamoto, 2022, p. 104).

3.3.3 Estudos de Tanatologia

Como apresentado anteriormente neste estudo, Wittkowski *et al.* (2015) analisam as tendências em Tanatologia a partir de dois periódicos da área, *Death Studies* e *Omega*, no período de 20 anos. A partir disso, elaboram a Tabela 1 **Erro! Fonte de referência não encontrada**.com as temáticas e mais abordadas.

Tabela 1 - Publicações por conteúdo de artigo em *Death Studies* e *Omega*, publicados entre 1991 à 2010

Conteúdo do artigo	n.	%
Luto	573	37%

Atitudes em relação à morte e ao morrer	319	21%
Suicídio	219	14%
Morrer/fim da vida	170	11%
Morte traumática	58	4%
Educação para a morte	44	3%
Questões éticas e legais	33	2%
Conceito de morte em criança	26	2%
Outros	112	7%
Total	1554	100%

Fonte: Adaptado de Wittkowski *et al.* (2015, p. 456).

E tratando-se da tipologia de análise dos artigos e métodos aplicados no campo, apresentam a Tabela 2.

Tabela 2 - Tipologia de análise dos artigos publicados nos periódicos *Death Studies* e *Omega*, publicados de 1991 a 2010

Conteúdo do artigo	n.	%
Teórico	279	18%
Empírica: quantitativo	667	43%
Empírica: qualitativa	341	22%
Modelo misto	39	3%
Revisão de literatura	57	4%
Aplicada	53	3%
Meta análise	12	1%
Indeterminada	98	6%
Total	1546	100%

Fonte: Adaptado de Wittkowski *et al.* (2015, 457).

Parkes (1987 *apud* Kovacs, 2008, p. 459), autoridade na área do luto, aponta que pesquisas sobre o tema, que os estudos dos conceitos básicos verificam como perdas afetam estruturas de significado na vida, dado que o luto é considerado uma profunda transição existencial, e outra questão de estudo é o efeito dos processos do luto no sistema imunológico, visto que dados epidemiológicos mostram mortes após a viuvez e sintomas psíquicos, como depressão, insônia, anorexia, aumento no uso de álcool e drogas.

Porém, há advertências quanto ao estudo do luto, pois Parkes (1998 *apud* Kovacs, 2008, p. 460) diz é preciso tomar cuidado para não classificar precocemente processos de luto como disfunções, em situações que não seguem estágios ou etapas que foram inerentes ao processo.

No relato de experiência de Santana, Nascimento e Almeida (2000), descreve-se o projeto Núcleo de Renascimento Elisabeth Kúbler-Ross (NUREKR), implantado em 8 de maio

de 1995, com objetivo de prestar serviço de assistência domiciliar ao cliente terminal e à família, por meio de práticas e processos de caráter assistencial e preventivo que gerem mudança de atitudes frente à morte e ao processo de morrer, realizado por uma equipe multidisciplinar – médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas, voluntários e pastoral – que permitiu o contato com a morte e o processo de morrer dos clientes no contexto familiar e domiciliar. O programa tinha a concepção filosófica do *hospice*, um movimento relacionado com o cuidar do cliente e de seus familiares diante da morte e do processo de morrer. “No ‘*hospice*’ não se prolonga inútilmente nem se abrevia a vida. Simplesmente se vive, e, quando a morte chega, ela é recebida sem espanto, já que o morrer é encarado e trabalhado como sendo parte integrante da natureza humana.” (Pessini, 1995, p. 67 *apud* Santana; Nascimento; Almeida, 2000, p. 292).

O NUREKR era um projeto destinado ao estudo da Enfermagem Intensiva e Tanatologia, desenvolvido em conjunto com a disciplina Enfermagem Clínico-Cirúrgica, no âmbito da graduação e pós-graduação, com parceiros e convênios de cooperação técnico-científica firmados entre a Universidade Federal da Bahia, por meio da Escola de Enfermagem e a Instituição Tribo Arco-Íris (Santana; Nascimento; Almeida, 2000, p. 291).

Kovács (2004) revela que Wilma da Costa Torres (1934-2004) foi pioneira no desenvolvimento da Tanatologia no Brasil, começando na década de 1970 a publicar sobre o tema nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, sobre o desenvolvimento do conceito de morte em crianças. Em 1981, foi criado o primeiro curso de especialização em Tanatologia no Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas, com os temas: significado humano, histórico, antropológico e social da morte; morte e educação; morte institucionalizada, e; psicologia do doente terminal. Naquele tempo, desenvolveu-se um setor de documentação e consultoria que reuniu 2.000 fichas em 44 entradas, com temas relacionados ao luto, suicídio, abordagem do paciente terminal e outros.

Com fechamento do Instituto, Wilma desenvolve a temática na Universidade Federal do Rio de Janeiro, criando o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tanatologia, que implementou o ensino da Tanatologia nos diferentes níveis de formação – iniciação científica, graduação, aperfeiçoamento e pós-graduação. Kovács conhece Wilma Torres, juntamente com sua irmã Ruth, Wanda Guedes e Terezinha Ebert, companheiras de trabalho no Instituto em 1982, quando inicia seus estudos sobre a morte, relatando que as pesquisadoras colocaram à disposição o arquivo contendo a bibliografia atualizada sobre Tanatologia disponível na época.

A pioneira comentava com a autora cada obra, e disponibilizava o acervo bibliográfico e pessoal. Como de práxis da profissão, participou de vários congressos da área de Psicologia Hospitalar, Tanatologia, Psicossomática, Psicologia da Saúde e Psico-Oncologia. (Kovács, 2004). Nessa notícia [homenagem], são listadas algumas obras de Wilma, sendo livros, capítulos de livros e artigos de periódicos.

Outro estudo desenvolvido por Aguiar *et al.* (2006) tem como objetivo compreender a participação do enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em unidade de terapia intensiva neonatal. A pesquisa é descritiva, com participação de dez enfermeiros assistenciais de unidade de terapia intensiva neonatológica de um hospital-escola da cidade de Fortaleza, Ceará, cuja coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada. Na conclusão, expõem que os sentimentos que surgem nos profissionais são impotência, angústia, frieza, tristeza e saudade, mas que apesar de interferir na assistência ao enfermo e sua família, indica que os enfermeiros ainda se sensibilizam com o processo. Em relação a abordagem da morte na formação acadêmica, a maioria não teve preparo que permitisse lidar com a morte de seus pacientes. Como consideração final, há a indicação de que os cursos de graduação incluam momentos de vivência e reflexão acerca da perda e do luto, a fim de melhorar o preparo dos profissionais de enfermagem. Referente ao estudo, destaca-se que

[...] a maioria das enfermeiras pesquisadas não teve embasamento teórico nem vivência durante a faculdade acerca de Tanatologia: das dez entrevistadas, apenas uma delas relatou ter tido uma disciplina que abordou o tema 'morte'; refletindo, posteriormente, a necessidade de fazer cursos extra-curriculares. (Aguiar *et al.*, 2006, p. 136).

Floriani (2013) analisa o conceito de boa morte, fundamentada no moderno movimento hospice, que constitui no programa de cuidados a pacientes com doenças avançadas e em fase terminal, abrangendo duas modalidades assistenciais, sendo o cuidado paliativo e o cuidado hospice. Em um estudo britânico sobre envelhecimento, identificou doze características da boa morte, sendo elas:

1. Saber quando a morte está próxima e compreender o que pode ser esperado;
2. Ser capaz de ter controle sobre o que ocorre;
3. Ter dignidade e privacidade garantidas;
4. Ter controle sobre o alívio da dor e sobre outros sintomas;
5. Ter controle e poder escolher onde morrer (em casa ou em qualquer outro lugar);

6. Ter acesso à informação e à “expertise” necessárias;
7. Ter acesso a qualquer suporte espiritual ou emocional requerido;
8. Ter acesso aos cuidados paliativos em qualquer lugar, não somente em hospitais;
9. Ter controle sobre quem está presente e com quem irá compartilhar o fim de sua vida;
10. Ser capaz de encaminhar diretivas antecipadas que assegurem que seus desejos serão respeitados;
11. Ter tempo para dizer adeus e controle sobre outros aspectos do tempo;
12. Ser capaz de partir quando for o tempo de ir e não ter a vida prolongada inutilmente (Smith, 2000 *apud* Floriani, 2013, p. 401).

Sampaio *et al.* (2018) relatam a experiência da aprendizagem baseada em problemas no ensino da Tanatologia no curso de graduação em Enfermagem. Neste caso, a disciplina é dada como optativa, com carga horária de 32 horas, abrangendo como conteúdo: Espiritualidade e Luto; História da morte e Tanatologia; Bioética; Psico-Oncologia; Cuidados Paliativos; Comunicação de Más-Notícias, e; Suicídio (Sampaio *et al.*, 2018, p. 2).

Braga, Braga e Souza (2021) discorrem sobre a morte e o morrer através do tempo, região e costumes/expressões culturais, com descrição de casos referentes a morte. Contudo, há um complexo debate contemporâneo, referindo-se ao compromisso da defesa da dignidade humana, com discussões sobre o sofrimento presente no fim da existência ou no enfrentamento de doenças graves, progressivas e sem prognóstico favorável. Assim, como Kovács em 2003, ficam as perguntas sem respostas na sociedade contemporânea:

[...] podemos programar o momento e as circunstâncias da nossa própria morte? O direito dos indivíduos que optaram conscientemente por encerrar antecipadamente sua vida deve ser respeitado? Amigos, familiares e profissionais da saúde podem ajudar piedosamente uma pessoa que deseja antecipar a própria morte? Tratamentos médicos cuja finalidade é prolongar a vida de pacientes com prognóstico fatal, a despeito de uma piora progressiva da qualidade de vida, podem (ou devem) ser suspensos? Quem poderá efetivamente decidir por doentes terminais que já não têm mais autonomia para se manifestar? (Braga; Braga; Souza, 2021, p. 729).

A partir destas questões, os autores pautam a eutanásia, o suicídio, a distanásia, a mistanásia, a criptonásia, a ortotanásia e fazem referência também ao movimento *hospice*. No entanto, a área jurídica, vêm reformulando intervenções em relação a morte, com as diretrizes de antecipadas de vontade ou testamento vital, sendo documentos que a pessoa lúcida especifica previamente os cuidados e tratamentos que deseja receber ou refutar na hipótese de estar em

quadro de incapacidade física ou mental, impedindo de expressar sua vontade de forma livre e autônoma. No entanto, no Brasil é uma expressão de cidadania pouco praticada (Braga; Braga; Souza, 2021, p. 731).

Por fim, Braga, Braga e Souza (2021, p. 732) dizem que é preciso desconstruir os arquétipos da sociedade perante a morte, o que requer motivação, persistência, respeito às ideias divergentes e um diálogo irrestrito, embasado em argumentações científicas, mesmo que ainda existem as dúvidas sem respostas definitivas, como o direito à morte e o desrespeito à autonomia dos portadores de doenças incuráveis.

Nascimento *et al.* (2022) levantam a percepção de que a morte é uma figura presente no cotidiano de profissionais hospitalares, assim realizam uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva, objetivando compreender como residentes percebem a morte. Por meio da entrevista estruturada, consultou 18 residentes do Hospital Universitário Federal do Piauí, sendo das áreas de psicologia (1), enfermagem (2), farmácia (3), fisioterapia (2), nutrição (3) e clínica médica (7). As perguntas foram: Qual significado a morte tem para você?; Você pensa sobre a sua morte?; Como gostaria que acontecesse?; Alguém próximo a você (familiar, amigo, cônjuge ou outros) já morreu?; Quando e como reagiu?; Como reage diante da morte de um paciente?; Como tem sido abordado a temática na residência?; e Durante a sua graduação, como foi abordada a temática?

Dentre as perguntas feitas aos residentes, destacam-se como tem sido abordado a temática na residência? e durante a sua graduação, como foi abordado a temática?. Nascimento et al (2022, p. 10) classificam as perguntas anteriores como da formação profissional e o processo de finitude, revelando que entre os entrevistados, a temática não é tratada com os profissionais de nutrição e farmácia, mesmo estando inseridos no ambiente hospitalar, já os outros profissionais tiveram contato, sendo nas disciplinas que abordaram: as fases do desenvolvimento humano e tanatologia; tanatologia e cuidados paliativos; bioética com medicina legal; fundamentos da enfermagem que há fundamentos do processo de morte e luto, e; tanato na psicologia (Nascimento *et al.* 2022, p. 12).

As considerações finais do estudo de Nascimento *et al.* (2022, p. 13), destacam a escassa literatura sobre os estudos de compreensão da morte de si mesmo e de familiares, amigos e/ou cônjuges de profissionais da saúde, dado que são poucas as oportunidades de expressar a vivência do processo de luto. Observam que a morte é percebida como um desafio, devido à

dificuldade de alguns profissionais trabalharem as questões de morte e morrer, diante da complexidade do tema, e a experiência dos sentimentos de fracasso e impotência, sendo necessário incluir as temáticas no currículo das residências, de forma a capacitá-los e prepará-los.

3.3.4 Referências da temática

Kovács (2008) cita dois periódicos considerados fundamentais para a sistematização da área, sendo o *Omega Journal of Death and Dying* e *Death Studies*. Também cita a Association for Death Education, fundada em 1970 nos Estados Unidos da América, com os objetivos de: estabelecer redes de interação com profissionais que lidam com o tema; promover encontros, workshops e material escrito para divulgar o assunto; incrementar a educação para a morte e o preparo de profissionais para atuação na área.

Em relação ao Brasil, Kovacs (2008), cita como fontes de referência o Laboratório de Estudos sobre o Luto na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Laboratório de Estudos sobre a Morte no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Em 1980 ocorreu o *Seminário A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*, coordenado por José de Souza Martins, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, publicando a partir das palestras o livro *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*, abrindo perspectivas para a compreensão e investigação sobre o tema (Kóvacs, 2008, p. 458).

Personalidades ícones da temática, cita-se a Wilma Torres, psicóloga brasileira que dedicou a área da Tanatologia no Brasil, criando no Instituto de Pesquisas Psico-Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, um acervo de dados bibliográficos sobre a área, dividido em subtemas. Coordenou o *I Seminário Sobre a Psicologia e a Morte*, na Fundação Getúlio Vargas, resultando no livro *Psicologia e Morte*, e propôs o curso Estudos e Pesquisas em Tanatologia, com intuito de promover pesquisas e publicações na área (Kovács, 2008, 458).

Sob a coordenação de Evaldo D'Assumpção, em 1984, realizou em Minas Gerais o I Congresso Internacional de Tanatologia e Prevenção do Suicídio, resultando na publicação de *Morte, Suicídio, Uma Abordagem Multidisciplinar*. Relacionando a área de enfermagem, cita-se Magali Roseira Boemer e Elizabeth Ranier Martins do Vale da Escola de Enfermagem de

Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que trazem questões da educação para a morte no livro *O Tema da Morte em sua Dimensão Pedagógica* (Kovács, 2008, p. 458).

A obra *Sobre a Morte e o Morrer*, de Kubler-Ross de 1987, trata-se dos cuidados a pacientes gravemente enfermos, destacando a importância da escuta de suas necessidades e seu sofrimento, sendo conhecida pelos estágios de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, vividos por pacientes que receberam o diagnóstico de doença grave (Kovács, 2008, p. 461).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Duarte e Furtado (2014, p. 15) explicam sobre a elaboração de trabalho de conclusão de curso em ciências sociais aplicadas, área em que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia se enquadram. Os métodos de procedimentos ou de coleta de dados, são etapas operacionais da investigação científica que registram o processo ou passos a serem executados para coleta, análise e interpretação dos dados e informações.

De acordo com Semeler e Pinto (2019, p. 115), os dados de pesquisas são “[...] o resultado de qualquer investigação sistemática que envolva processos de observação, experimentação ou simulação de procedimentos de pesquisa científica. [...] dependem do assunto ou da disciplina científica e podem diferir segundo suas tipologias”.

Ainda informam que

Os dados de pesquisa precisam ser identificáveis, citáveis, visíveis, recuperáveis, interpretáveis, contextualizáveis, interoperáveis e reutilizáveis onde quesitos de consistência e procedência são considerados. Dados de pesquisa são objetos digitais e não digitais, como documentos, questionários, avaliações, registros de casos, protocolos de estudo, planilhas, notas de laboratório, notas de campo, diários, filmes, imagens, arquivos digitais de áudio e vídeo, sequências genéticas, coordenadas geográficas, banco de dados, algoritmos, metodologias, protocolos, entre outros tipos de manifestação de pesquisa [...] (Semeler; Pinto, 2019, p. 116).

Desta forma, apresenta-se a seguir a tipologia da pesquisa, a técnica/método de análise, a unidade de análise, os instrumentos da coleta de dados, as variáveis e dimensões da pesquisa, os critérios utilizados para análise dos dados e etapas desenvolvidas.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa. A pesquisa com enfoque qualitativo, segundo Hernández Sampieri, Fernández Collado e Bapstista Lucio (2013, p. 33-35) possui as seguintes características:

- O pesquisador formula um problema, mas não segue um processo claramente definido, com perguntas de pesquisas que nem sempre foram conceituadas e nem definidas por completo;
- O pesquisador examina o mundo social e desenvolve teoria coerente com os dados, de acordo com aquilo que observa, isto é, baseia-se em uma lógica e um

processo indutivo que envolve explorar, descrever e depois gerar perspectivas teóricas;

- Baseia-se em métodos de coleta de dados não padronizados e nem totalmente predeterminados, logo não efetua medição numérica e nem estatística;
- Possui interesse em interações entre indivíduos, grupos e coletividade;
- O pesquisador formula perguntas abertas e a coleta de dados apresenta pela linguagem escrita, verbal, não verbal e, também, visual que ele descreve e analisa para serem transformados em temas relacionados e reconhece tendências pessoais;
- O pesquisador se utiliza de técnicas para coleta de dados como a observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, registro de histórias de vida, interação e introspecção com grupos ou comunidades;
- Avalia-se o desenvolvimento natural dos acontecimentos, não há manipulação nem estimulação em relação à realidade;
- O pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado;
- As indagações qualitativas não pretendem generalizar os resultados para populações mais amplas e nem amostras representativas, e nem pretendem que seus estudos consigam ser replicados, e;
- O enfoque qualitativo envolve um conjunto de práticas interpretativas que tornam o mundo visível, transformam uma série de representações na forma de observações, anotações, gravações e documentos.

Flick (2009, p. 23) diz que as ideias centrais que orientam a pesquisa qualitativa, consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas e nas reflexões do pesquisador.

Quanto a pesquisa, caracteriza-se como exploratória, pois o foco está nos objetivos, mas também na bibliográfica, devido a coleta e análise. Sobre a pesquisa exploratória, vale dizer que enfatiza a descoberta, têm caráter de reconhecimento e o levantamento bibliográfico consiste tanto na revisão de literatura quanto na coleta e análise dos dados (Duarte; Furtado, 2014, p. 17).

4.2 TÉCNICA

De acordo com Duarte e Furtado (2014, p. 19), a técnica em pesquisa é um procedimento específico para a busca da informação, os instrumentos para a coleta de dados, abrangendo a coleta e obtenção dos dados, variando entre o tipo de pesquisa, de fonte, informante e método escolhido.

Como técnica, assume-se a pesquisa bibliográfica, que é o estudo sistematizado desenvolvido a partir do material já produzido e publicado (Duarte; Furtado, 2014, p. 18). Segundo Stumpf, (p. 51), a pesquisa bibliográfica

[...] é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

Como técnica de análise, utilizou-se a análise textual que, de acordo com Moraes e Galiuzzi (2020, p. 33-34), consiste em quatro focos, sendo:

1. Desmontagem dos textos: processo de unitarização, implica em examinar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de produzir unidades constituintes referentes aos fenômenos estudados;
2. Estabelecimento de relações: processo de categorização que constitui relações entre as unidades de base, combinando, classificando e reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos, formando sistemas de categorias;
3. Captação do novo emergente: os materiais da análise desencadeiam em uma compreensão renovada do todo, sendo a comunicação dessa compreensão com crítica e validação, mas também o *metatexto* resultante desse processo de compreensão;
4. Processo auto-organizado: o ciclo de análise como um todo, pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem as compreensões.

O *corpus* na análise textual discursiva é a matéria-prima, essencialmente constituído de produções textuais, que são entendidos como produções linguísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto (Moraes; Galiuzzi, 2020, p. 38).

Contudo, a pesquisa bibliográfica neste estudo também fundamentou a construção e desenvolvimento da revisão de literatura, mas também fora aplicada como técnica/método para a coleta dos dados.

4.3 UNIDADE DE ANÁLISE

Para Hernández Sampieri, Fernández Collado e Bapstista Lucio (2013, p. 408), a amostra teórica ou conceitual cabe “quando o pesquisador precisa entender um conceito ou teoria pode criar amostras de casos que o ajudem nessa compreensão. Ou seja, as unidades são escolhidas porque possuem um ou vários atributos que contribuem para o desenvolvimento da teoria”.

Glaser e Straus (1967 *apud* Flick, 2009, p. 120) dizem que

A amostragem teórica é o processo de coleta de dados para a geração de teoria pelo qual o analista coleta, codifica e analisa conjuntamente seus dados e decide que dados coletar a seguir e onde encontrá-los, a fim de desenvolver sua teoria quando esta surgir. Esse processo de coleta de dados é controlado pela teoria em formação.

Neste sentido, os autores sugerem o critério de saturação teórica, que é o momento de interromper a amostragem (Flick, 2009, p. 121). Wiedemann (1995 *apud* Flick, 2009, p. 123) apresenta algumas características da amostragem teórica, sendo:

- A extensão da população básica não é previamente conhecida;
- As características da população básica não são conhecidas antecipadamente;
- Elaboração repetida de elementos de amostragem com critérios a serem definidos em cada etapa;
- O tamanho da amostra não é definido previamente;
- A amostragem é concluída ao atingir a saturação teórica.

Devido o estudo ter o objetivo geral de explorar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia, focou-se na busca de artigos de periódicos da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação nas bases de dados BRAPCI e Peri, para adquirir fundamentação quanto aos assuntos de *fontes de informação e domínio*, o que contribui para a elaboração da revisão de literatura, como também para a coleta de dados e análise, voltados aos objetivos OE1 e OE2.

4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Hernández Sampieri, Fernández Collado e Bapstista Lucio (2013, p. 417) apresentam como instrumentos de coleta de dados para pesquisas qualitativas o pesquisador, pois “ele não só analisa como também é o meio de obtenção da informação”, mas também são apontadas as fontes de dados, que podem ser documentos, registros, material audiovisual etc.

Nas fontes de dados como documentos, registros, materiais e artefatos, ajudam a entender o fenômeno central do estudo, são produzidos e narrados pelas pessoas, grupos, organizações, comunidades e sociedade ou fazem um resumo sobre histórias e status atuais, servem para o pesquisador conhecer os antecedentes (Hernández Sampieri; Fernández Collado; Bapstista Lucio, 2013, p. 440).

Neste contexto, assumiu-se como instrumentos de coleta de dados o levantamento bibliográfico realizado nas bases BRAPCI e Peri, cujos dados bibliográficos, como autor, título, palavras-chave e endereço eletrônico, foram copilados numa planilha eletrônica para ordenar os artigos em ordem cronológica, a fim de construir a percepção da evolução do assunto *fontes de informação*. Para conceituar a Tanatologia, considerou a saturação da amostra teórica, visto que houve a repetição com frequência da definição de Tanatologia. Já o último objetivo específico, considerou os aspectos de investigação e busca da informação, levando em consideração os aspectos sobre fontes de informação.

4.5 VARIÁVEIS E DIMENSÕES DA PESQUISA

Considerando os objetivos, tanto geral quanto específicos, as variáveis foram identificadas a partir da análise dos artigos, cujo aspecto essencial deveria apresentar alguma questão relacionada a fontes de informação, sendo a definição, classificação, uso ou avaliação. Isto para o objetivo OE1.

Já para o OE2, buscou-se as definições e os conceitos associados a Tanatologia, em virtude de construir o conceito de Tanatologia. E, para o OE 3, que engloba as fontes de informação em Tanatologia, consiste no levantamento de fontes de informação sobre a temática da tanatologia.

4.6 CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Em virtude de esclarecer o que são fontes de informação, buscou-se identificar as definições apresentadas pelos autores a respeito do assunto. Deste modo, a partir da análise textual, identificou-se os trechos que apresentavam a definição ou remetiam a ideia do autor referente a fontes de informação. Do mesmo modo, aplicou-se o mesmo critério para a conceituação de Tanatologia.

4.7 ETAPAS DESENVOLVIDAS

Em pesquisas qualitativas, existem as fases de e procedimentos para realizá-la. Relacionado aos procedimentos, têm-se a ação de coletar, a representação, a descrição e interpretação, apontamento de leituras e manuseio dos dados (Hernández Sampieri, Fernández Collado; Bapstista Lucio, 2013, p. 448-449). Neste sentido, possui a sequência de coleta dos dados, as técnicas utilizadas, preparação dos dados para a análise, uso de ferramentas e associação de teorias fundamentadas, imersão no campo sobre os dados coletados e suas impressões.

4.7.1 Primeira etapa

A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico nas bases BRAPCI e Peri, durante os meses de julho e agosto de 2023, buscando o termo *fontes de informação*, com a seleção de palavras-chave. Assim, criou-se uma planilha eletrônica com as colunas de ano, título, autor, palavras-chave, *keywords*, *link* e base (Apêndice A), e os artigos foram transferidos para o computador, resultando no quantitativo de 196 artigos.

No mesmo período, buscou-se nas mesmas bases o termo *domínio*, com a seleção de palavras-chave, com o objetivo de desenvolver a revisão de literatura sobre a temática *domínio*, identificando 83 artigos. Contudo, foram utilizados apenas para a revisão de literatura.

Para a conceituação de Tanatologia, relacionou-se a busca no Oasis.br, SciELO Brasil e Portal de Periódicos CAPES, buscando o termo *tanatologia*, visando a literatura nacional e *thanatology* para a literatura internacional, pesquisando em título e assunto/palavras-chave. Visto que nem todos os registros buscando por palavras-chave associava o conceito de Tanatologia, mas percebido que os autores utilizavam sem descrever/conceituar a Tanatologia no corpo do texto.

4.7.2 Segunda etapa

A partir da leitura dos artigos, fundamentou-se a estrutura da revisão de literatura, considerando apresentar as temáticas centrais da monografia, sendo fontes de informação, domínio e Tanatologia. Essencialmente, os artigos analisados revelaram alguma estrutura e padrão de discursão. O que facilitou a aplicação da análise textual, consistindo nas etapas de desmonte dos textos, estabelecimento de relações, captação do novo emergente e processo de organização (Moraes; Galiazzi, 2020, p. 33-34).

4.7.3 Terceira etapa

Voltado para os objetivos da pesquisa, consistiu em:

1. Extrair as definições de fontes de informação e julgar o que é importante para o esclarecimento do assunto;
2. Identificar as definições de Tanatologia e conceitos relacionados;
3. A partir do esclarecimento de fontes de informação, pensou-se na esquematização da busca das fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia.

Desta forma, apresenta-se no tópico seguinte a apresentação e análise dos dados.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para apresentar e analisar os dados, dividiu-se em subtópicos de acordo com os objetivos específicos da pesquisa, sendo o esclarecimento do que são fontes de informação, a conceituação da Tanatologia e a identificação das fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia.

5.1 ESCLARECIMENTO DO QUE SÃO FONTES DE INFORMAÇÃO

Para o esclarecimento das fontes de informação, ressalta-se o significado de *esclarecer*, que é “[...] 2. Tornar claro, compreensível. 3. Dar explicação [...]” (Ferreira, 2008, p. 363). Dito isso, os materiais encontrados na BCE quanto os artigos levantados e analisados, foram essenciais para elaboração da revisão de literatura, como também para a análise do OE1.

Aparentemente, esclarecer o que são fontes de informação é essencial abordar três aspectos relacionados, sendo eles:

- A definição de fontes de informação;
- A classificação das fontes de informação, e;
- Os tipos de fonte de informação;

Os demais tópicos – avaliação, uso, estudos e pesquisas sobre fontes de informação – não são essenciais para o esclarecimento, mas são úteis para exemplificar questões relacionadas as fontes de informação.

A maioria dos artigos apresentavam na introdução a dificuldade de definir o que é fontes de informação. Contudo, tem-se a apresentação da Quadro 5 com algumas definições citadas na revisão de literatura.

Quadro 5 - Definição de fontes de informação

Autor(es)	Definição de fonte de informação
Eggert (1994, p. 170)	“a fonte de informação é definida como aquela de natureza impressa, audiovisual e oral [...] o conteúdo (significado) da fonte é tomado com o sentido de fruição e/ou informação”.

Carrizo Sainero (1994, p. 30 <i>apud</i> Morigi; Bonotto, 2004, p. 144)	[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este [...] tudo aquilo que forneça uma notícia, uma informação ou um dado. [...] se encontram todos aqueles elementos que, submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros”
Le Coadic (2004, p. 4)	Informação é “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em suporte”
Le Coadic (2004, p. 5)	Documento “é o termo genérico que designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma idéia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônicos)
Cunha e Cavalcanti (2008, p. 172)	“[...] 1. BIB documentos que fornecem respostas específicas e, entre suas várias espécies, encontram-se: enciclopédias, dicionários, fontes biográficas, fontes estatísticas, índices, tratados e manuais específicos. [...]”
Oliveira e Ferreira (2009, p. 70)	As fontes são documentos, pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento. O desenvolvimento da ciência, das tecnologias e dos meios de comunicação amplia as formas de se disseminar informação. O que antes era apenas disseminado em formato impresso, hoje se encontra em meio eletrônico.
Barros (2007, p. 9 <i>apud</i> Maia, 2010, p. 60)	“fontes de informação (ferramentas de acesso e busca) são condições essenciais para que o usuário consiga realmente se inteirar com eficiência de pelo menos parte de sua área de atuação”
Maia (2010, p. 60)	“as fontes de informação são elos entre o conhecimento existente e o pesquisador”.
Guia da BVS (2011 <i>apud</i> Vieira, 2014, p. 137)	“uma fonte de informação é um recurso que responde a uma necessidade informacional dos usuários”
Paiva (2014, p. 63)	“o conceito de fonte de informação é amplo e remete a inúmeros tipos de recursos informacionais [...] são as práticas informacionais que definem o que é uma fonte de informação. O posicionamento do autor é importante porque leva em conta o sujeito que interpreta se algo é fonte de informação. Tal interpretação remete às dimensões semânticas e pragmáticas da informação [...] a informação nos leva a entender que os dados se tornam fonte de informação a partir da valoração dos usuários da informação”
Araujo e Fachin (2015, p. 83)	“Uma fonte de informação pode ser um documento, um link, fotografia, áudio, base de dados ou um repositório, em tempos de web 4.0, acrescenta-se fonte de informação o armazenamento de documentos em nuvem. Fonte

	de informação pode ser qualquer coisa, tem a característica de informar algo para alguém, por esse motivo é abrangente a sua aplicação”
Silva (2015, p. 66)	“[...] quaisquer recursos informacionais, ou seja, tudo o que gera ou veicula informação (fotografias, pessoas, internet, livros, periódicos, etc.). Sua principal função é atender às necessidades de conhecimento. Assim sendo, é possível caracterizar as fontes de informação como recursos que respondem à necessidade de informação de um usuário”
Fachin e Araújo (2018, p. 37)	“As fontes de informação explicitam uma informação, independente de seu formato ou canal de comunicação [...] Está sempre atrelada a finalidade à que se destina, seu formato pode ser variado [...] depende da especialidade de cada segmento para o qual ela se propõe.”
Santa’Anna (2019, p. 15)	“as fontes de informação são documentos (informação registrada/materializada em um suporte) utilizados para transmitir um conhecimento específico.”
Araujo e Mota (2020, p. 62)	“as fontes de informação na área da Ciência da Informação são ‘instrumentos’ para realização de pesquisas, sejam elas fontes primárias, secundárias ou terciárias, contendo respectivamente dados primários, secundários ou terciários”
Lima e Andrade (2021, p. 148)	“[...] veículos potenciais que podem possuir uma determinada informação para um determinado sujeito para satisfazer uma determinada necessidade”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A partir da Quadro 5, pode-se formular algumas premissas em relação a fontes de informação (Figura 5), sendo elas:

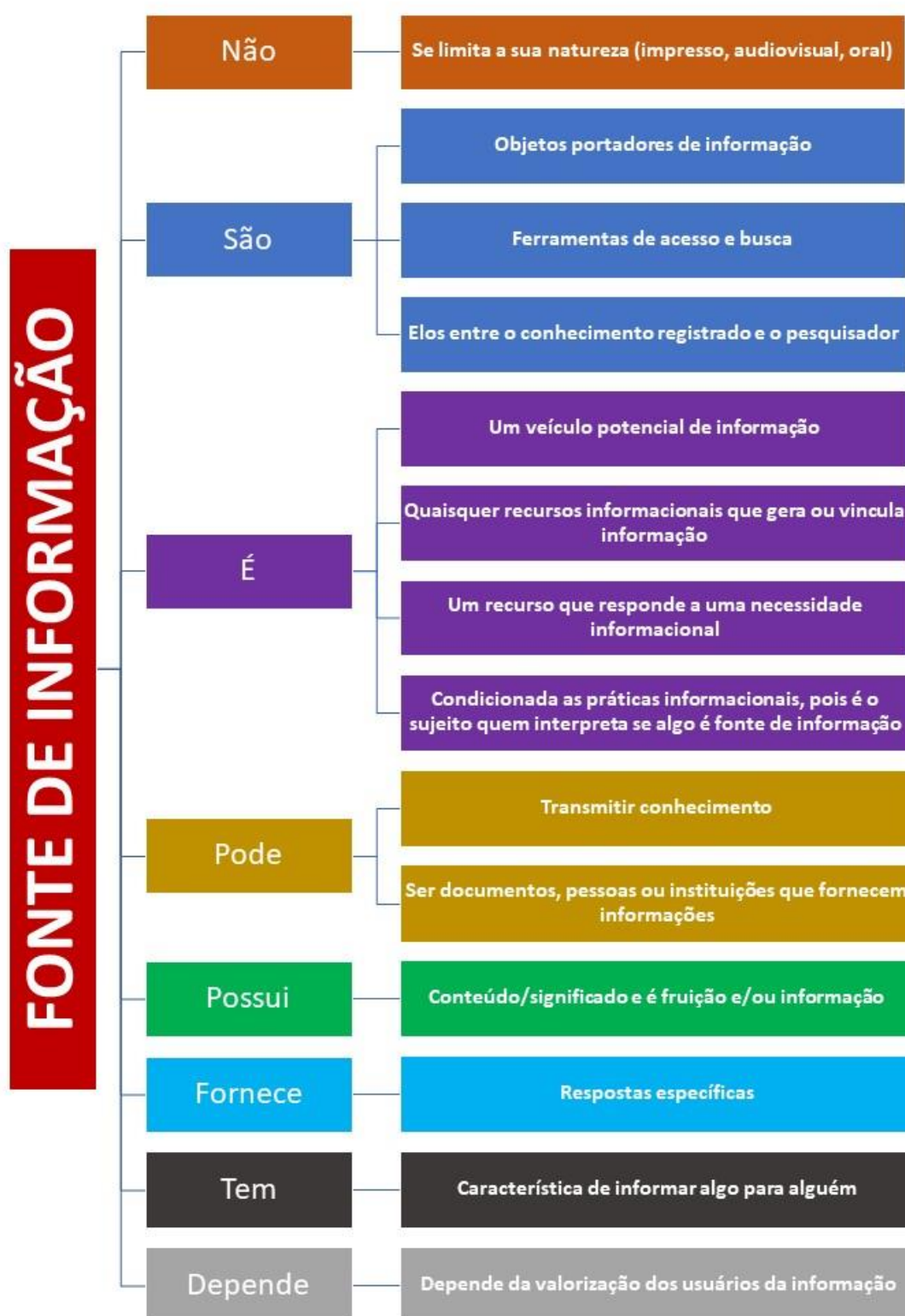
- Fonte de informação não se limita a sua natureza (impresso, audiovisual, oral);
- Fonte de informação são objetos portadores de informação;
- Fonte de informação são ferramentas de acesso e busca;
- Fonte de informação são elos entre o conhecimento registrado e o pesquisador;
- Fonte de informação é um veículo potencial de informação;
- Fonte de informação é quaisquer recursos informacionais que gera ou vincula informação;
- Fonte de informação é um recurso que responde a uma necessidade informacional;
- Fonte de informação é condicionada as práticas informacionais, pois é o sujeito quem interpreta se algo é fonte de informação;

- Fonte de informação pode transmitir conhecimento;
- Fonte de informação pode ser documentos, pessoas ou instituições que fornecem informações;
- Fonte de informação possui conteúdo/significado e é fruição e/ou informação;
- Fonte de informação fornece respostas específicas;
- Fonte de informação tem característica de informar algo para alguém;
- Fonte de informação depende da valorização dos usuários da informação.

Existe uma relação íntima entre associar fonte de informação com a mídia e tipologia documental, contudo servem como canal de transmissão da informação, vistos como recursos informacionais. Porém, ressalta-se que fonte de informação não se limita a sua natureza. Como demonstrado por Campello e Campos (1988; 1993) e Dias e Pires (2005) ao tratarem das organizações e instituições como fontes de informação, pois possuem potencial de vincular informação e a responder a uma necessidade informacional, do mesmo modo que pessoas podem ser fontes de informação. Contudo, há a dependência da valorização do usuário da informação, tendo em vista que a fonte consiga informá-lo.

Um aspecto relevante para tratar, refere-se ao produto/fornecimento que a fonte de informação proporciona, que são as respostas específicas. Isto é, o indivíduo deve possuir uma necessidade de informação, e assim ir em busca de saná-la, o que faz buscar pela fonte da informação. Neste contexto, existem as classificações de fontes de informação e seus tipos, cabendo ao indivíduo avaliar a utilidade e uso da informação. Parte da percepção pessoal da qualidade da informação, como colocado por Marchiori e Appel (2008), o qual considera as dimensões da qualidade de fontes de informação, levantando a percepção pessoal em virtude do recurso, a autoria/autoridade, conteúdo e assim confiabilidade da fonte/informação.

Figura 5 - Premissas sobre fontes de informação



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Dessa forma, pode-se dizer que fonte de informação é um veículo potencial de informação, sendo quaisquer recursos informacionais que gera ou vincula informação, responde a uma necessidade informacional e é condicionada ao sujeito que interpreta a informação. São objetos portadores de informação, tidos como ferramentas de acesso e busca, servindo de elos entre o conhecimento registrado e o pesquisador [indivíduo]. Pode ser documentos, pessoas ou instituições e possui conteúdo e significado, dependendo da valorização dos usuários. Sua característica é informar algo para alguém e fornecer respostas específicas. Não se limita em natureza (impresso, audiovisual, oral etc.).

Outra questão a ser tratada nas fontes de informação é relacionado a sua classificação. A maioria dos artigos analisados, trouxeram a classificação das fontes em primária, secundária e terciária, mas associados ao recurso informacional. Contudo, Grogan (1992 *apud* Muller, 2007, p. 31) descreve melhor tal definição, associada a definição de fontes de informação aqui apresentada, sendo:

- Fonte de informação primária: é dispersa e desorganizada, considera-se a produção, divulgação e controle, sendo produzidos com interferência direta do autor da pesquisa [isso no contexto de produção do conhecimento científico];
- Fonte de informação secundária: apresentam informações filtradas e organizadas, de acordo com um arranjo definido, mas dependendo da sua finalidade (Muller, 2007, p. 31);
- Fonte de informação terciária: visam guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias, como exemplos existem as bibliografias, catálogos, diretórios e serviços de indexação e resumo (Dias; Pires, 2005; Muller, 2007; Gonçalves; Silveira, 2021).

Em síntese, elaborou-se a Quadro 6, a qual indica a classificação da fonte e suas características.

Quadro 6 - Classificação das fontes e suas características

Classificação	Característica
Fonte primária	<ul style="list-style-type: none"> • Contém informações originais ou novas interpretações de fatos ou ideias;

	<ul style="list-style-type: none"> • Pode estar dispersa e desorganizada; • São produzidas com interferência direta do autor; • Registram informações no momento de sua publicação; • Traz novas evidências; • Próxima com a fonte original.
Fonte secundária	<ul style="list-style-type: none"> • Facilita o uso do conhecimento exposto na fonte primária; • Informação filtrada e organizada; • Possui arranjo definido; • Depende da sua finalidade; • Sofrem influência de interpretação e avaliação; • Contribui para a localização das fontes primárias.
Fonte terciária	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivam guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias; • Constituem na reunião das fontes primárias e secundárias; • São complexas em sua elaboração.

Fonte: Baseado em Dias e Pires (2005), Gonçalves e Silveira (2021) e Grogan (1992 *apud* Muller, 2007, p. 31).

Vale ressaltar que a indicação do formato e/ou natureza do recurso informacional não limita a sua classificação, mas sim suas características. De fato, alguns recursos informacionais expressam melhor estas características, como os diários, relatórios técnicos, entrevistas, imagens artísticas se configuram como fonte primária, mas não significa que possui potencial informacional.

Como exemplo, citar o estudo de Paiva (2014) que trata das fontes de informação indígena, cujas narrativas registradas revelam o potencial de fontes de informação primária, mas o estudo de Bras, Bras e Bras (2016) sobre a imagem fotográfica como fonte de informação primária, aponta que a foto é um instrumento para o processo de obtenção e transmissão de informação, mas que exige uma narrativa, o registro e explicação do contexto. Logo, a fotografia por si só não é suficiente para ser uma fonte de informação primária.

Já as fontes secundárias, que apresentam a informação filtrada e organizada, possuem um arranjo definido. Porém, abre-se espaço para especular sobre as revisões de literatura, isto que Dias e Pires (2005, p. 47) informam que correspondem à análise da literatura selecionada de uma determinada área do conhecimento. No entanto, monografias que são apontadas pelos autores Dias e Pires (2005), Grogan (1992 *apud* Muller, 2007) e Rosetto (1997) como fonte primária, se for elaborada como revisão, encontra-se no dilema e paradigma das fontes de informação, pois o teor/conteúdo informacional é processado e seria fonte secundária, mas a

tipologia documental seria fonte primária. O que ressalta o pressuposto de que fontes de informação não se limitam a natureza.

Além da classificação mais difundida das fontes de informação, sendo primária, secundária e terciária, existem as:

- Visando a origem: pode ser uma fonte interna ou externa, pessoal ou impessoal, eletrônica ou não-eletrônica [mídia];
- Visando o canal: formal, informal ou semi-formal;
- Visando a informação: considera a tipologia da informação, sendo geral [áreas do conhecimento humano], biográfica, textual, gráfica, cadastral, geográfica, numérica e bibliográfica.

Contudo, ressalta-se o que Santos e Aquino (2016) falam em seu estudo, que as fontes de informação se caracterizam e categorizam de acordo com as funções, ações e finalidades. Já apontado por Montalli (1991) ao sistematizar as fontes de informação em individuais e institucionais, mas considerando o conteúdo, que pode ser voltado para os negócios, técnicas e ciência. Assim, dando espaço para a discussão sobre os tipos de fontes de informação.

As obras de Campello e Caldeira (2005) com *Introdução às Fontes de Informação*, Campello, Caldeira e Macedo (1998) com *Formas e Expressões do Conhecimento: Introdução às Fontes de Informação*, Campello e Campos (1988; 1993) com *Fontes de Informação Especializada: Características e Utilização*, Campello, Cendón e Kremer (2007) com *Fontes de Informação Para Pesquisadores e Profissionais*, Cunha (2010; 2001) com o *Manual de Fontes de Informação e Para Saber Mais: Fontes de Informação em Ciência e Tecnologia*, Dias e Pires (2005) com *Fontes de Informação: Um Manual para Cursos de Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação* e Tomaél (2008) com *Fontes de Informação na Internet*, formam um conjunto de obras de referência para introduzir a área de fontes de informação.

Nestas obras, apresentam-se questões em volta das fontes de informação, como também as manifestações e expressões das fontes de informação. No entanto, devido ao aprofundamento nesta temática, causa um certo desconforto da percepção sobre as fontes de informação, pois nestas obras citadas indicam as tipologias documentais, atrelando a natureza do documento com a sua função, mas fonte de informação não se limita a isso.

Aponta-se que existem tipologias de fontes de informação que são manifestadas em certos formatos e/ou estruturas documentais, e o advento da *internet* afetou tanto o acesso como também a disponibilidade dessas manifestações, como o caso dos bancos e bases de dados, que são fontes de informação, mas fornecem dados (Albrecht; Ohira, 2000). Cita-se, também, a situação dos dicionários e enciclopédias em formato físico, em que a *Wikipédia* – uma enciclopédia digital e colaborativa – tem potencial de servir como fonte de informação, como apresenta o estudo de Kern (2008).

Toda via, o que vale dizer sobre os tipos de fontes de informação é que podem ser:

- Fontes de informação de referência: indicam e/ou endereçam o usuário à informação (Dias; Pires, 2005);
- Fontes de informação tecno-científica: abrange a literatura científica e técnica (Montalli, 1991; Dias; Pires, 2005);
- Fontes de informação estatística: fornecem informações e dados estatísticos, os quais passaram por processos e métodos quantitativos (Cunha, 2010);
- Fontes de informação jurídica: devido o direito possuir uma estrutura de documentação diferente, houve-se a necessidade de criar mecanismos e estruturas para a área (Guimarães, 1993; Miranda; Miranda, 2017).

As fontes de informação eletrônicas, basicamente são meios para alcançar algum tipo de fonte de informação exposto anteriormente, e as fontes de informação para negócio se distinguem apenas a funcionalidade da informação, seja para acompanhar o mercado financeiro, como exposto por Pereira (2016) ou como inteligência competitiva indicado por Ferreira, Jardim e Ziviani (2018).

De todo modo, é a partir do tipo de fonte de informação que o indivíduo buscará a informação necessária, e neste contexto que se consulta os canais, as manifestações e os recursos informacionais. A partir do esclarecimento de fontes de informação, fornece embasamento para o reconhecimento das fontes sobre o domínio da Tanatologia, um dos objetivos específicos do estudo.

5.2 CONCEITUAÇÃO DA TANATOLOGIA

O objetivo OE 2, antepara a realização do OE 3, visto que o processo de conceituar é “formar ou elaborar um conceito” que, por sua vez, é “formulação de uma ideia por palavras;

definição 2. Pensamento; ideia” (Ferreira, 2008, p. 252). Já no *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, o conceito é

Entendimento concreto, ou intrínseco, de uma unidade de informação, independente de sua expressão linguística. É, portanto, a representação mental de um conhecimento [...] conjunto de características resultantes das afirmações verdadeiras sobre determinados objetos. As características podem ser intrínsecas (essenciais), ou acidentais (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 99).

E conceituação é “operação intelectual que leva à descoberta ou a formação de um conceito (Mucchielli, 1977 *apud* Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 99).

Melo e Bräsher (2014) adentram as teorias de Dahlberg e Hjørland para abordar a representação temática da informação. De acordo com as autoras, “um conceito expressa apenas um significado; enquanto palavras diferentes podem ter o mesmo significado e palavras similares podem ter diferentes significados”.

A mesma distinção é realizada para conceito e assunto, elaborado a partir de Alvarenga de 2003, onde afirmam que “os conceitos estão para a representação primária assim como os assuntos estão para a representação secundária da informação” (Melo; Bräsher, 2014, p. 70).

É indiscutível que a definição de Tanatologia remete ao estudo da morte e morrer, como apresentado por Kóvacs (2008a; 2008b), Bouso, Poles e Rossato (2009), Dresseno (2017), Färber (2013), Nascimento *et al.* (2022), Othon Sidou (2016) e Zonta *et al.* (2022), revelando que a Tanatologia explora os processos que englobam a morte e o morrer, seja em questão do aspecto clínico, que diz respeito aos cuidados do enfermo, da família e efeito das pessoas envolvidas, ou no aspecto de investigação, explorando o sentido da vida e morte em âmbitos humanos e sociais (Zubiría, 2005 *apud* Lima; Paranhos; Werlang, 2009, p. 224).

No entanto, tratando a Tanatologia como domínio científico, considera-se a exploração da comunidade discursiva, sendo as pessoas envolvidas, a comunicação e publicação, os tipos de documentos e terminologia expressa (Nascimento, 2006). Desta forma, cita-se o estudo de Wittkowski *et al.* (2015) que informa as temáticas abordadas do campo, que envolve o luto, atitudes em relação a morte e o morrer, o suicídio, a finitude da vida, mortes traumáticas, educação para a morte e questões éticas e legais sobre o assunto.

Dahlberg (1978), apresenta que o homem utiliza da linguagem como expressão de seus pensamentos e constitui a capacidade de designar os objetos que o circundam, partindo de uma

experiência do ser, e tal linguagem utilizada diariamente é denominada de linguagem natural, mas o homem criou outras linguagens, chamadas de linguagens especiais, linguagens artificiais ou linguagens formalizadas. Na Teoria do Conceito, a linguagem se relaciona ao objeto e o homem é capaz de elaborar enunciados que caracterizam o objeto que, por sua vez, expressam o conceito, que pode ser definido como

[...] a reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto. [...] Este é constituído pela palavra ou por qualquer signo que possa traduzir e fixar essa compilação. É possível definir, então, o conceito como a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico (Dahlberg, 1978, p. 102).

Quando se indica uma definição de conceito, é atribuído o sentido de uma palavra, a descrição simples de um objeto que possui a tendência de restringi-lo, o qual Dahlberg (1978, p. 106) afirma que “[...] as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais e que constituem elementos necessários na construção de sistemas científicos”. Desta forma, elabora-se os seguintes enunciados referentes a Tanatologia:

- Tanatologia é o estudo da morte e morrer
- Investiga os processos de morte e morrer;
- Relaciona-se com: cuidados paliativos, doença fatal, finitude da vida, luto, suicídio e morte;
- Relaciona-se com os campos da: Biologia, Bioética, Direito, Enfermagem, Gerontologia, Medicina Legal, Psicologia, Sociologia;

A partir da literatura, a Tanatologia é, de fato, interdisciplinar e multidisciplinar, pois a percepção e desenvolvimento do campo se dá a partir de Elisabeth Kübler-Ross, que desempenhou um papel significativo para o desenvolvimento da área, formulando o modelo dos estágios do luto e os aspectos da doença fatal, sendo então uma vivência com a morte e o morrer (Afonso; Minayo, 2013).

Contudo, o domínio da Tanatologia não é delimitado e nem demarcado, sendo percebido como um domínio e campo de estudo e investigação. Apesar de se tratar do estudo da morte e do morrer, diversos temas são entrelaçados, tendo em vista a interdisciplinaridade e

multidisciplinaridade, ora voltada para cuidados paliativos outra para os efeitos e aspectos do luto e pesar, os quais são da área da Enfermagem e Psicologia.

Desta forma, retorna-se a uma das questões do início do estudo referente ao descritor, dado que tanto no DeCS quanto *Medical Subject Headings* (MeSH) não apresenta relacionamentos do descritor com outros termos. O que pode significar que existe sim uma dificuldade em delimitar a área com termos e conceitos de outros campos científicos, de estabelecer os termos específicos e os relacionados.

5.3 IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO EM TANATOLOGIA

Albrecht e Ohira (2000) usam Dodebei (1986) para falarem sobre a identificação das fontes de informações, pois abarca ações que compreendem a coleta de documentos, o qual ocorre em dois estágios: (i) localizar as fontes produtoras, e (ii) analisar os documentos coletados. Apesar dos autores tratarem sobre fontes de informações para bases de dados, tais ações servem para o levantamento das fontes no geral.

Relembrando que fontes de informação podem ser:

- Pessoas: pois levam de forma direta ou indireta aos indivíduos que podem contribuir para a alimentação da base de dados e são representadas pelos autores, editores e orientadores de dissertações e teses, sendo assim a identificação de pessoas pode levar a identificação de instituições, publicações e de outras pessoas;
- Instituições: são aquelas que editam ou são depositárias de documentos de interesse da base de dados, incluindo as bibliotecas, as instituições de pesquisa, as instituições públicas e privadas, e a identificação das instituições podem levar a identificação de pessoas, de publicações e outras instituições;
- Publicações: representadas pela literatura técnico-científica impressa e, também, em formato digital, microfilmada, armazenada em suporte magnético ou em CD-ROM, sendo os periódicos, relatórios, bibliografias e outros.

Vale dizer que a busca por fontes de informação é uma das competências do bibliotecário de referência, cuja função visa apoiar, orientar informar e auxiliar o usuário a

conseguir respostas fornecidas por obras de referência gerais ou especializadas, o qual deve seguir algumas estratégias de pesquisa de informações (Accart, 2012; Garcia; Nascimento Neto; Nascimento, 2016), designado os seguintes passos:

1. Identificar com precisão a necessidade de informação;
2. Extrair os termos exatos da pesquisa e seu contexto, a fim de elaborar uma estratégia de busca;
3. Selecionar os instrumentos de pesquisa;
4. Testar os instrumentos de pesquisa com estratégias de busca definida;
5. Avaliar se os resultados da pesquisa estão de acordo com o que foi inicialmente solicitado e, caso contrário, a estratégia de busca deve ser revista e corrigidos os termos utilizados.

A saber, a estratégia citada também expõe as perguntas que podem ser feitas aos usuários, como para quem e qual o contexto da pesquisa, com qual finalidade, quais restrições da língua e data, se já foram consultados outros documentos ou feito contatos e o prazo (Accart, 2012, p. 141).

Abarca-se também questões relacionadas a seleção de materiais de informação, indicado por Vergueiro (2010), o qual fala que um dos primeiros critérios de seleção é o assunto, sendo citados como aspectos também o usuário, o documento, o preço e outras questões complementares. Em questão de conteúdo, o autor cita:

- Autoridade: associado a reputação do autor, editora ou patrocinador;
- Precisão: relacionado a exatidão e rigor da informação veiculada;
- Atualidade: refere a atualidade dos dados vinculados, pois informação desatualizada perde o valor;
- Cobertura/tratamento: indica a forma como o assunto é tratado, tendo em vista os detalhes e aspectos suficientes;

- Conveniência: visa a apresentação da informação em nível de vocabulário e visão compreensível;
- Idioma: trata da língua do documento;
- Relevância/interesse: definido a partir da utilidade, e;
- Estilo: verifica a adequação ao usuário alvo.

Sendo assim, a identificação das fontes de informação sobre Tanatologia, inicia-se pelas fontes de referência. A princípio, tais fontes podem ser impressas, eletrônicas e digitais. Devido a facilidade e advento da internet, este estudo considerou as seguintes fontes de referência:

- Portal de Periódicos Capes³⁰: possibilita a busca por assunto; lista de bases e coleções, de livros e de periódicos; busca avançada com aplicação de filtros, e; aplicação de filtros após a realização da busca (refinar os resultados); Observação: a busca pelo termo/descritor/palavra-chave tem influência da língua/idioma;
- WorldCat³¹: reúne registro de diversas bibliotecas pelo mundo, apoiado pela Online Computer Library Center (OCLC), uma organização sem fins lucrativos voltada para cooperação de bibliotecas, museus e arquivos do mundo;

A partir do Portal de Periódicos Capes, com acesso CAFe, realizando a busca por assunto, com a busca avançada utilizando a expressão Assunto contém *thanatology* OR *tanatologia* OR *tanatologia* (Figura 6), resultando em 845 registros.

³⁰ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³¹ Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt>. Acesso em: 15 dez. 2023

Figura 6 - Expressão de busca avançada no Portal de Periódicos CAPES

SEARCH CRITERIA

Filtros de busca

Assunto contém **thanatology OR tanatologia OR tanatologia**

E Qualquer campo contém **Digite os termos de busca**

+ ADICIONAR OUTRO CAMPO LIMPAR

Tipo de material
 Todos os itens
 Idioma
 Qualquer idioma
 Data de publicação
 Qualquer ano

Assunto contém **thanatology OR tanatologia OR tanatologia** E Qualquer campo contém _____ **BUSCAR**

Fonte: Tela de busca avançada do Portal de Periódicos CAPES, 2023.

Nesta busca, são apresentados registros de recursos informacionais que tiveram o termo *tanatologia* no campo de palavras-chave. Contudo, o Portal de Periódicos CAPES apresenta mais informações relevantes que podem ser consideradas como fonte de informação, tais como as coleções (Tabela 3), que representam bases de dados que contém material sobre o assunto, mas também os periódicos que publicaram sobre o assunto (Tabela 4).

Tabela 3 - Coleções indicadas na busca avançada no Portal de Periódicos CAPES, em dezembro de 2023

Coleção	Quantitativo	%
PubMed	484	21,46%
Social Sciences Citation Index (Web of Science)	390	17,29%
Journals@Ovid Complete	244	10,82%
DOAJ Directory of Open Access Journals	156	6,92%
Wiley Online Library Journals Frontlife Complete	146	6,47%
Wiley-Blackwell Full Collection 2013	130	5,76%
Wiley Online Library All Journals	126	5,59%
Elsevier Science Direct Journals	121	5,37%
PubMed Central	77	3,41%
Taylor & Francis Journals Complete	72	3,19%
SpringerLink Journals – AutoHolding	67	2,97%
Wiley-Blackwell Full Collection 2009	59	2,62%
SciELLO Brazil	46	2,04%
RePEc	32	1,42%
Education Resources Information Center (ERIC)	31	1,37%
HighWire Press (Free Journals)	27	1,20%
Arts & Humanities Citation Index (Web of Science)	24	1,06%
Guilford Periodicals	23	1,02%

Total	2255	100%
--------------	-------------	-------------

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES, 2023.

Tabela 4 - Títulos de periódicos indicados no Portal de Periódicos CAPES, em dezembro de 2023

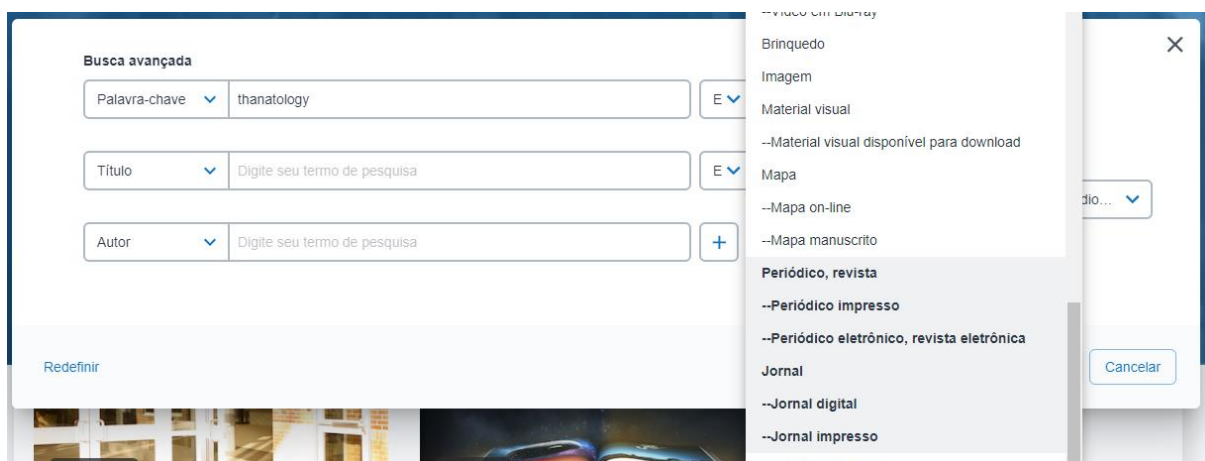
Título do periódico	Quantitativo	%
Omega : Journal Of Death And Dying	77	33,33%
Death Studies	43	18,61%
Social Science & Medicine	24	10,39%
Primates	23	9,96%
Suicide & Life – Threatening Behavior	16	6,93%
Journal Of Advenced Nursing	14	6,06%
Journal Of The American Geriatrics Society	13	5,63%
Illness, Crisis, And Loss	11	4,76%
Personality And Individual Differences	10	4,33%
Total	231	100,00%

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES, 2023

Já no WorldCat, a busca do termo *thanatology* no campo de assunto, retorna em 2.950 resultados, das mais variadas formas de documentos/manifestação, sendo em livro impresso, e-book, teses, dissertação, manuscrito e outros. Também com possibilidade de aplicação de filtros, sendo de conteúdo, formato, autoria, idioma, conteúdo, ano de publicação e assunto. Contudo, nesta fonte de informação, deve-se ter noção do que deseja encontrar, pois pesquisar somente pelo termo, abre-se um “leque” de opções.

Realizando a busca avançada, por assunto e selecionado o formato de jornais e periódicos (Figura 7), retorna 60 resultados. Contudo, tais resultados precisam ser confirmados no Portal do ISSN para reconhecer se o periódico possui cadastro, porém não garante que seja publicado ainda.

Figura 7 - Busca avançada no WorlCat, dezembro de 2023



Fonte: WorldCat, 2023.

A partir do WorldCat, encontrou-se os seguintes títulos de periódicos:

- *Journal of thanatology* (ISSN 0047-2832);
- *Advances in thanatology* (ISSN 0196-1934);
- *The Thanatology librarian* (ISSN 0193-6379);
- *Rinshō shiseigaku, = Japanese journal of clinical thanatology* (ISSN 1342-6206)
- *The Springer series on death and suicide = Thanatos, the Springer series on death and suicide* (ISSN 0271-1192);
- *Frontières* (ISSN 1180-3479);
- *Jusqu'à la mort accompagner la vie : revue de la Fédération JALMALV* (ISSN 0768-6625, 2428-3592);
- *Mortality* (ISSN 1357-6275).

Para identificação de pesquisadores da área, vale utilizar a Plataforma Lattes³², disponibilizando a busca de currículo, como também o diretório grupos de pesquisa. Na plataforma é possível pesquisar por assunto, indicando nas bases de doutores ou demais pesquisadores, com nacionalidade brasileira ou estrangeira. A busca realizada na base resulta

³² Disponível em: <https://www.lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

em 706 currículos encontrados³³. Relacionado aos grupos de pesquisa no Brasil, encontrou-se apenas 1 a partir do termo *luto*, correspondendo ao Grupo de Pesquisa *Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano*³⁴, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Como organizações, apresentam-se:

- Instituto de Tanatologia e Luto: empresa de cursos sobre Tanatologia, luto, cuidados paliativos e relacionados, com rede social no *Instagram*³⁵;
- Rede Nacional de Tanatologia³⁶ (RNT): rede de relacionamentos, pesquisa e ensino em Tanatologia, para trabalhar com a morte, perda, luto e separação;
- Associação Brasileira de Tanatopraxistas e Tanatologia³⁷ (ABT): entidade formadora de profissionais, empresas funerárias e laboratórios de tanatopraxia;
- Asociación Mexicana de Tanatología³⁸: associação civil multidisciplinar e interdisciplinar que aborda campos da Tanatologia e suicídio;
- Association for Death Education and Counseling³⁹: primeira organização interdisciplinar no campo da morte, morrer e luto, com membros psicólogos, conselheiros, assistentes sociais, educadores, pesquisadores, cuidadores e voluntários, com o objetivo principal de melhorar a capacidade dos profissionais a atender às necessidades de quem trabalha com educação para a morte e aconselhamento de luto;

Obras de referência:

- THANATOLOGY ABSTRACTS. New York: Amo Press. (ISSN 0196-0121)
40,

³³ Os pesquisadores da temática não foram indicados no estudo devido a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁴ Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4149230700872041>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodetanatologia/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁶ Disponível em: <https://redenacionaldetanatologia.psc.br/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁷ Disponível em: <https://www.tanatopraxia.org.br/#sobre>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁸ Disponível em: <https://www.tanatologia-amtac.com/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

³⁹ Disponível em: <https://www.adec.org/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁴⁰ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/81641121>. Acesso em: 16 dez. 2023.

- KUTSCHER, Martin L. *et al.* (ed.). **A comprehensive bibliography of the thanatology literature**. New York: MSS Information Corp., c1975⁴¹.
- WASS, Hannelore *et al.* **Death education**: na annotated resource guide. Washington: Hemisphere Pub. Corp., c1980-1985⁴².
- CHERICO, Daniel *et al.* (ed.). **Thanatology course outlines**. New York; MSS Information Corp.; distributed by Arno Press, c1978-⁴³.
- DEEKEN, Alfons; YUKI, Umehara. **Shi e no junbi kyōiku no tame no 120-satsu**. Tokyo: Azuma Shobo, 1993⁴⁴.
- SIMPSON, Michael A. **Dying, death, and grief**: a critically annotated bibliography and source book of thanatology and terminal care. New York: Plenum Press, c1979⁴⁵.
- SOUTHARD, Samuel (compl.). **Death and dying**: a bibliographical survey. New York: Greenwood Press, 1991⁴⁶.
- BRATTNER, Carol Lee. **Links to understanding**: a guidebook for intentional professionals working with aging people. Edina, MN: Beaver's Pond Press, c2008⁴⁷.
- SERVATY-SEIB, Heather; CHAPPLE, Helen Stanton (ed.). **Handbook of thanatology**: the essential body of knowledge for the study of death, dying, and bereavement. 3th ed. [S. l.]: Association for Death Education and Counseling, 2021.

Material originado a partir de congresso, evento, *workshop*:

- BÖHLE, Knud *et al.* (org.). **Computertechnik und Sterbekultur**. Berlin: Lit, [2014]⁴⁸.

⁴¹ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/75005627>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴² Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/79027707>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴³ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/75005678>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴⁴ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/93177556>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴⁵ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/78027273>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴⁶ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/91007222>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴⁷ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/2008922534>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁴⁸ Registro disponível em: <https://lcn.loc.gov/2015394210>. Acesso em: 16 dez. 2023.

- CROUCH, Mira; HÜPPAUF, Bernd (ed.). **Essays on mortality**. Kensington, Australia: University of New South Wales, Faculty of Arts, c1985⁴⁹.
- COLY, Lisette; MCMAHON, Joanne D. S. (ed.). **Parapsychology and thanatology**: proceedings of an international conference held in Boston, Massachusetts, November 6-7, 1993. New York: Parapsychology Foundation, c1995⁵⁰.
- ASSMANN, Jan; TRAUZETTEL, Rolf. **Tod, Jenseits und Identität: Perspektiven einer kulturwissenschaftlichen Thanatologie**. Freiburg, [Breisgau]: K. Alber, c2002⁵¹.
- LAUNAY, Pauline (dir.). **Louis-Vincent Thomas, passeur de frontières**. Lormont : Le Bord de l'eau, [2018]⁵².
- PROBLEMY współczesnej tanatologii: medycyna, antropologia kultury, humanistyka: materiały IV Krajowej Konferencji TANATOS 2000, zorganizowanej przez Wrocławskie Towarzystwo Naukowe w Karpaczu w dniach 15-18 listopada 2000 r. Wrocław: Wrocławskie Tow. Nauk., 2000⁵³.
- OCHSMANN, Randolph; HOWE, Jürgen. **Trauer, ontologische Konfrontation**: Bericht über die 2. Tagung zur Thanato-Psychologie vom 23.-24. November 1989 in Osnabrück / herausgegeben von Randolph Ochsmann und Jürgen Howe. Stuttgart: Enke, 1991⁵⁴.

No catálogo *Internet Movie Database* (IMDb), encontra-se:

- Lifeforce = Força Sinistra (1985). Direção: Tobe Hooper.
- Journey to Hell (2022). Direção: Timothy A. Chey.
- Moartea... punct sal virgula? (2020). Direção Tertan Calin.
- Tanatología para principiantes (2018). Direção Carlos Alberto Alamilla.

⁴⁹ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/85225530>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵⁰ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/95067318>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵¹ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/2004462422>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵² Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/2018424966>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵³ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/2004454017>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵⁴ Registro disponível em: <https://lccn.loc.gov/91191951>. Acesso em: 16 dez. 2023.

Contudo, demais fontes de informação podem ser exploradas a partir das relações existentes da Tanatologia, tais como luto, pesar, doenças terminais e outros. Visto que a área é interdisciplinar e multidisciplinar.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

No intuito de indicar as fontes de informação sobre o domínio da Tanatologia, descobriu-se que tal campo não possui delimitação clara de domínio, visto que domínio pode ser uma disciplina, um campo científico, uma comunidade discursiva, destacam na especialidade, servem como unidades de estudo e é possível construir um sistema de organização do conhecimento (Alvarenga; Dias, 2012; Campos; Venâncio, 2016; Guimarães, 2014). No entanto, tais aspectos e características não foram delimitadas no campo da Tanatologia, justificado pela sua interdisciplinaridade e multidisciplinaridade.

Dias (2015) apresenta as características para identificar uma comunidade discursiva, informa que possuem metas comuns, mecanismos participativos, troca de informação, estilos específicos, terminologia especializada e alto nível de especialização. A primeira questão imposta na construção do objeto de estudo remetia exatamente aos termos da área, sendo luto, morte e tanatologia. Naquele momento, a área aparentava pouco investigada devido à falta de termos relacionados no DeCS, mas a verdade é que falta o estabelecimento do campo como unidade de domínio.

Quando Kovács (2008a) descreve a Tanatologia como área de conhecimento e de aplicação que envolve cuidado de pessoas e o processo de morrer, na realidade permeia essas áreas, sendo o Cuidado Paliativo e a Psicologia. Mesmo que a Tanatologia seja definida como estudo da morte e do morrer, é uma ciência interdisciplinar, como apontado por Bousso, Poles e Rossato (2009), Färber (2013), Sampaio *et al.* (2018). Diferente da Biblioteconomia, cujo foco é a biblioteca e suas questões, e da Ciência da Informação que o objeto de estudo são as propriedades da informação (Le Coadic, 1996), em alguns momentos a Tanatologia se percebe dentro dos Cuidados Paliativos quando se refere aos enfermos, dentro da Psicologia quando refere-se a percepção de finitude e luto, dentro da Biologia e Medicina Legal quando se trata da morte fisiológica e dentro da Sociologia e Antropologia quando é trazida para o âmbito social.

Desta forma, supõe-se que a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade prejudica o estabelecimento da Tanatologia como área de investigação e domínio delimitado. Outra questão remete a atribuição do termo como palavra-chave, pois em alguns artigos é utilizada como palavra-chave, mas não é apresentada a definição ou outro aspecto do termo no desenvolvimento do estudo, tanto nos nacionais quanto internacionais. Partem do princípio de

que se o estudo trata sobre morte e morrer, logo é sobre Tanatologia, mesmo sem apresentar fundamentação teórica para o campo.

A princípio, utilizaria a análise de domínio para a elaboração de um guia de fontes de informação sobre domínio, porém o fato de a área em questão não limitar os objetos e as classes, tornou-se inviável realização deste tipo de análise, mesmo que Guimarães (2014) cite também as relações, para a Tanatologia tais ligações são semelhantes em certo nível com algumas temáticas, sendo a maioria ligação de relacionamento, sem ser causal, partitiva e nem específica. Poder-se-ia citar a existência da Tanatologia Clínica e Tanatologia de Investigação, como revela Lima, Paranhos e Werlang (2009), contudo tais definições ainda mesclam com cuidados paliativos, efeitos do luto e percepção da morte/finitude.

Contudo, constata-se que é de grande valia o alcance dos objetivos, principalmente o OE1, que corresponde ao esclarecimento de fontes de informação. Na literatura da área, muitos autores apresentavam que definir *fontes de informação* era uma tarefa difícil. Porém, a elaboração deste estudo possibilitou o reconhecimento do que é fontes de informação. Podendo dizer que é:

- Um veículo potencial de informação;
- Quaisquer recursos informacionais que gera ou vincula informação;
- Um recurso que responde a uma necessidade informacional, e;
- Condicionado as práticas informacionais, pois é o sujeito quem interpreta se algo é fonte de informação.

Sendo essencial o conhecimento sobre sua classificação – primária, secundária e terciária – que são guiadas a partir das características, não só a tipologia do material, possuindo também outras classificações que levam em consideração a origem, o canal ou a tipologia da informação, esta última se referindo a estrutura e função da informação.

Em relação ao OE2, infere-se que o campo da Tanatologia não possui conceito, mas sim definição, e seus relacionamentos mesclam com assuntos de outras áreas, como Cuidado Paliativo, Enfermagem, Psicologia e Medicina Legal. No entanto, possui a definição de que é a área de investigação e estudo da morte, abrangendo os processos de morrer e efeitos da morte no aspecto individual quanto coletivo. E vale dizer que o uso e atribuição dos termos para representar conteúdo/assunto de materiais/recursos informacionais, ocorre de forma subjetiva,

dado que a maioria das publicações de artigos constam tal termo como palavras-chave, mas não é definido e aprofundado o termo nos artigos, sendo utilizado meramente para recuperação da informação.

Tendo em vista o OE3, sobre a indicação de fontes de informação em Tanatologia, conclui-se que as fontes de informação da área tiveram relevância há alguns anos, sendo o caso das bibliografias citadas que datam do ano de 1978 a 2000. Nesse meio tempo, a *internet* tornou-se acessível, revolucionando diversos produtos e sistemas de informação, como os catálogos que se tornaram OPACs, o desenvolvimento de bancos e bases de dados de acesso *on-line* e os periódicos em meio eletrônico. Isso para dizer que a informação no contexto digital facilita o acesso, os indivíduos cada vez mais utilizam os canais e meios de comunicação da internet. Como o caso do estudo de Anastácio e Vieira (2013) que demonstram, apesar de ser um resultado parcial, que os pesquisadores do CETEC de Minas Gerais utilizavam o Portal de Periódicos CAPES, mas devido o vínculo do pesquisador com a universidade.

Observa-se que as fontes terciárias em meio digital, com destaque as bases de dados, não só indicam recursos informacionais, como também informam outras fontes, demonstrado no estudo que o Portal de Periódicos CAPES possui a função de filtro, e dentro deles existe o que indica as coleções e títulos de periódicos. Nesse contexto, além do portal indicar fontes, é também fornecedora de dados, cabendo ao indivíduo perceber isso. Outra questão aos catálogos online de acesso público, que o indivíduo deve dominar seu uso para ocorrer uma busca satisfatória, mas sendo necessário ir atrás do material quando apresentado somente em formato físico.

No entanto, a fonte de informação, como aponta no OE1, não se limita a sua natureza, sendo requisito ser objeto portador de informação, ferramenta de acesso e busca, o qual cria elos entre o conhecimento registrado e o pesquisador, mas é um veículo potencial de informação, um recurso que responde a uma necessidade informacional, e percebida pelo indivíduo. Ou seja, qualquer pessoa, instituição ou objeto que atenda a necessidade informacional, será uma fonte de informação.

Vale ressaltar que a percepção e estabelecimento de algo como fonte de informação, dependerá da valorização dos usuários da informação. Como o caso da *Wikipédia*, que precisa da validação do usuário da informação (Kern, 2008) ou as obras cinematográficas que possui riqueza informacional quando analisadas e exploradas pelo indivíduo (Brito, 2017), mas

também a literatura de cordel que transmite uma identidade cultural (Silva; Souza, 2006), os cartórios de registros como fonte primária (Locks, 1985), as passagens de viagem que necessitam de maior contextualização (Ferreira; Costa, 2011), do mesmo modo que as fotografias (Bras; Bras; Bras, 2016), e vão existir fontes de informação históricas que a informação estará defasada, como o caso da Praça XV de Novembro de Florianópolis (Laurindo; Porto; Unglaub, 2021). Ou seja, há uma dependência do valor da informação para quem a procura.

Por fim, realiza-se uma observação quanto as fontes de informação da Tanatologia em questão de obras cinematográficas. Explorado no IMDd, mas também no catálogo da *Netflix*, existe diversas obras que poderiam ser indexadas com o termo de *tanatologia*, mas pela falta de conhecimento, do conceito da área e da pouca difusão do termo, não se encontra presente no âmbito cinematográfico. São inúmeras obras que retratam o processo e a experiência de doenças terminais, o efeito do luto e do pesar, que exigem uma exploração profunda do mapeamento dos termos relacionados.

O *insight* para explorar a temática da tanatologia, deu-se graças a obras cinematográficas, tais como *Bela Vingança (Promising Young Woman, 2021)*, dirigido por Emerald Fennell, que retrata uma pessoa que passa pelo processo do luto pela perda de alguém significativo da protagonista, a série *Fleabag (2016-2019)*, criada por Phoebe Walter-Bridge que expõe a culpa sentida da protagonista pela perda de alguém significativo e possuindo relação com esta morte, a sensação descrita e representada do luto no filme *The Discovery (2017)*, dirigido por Charlie McDowell, que apesar de ser ficção científica, retrata muito bem tal processo e efeito da morte na vida de alguém e coloca em pauta também o suicídio.

Ou seja, a Tanatologia tem potencial para ser investigada e explorada como campo de conhecimento, até ser percebida como domínio científico delimitado. Desta forma, deve-se explorar suas relações com outras temáticas, incentivar as pesquisas e estudos na área a fim de reduzir a multidisciplinaridade dos estudos, isto é, abordar a Tanatologia de forma individual nas pesquisas, sem associá-la a área de Cuidados Paliativos, Enfermagem ou Medicina.

7 REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência**: do presencial ao virtual. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2012.

AFONSO, Selene Beviláqua Chaves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 18, n. 9, p. 2729-2732, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900028>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/r6v4mjCXnj8RYrdFktJ5z3J/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.

AGUIAR, Isabella Rocha *et al.* O envolvimento de enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em unidade neonatal. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 131-137, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/apc/a/654G8rHwtKR87H5h43pGCws/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2023.

ALBRECHT, Rogéria Fernandes; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos. **Revista ABC**, Santa Catarina, v. 5, n. 5, p. 131-144, 2000. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/issue/view/26>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ALBUQUERQUE, Júlio Augusto Enders de; RITA, Luciana Peixoto Santa; PINTO, Ibsen Mateus Bittencourt Santana. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 9, ed. esp., p. 362-379, jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21728/p2p.2023v9nesp.p362-379>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6290>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ALCARÁ, Adriana Rosecler; CURTY, Renata Gonçalves. Blogs: dos diários egocentristas aos espaços de comunicação científica. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina, PR: EDUEL, 2008. Cap. 4, p. 81-96.

ALLEVATO, Sonia Regina. Metodologia de inventário das estatísticas nacionais para o Mercosul. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 24, n. 2, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/594>. Acesso em: 6 nov. 2023.

ALMEIDA, Josiana Florência Vieira Régis de; DIAS, Guilherme Ataíde. Estado da arte sobre análise de domínio no campo da Ciência da Informação brasileira. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 26-45, 2019. DOI: <http://doi.org/10.36311/1981-1640.2019.v13n3.04.p26>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8610>. Acesso em: 10 out. 2023.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Fontes de informação na área de preservação de bens culturais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46297>. Acesso em: 6 nov. 2023.

ALMEIDA, Mário de Souza. **Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese: uma abordagem simples, prática e objetiva**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788597025927>. Acesso em: 28 maio 2023.

ALVARENGA, Lídia; DIAS, Célia da Consolação. Análise de domínio e gestão arquivística. **DataGramZero**, [s. l.], v. 13, n. 1, fev. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7635>. Acesso em: 6 set. 2023.

AMARO, Bianca *et al.* Iniciativas informacionais do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em tempos de pandemia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5400, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5400>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5400>. Acesso em: 8 dez. 2023.

AMORIM, Igor Soares; CAFÉ, Lígia Maria. Agenciamento e análise de domínio: um encontro possível. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 75-88, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/30790>. Acesso em: 2 out. 2023.

AMORIM, Igor Soares; VIANNA, William Barbosa; MEDEIROS, Marisa Brasher Basilio. Aspectos epistemológicos em estudos sobre análise de domínio sob as lentes do racionalismo e do empirismo. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 35-47, set./fev. 2018/2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logcion.2018v5n1.p35-47>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4229>. Acesso em: 9 out. 2023.

ANASTÁCIO, Leila Aparecida; VIEIRA, Eliane Apolinário. Mapeamento de fontes de informação em ambiente web para ciência e tecnologia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 83-92, jan./abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v11i1.1653>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1653>. Acesso em: 30 nov. 2023.

AQUINO, Denise de Paula Veras. As cartas de Van Gogh como fontes de informação biográficas: estudo de caso. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 5, n. 2, p. 3-21, jul./dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2011.v5n2.02.p3>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/1303>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Biblios**, [s. l.], v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ARAÚJO, Nelma Camêlo; MOTA, Francisca Rosaline Leite. Prontuário de paciente: questões éticas. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. esp., mar. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/43512>. Acesso em: 9 dez. 2023.

ARMINDA DAMUS; María; NOEMÍ ACUÑA, Gabriela. Aproximación al análisis de dominio (AD) desde la investigación em bibliotecología y ciencia de la información. **E-Ciencias de la Información**, [s. l.], v. 9, n. 2, artículo científico 3, jul./dic. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15517/eci.v9i2.37497>. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/eciencias/article/view/37497>. Acesso em: 10 out. 2023.

ASSEF NETO, Rosangela Cordeiro de Souza *et al.* Tanatologia e estudo da morte: olhar sobre a produção científica em acesso aberto. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 48, n. 3 (supl.), p. 427-449, set./dez. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4902>. Acesso em: 15 maio 2023.

ASSIS, Tainá Batista de. Perfil profissional do bibliotecário: atual e desejado. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018. Cap. 1, p. 13-31. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8298>. Acesso em: 28 maio 2023.

ÁVILA, Bruno Tenório; SILVA, Milena; CAVALCANTE, Leonice. Uso de repositórios digitais como fonte de informação por membros das universidades federais brasileiras. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 3, p. 97-120, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31514>. Acesso em: 4 dez. 2023.

AZEVEDO, Alexandre Willian. Metodologia de identificação de fontes de coleta de informação: uma proposta de modelo para cadeia produtiva de couro, calçados e artefatos. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. esp., p. 149-158, out. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/12466>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 32-47, jul./dez. 2016. Disponível em:

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Inteligência empresarial: uma avaliação de fontes de informação sobre o ambiente organizacional externo. *DataGramaZero*, [s. l.], v. 3, n. 6, dez. 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5438>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BARITÉ, Mario. Terminología de urgencia y garantías para la representación temática: elementos para el análisis de dominios de emergencia súbita (DES). **Informação & Informação, Londrina**, v. 25, n. 3, p. 239-265, jul./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2020v25n3p239>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/41933>. Acesso em: 16 out. 2023.

BOUSSO, Regina Szylit; POLES, Kátia; ROSSATO, Lisabelle Mariano. Desenvolvimento de conceitos: novas direções para a pesquisa em tanatologia e enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. esp. 2, p. 1331-1336, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000600032>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/wvCMfcyhLq8GgK5XtMPFkND/?lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BRAGA, Cláudio França; BRAGA, Sara Aparecida Herthel França; SOUZA, Virgínio Cândido Tosta de. Vade mecum sobre o morrer e a morte. **Revista Bioética**, Brasília, v. 29, n. 4, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422021294506>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/QjRyxQYmD5BVFYDvKfFHThf/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BRAS, Rosamaria Xavier; BRAS, Aline Xavier; BRAS, Antonio Jose Silva. Imagem fotográfica como fonte de informação. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 15, n.1/2, jan./dez, 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/6625>. Acesso em: 2 dez. 2023.

BRITO, Carla Façanha de. O filme como fonte de informação aplicado ao ensino da Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Cristovão, v. 4, n. esp., p. 6-18, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/93>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BUENO, Silvana Beatriz. Acesso e uso da informação no ambiente educacional: as fontes de informação. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 53-62, jan./jul. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/464>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O uso de fontes de informação em uma comunidade ligada à arte: o caso da Escola de Belas Artes da UFMG. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e**

Documentação, São Paulo, v. 21, n. ¾, p. 34-59, jul./dez. 1988. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/389>. Acesso em: 23 out. 2023.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CAMPOS, Carlita Maria. **Fontes de informação especializada**: características e utilização. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CAMPOS, Carlita Maria. **Fontes de informação especializada**: características e utilização. 2. ed. rev. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros; VENÂNCIO, Ludmila Salomão. O objeto de estudo da Ciência da Informação: a morte do indivíduo. **Informação & Informação**, Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2006v11n1p5>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1720>. Acesso em: 5 set. 2023.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros; VENÂNCIO, Ludmila Salomão. Perspectivas em (in)formação: tendências e tensões entre abordagens físicas, cognitivistas e emergentes. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 107-118, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/MgBgDQ5kPw5jZwSr9pVpz7L/?lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2023.

CANCHUMAN, Roberto Mario Lovón; LETA, Jacqueline; FIGUEIREDO, Antonio MacDowell de. Domínios científicos: mapeamento de áreas do conhecimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 199-218, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/33286>. Acesso em: 2 out. 2023.

CARVALHO, Wellington Marçal de; REZENDE, Angerlânia; GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues. Fontes de informação especializada em africanidades. **PontodeAcesso**, Salvador,

v. 13, n. 1, p. 174-201, ago. 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30464>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CARVALHO, Wellington Marçal de; REZENDE, Angerlânia; GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues. Mais fontes de informação especializada em africanidades: subsídios para novas e radicais epistemologias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 19, e021031, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v19i00.8667383>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667383>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CASSOTTA, Maria Luiza Jurema *et al.* Recursos do conhecimento: colaboração, participação e compartilhamento de informação científica e acadêmica. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 17-34, jan./abr. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29469>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CERIGATTO, Mariana Pícaro; CASARIN, Helen de Castro Silva. As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 155-176, jan./jul. 2017. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/685>. Acesso em: 3 dez. 2023.

CIÊNCIAS HUMANAS. **Descritores em Ciências da Saúde** (DeCS/MeSH). ed. 2022. São Paulo: BIREME/OPS/OMS. 2022. Data de revisão: 11 dez. 2017. Disponível em:
<https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=6961>. Acesso em: 15 maio 2023.

COSMOS, Marília Rianny Pereira; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; SILVA, Fábio Mascarenhas e. Fontes de informação digitais: análise das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE. **Informação & Informação**, Londrina, v. 18, n. 3, p. 114-137, set./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2013v18n3p114>. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/12793>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CRESPO, Isabel Merlo. Serviços e fontes de informação eletrônicas: mudanças verificadas através de um estudo das áreas de biologia molecular e biotecnologia. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 216-234, jul./dez. 2007. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/487>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 9 jun. 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DIAS, Célia da Consolação. A análise de domínio, as comunidades discursivas, a garantia da literatura e outras garantias. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 2, p. 7-17, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/7>. Acesso em: 22 maio 2023.

DIAS, Célia da Consolação; ALVARENGA, Lídia. Análise do domínio organizacional na perspectiva arquivística: um estudo baseado na metodologia proposta por Designing and Implementin Recordkeeping Systems, DIRKS. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 2, p. 180-191, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1309>. Acesso em: 6 set. 2023.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Metodologia de coleta de documentos para bases de dados bibliográficos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 313-327, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/41689>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DOKA, Kenneth J. *et al.* Productivity in thanatology: an international analysis. **Omega: Journal of Death and Dying**, [s. l.], v. 73, n. 4, p. 340-354, Sept. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0030222815590729>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0030222815590729>. Acesso em: 28 maio 2023.

DUARTE, Simone Viana; FURTADO, Maria Sueli Viana. **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Saraiva, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788502230323>. Acesso em: 6 jun. 2023.

EDUVIRGES, Joelson Ramos; SANTOS, Maria Nery dos. A contextualização da internet na sociedade da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17450>. Acesso em: 28 nov. 2023.

EGGERT, Gisela. Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa). **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 167-188, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38279>. Acesso em: 6 nov. 2023.

ELUAN, Andrezinia Aquino; MOMM, Christiane Fabíola; NASCIMENTO, Jucimara Ameida. A sistemática do uso de fontes de informação para a pesquisa científica. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 111-119, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1761>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FÄRBER, Sonia Sirtoli. Tanatologia clínica e cuidados paliativos: facilitadores do luto oncológico pediátrico. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 267-271, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/GQkHb5LXmhsqH5Xknr56hjs/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FACHIN, Juliana; ARAÚJO, Nelma Camelo. Fontes de informação especializadas de acesso aberto. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 35-52, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38421>. Acesso em: 5 dez. 2023.

FERREIRA, Ana Carolina; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Panorama sobre as fontes de informação jurídicas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 279-303, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1106>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FERREIRA, Ana Maria Yamaguchi; WANDERLEY, Katia da Silva. Sobre a morte e o morrer: um espaço de reflexão. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n.esp. 12, p. 295-307, 2012. [Tema: Finitude/Morte & Velhice]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17040>. Acesso em: 28 maio 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, Camila Belo Machado. Acesso à informação e promoção da educação ambiental no programa de visitação da COMLURB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, jul./dez. 2007.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/1913>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FERREIRA, Renata Costa; JARDIM, Vanélli Maria César; ZIVIANI, Fabrício. Fontes de informação para geração da inteligência competitiva nas organizações: uma revisão ampliada de literatura. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 50-72, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v3i2.2018.33475.50-73>. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/33475>. Acesso em: 5 dez. 2023.

FERREIRA, Rubens da Silva; COSTA, Érica Elaine. Compreendendo a imigração espanhola no Pará (1896-1899): um estudo a partir das passagens grátis como fontes de informação. **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 51-61, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/VCVMHMHXyGhcj9bCjht3zN/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318523/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FLORIANI, Ciro Augusto. Moderno movimento hospice: kalotanásia e o revivalismo estético da boa morte. **Revista Bioética**, Brasília, v. 21, n. 3, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/JmXHy7fXfdfMfTRCTXC3gXN/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FONSECA, Flavia de Souza Magalhães; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; PEREIRA, Frederico Cesar Mafra. Uso de fontes de informação por gestores de startups. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 84-102, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22605>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FRANÇA, Maira Nani; GROSSI, Angela Maria; PACIOS, Ana R. Mídias sociais e bibliotecas na produção científica dos Estados Unidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 19, e020004, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v19i00.8661286>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8661286>. Acesso em: 16 out. 2023.

FRANÇA, Maira Nani; PACIOS, Ana R.; GROSSI, Angela Maria. Medios sociales y bibliotecas em la producción científica de España. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 51, n. 3, p. 19-39, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v51i3.5381>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5381>. Acesso em: 16 out. 2023.

FRANÇA, Ricardo Orlandi. Patente como fonte de informação tecnológica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 235-264, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23241>. Acesso em: 6 nov. 2023.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; NASCIMENTO NETO, Gustavo Henrique do; NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara Lima do. Responsabilidade ética e social do bibliotecário de referência: reflexões na sociedade informatizada. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/71143>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GOMES, Lucy; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud; ALVES, Vicente Paulo. O velho e a morte. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. esp. 12, p. 117-132. Finitude/Morte & Velhice. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17040>. Acesso em: 28 maio 2023.

GONÇALVES, Christine Conceição; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Relevância das fontes de informação no cenário brasileiro durante a pandemia de covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 67-83, jan./mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i1.3451>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3451>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GONÇALVES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 82-103, mar./ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v12i1p82-103>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/178542>. Acesso em: 9 dez. 2023.

GONZÁLEZ GUTIÁN, María Virginia; ZAYAS PÉREZ, María Rosa de. Auditorías de conocimiento: análisis de dominio em las bases de datos Scopus y WoK. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colombia, v. 35, n. 1, p. 17-25, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/83963>. Acesso em: 12 set. 2023.

GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio; SANTOS, Jhonathan D. F. A concorrência do bibliotecário no século XXI. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018. Capítulo 3, p. 47-66. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8298>. Acesso em: 28 maio 2023.

GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de. Estudos de análise de cocitação de autores: uma abordagem teórico-metodológica para a compreensão de um

domínio. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 7, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114829>. Acesso em: 14 set. 2023.

GUEDES, William; ARAÚJO JÚNIOR; Rogério Henrique de. Estudo das similaridades entre a teoria matemática da comunicação e o ciclo documentário. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 2, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16498>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 13-21, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415>. Acesso em: 14 set. 2023.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Formas da informação jurídica: uma contribuição para sua abordagem temática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. ½, p. 41-54, jan./jun. 1993. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19240>. Acesso em: 29 out. 2023.

GUSMÃO, Alexandre Oliveira de Meira *et al.* A informação no contexto dos pecuaristas de gado de corte da UPG São Lourenço, região sudeste de Mato Grosso. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 162-175, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/714>. Acesso em: 21 nov. 2023.

HAYASAKI, Erika. Why college students are dying to get into ‘death classes’. **The Wall Street Journal**. Publish: March 6, 2014. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702304104504579377160102817476>. Acesso em: 16 maio 2023.

HERNANDEZ, Bianca Ferreira; VITAL, Luciane Paula. Estudos de gênero para a organização do conhecimento no campo da Arquivologia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 1-25, jan./mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2022v27n1p1>. Acesso em: 16 out. 2023.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodologia de pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848367/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

KERN, Vinícius Medina. A Wikipédia como fonte de informação de referência: avaliação e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 120-

143, jan./mar. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22552>. Acesso em: 5 dez. 2023.

KREMER, Jeannette M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 65-78, jul./dez. 1982. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/30337>. Acesso em: 22 out. 2023.

KOVÁCS, Maria Julia. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2023.

LADRERO PAÑOS, Ignacio; SALVADOR OLIVÁN, José Antonio. La producción científica en el área de enfermeira en Web of Science. **Conocimiento Enfermero**, [s. l.], n. 2, p. 6-16, 2018. Disponível em:
<http://eprints.rclis.org/33720/1/Art%C3%ADculo%20Revista%20CODEM.pdf>. Acesso em: 16 maio 2023.

LAURINDO, Kariane Regina; PORTO, Morena; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. Praça XV e suas representações: fonte de informação e memória da história de Florianópolis. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-20, maio/ago. 2021. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1776>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE COADIC, Yves- François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. 2. ed., rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LIMA, Sanielly Ianar Alves; ANDRADE, Roberia de Lourdes de Vasconcelos. O olhar teórico sobre as fontes de informação e o universo literário e biográfico de Clarice Lispector. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 145-164, mar./ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21728/logcion.2021v7n2.p145-164>. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5641>. Acesso em: 9 dez. 2023.

LOBO, Maria de Fátima Diniz; BARCELLOS, Sílvia de Oliveira. Guias de fontes de informação: metodologia para geração e automação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 75-81, jan./abr. 1992. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/471>. Acesso em: 23 out. 2023.

LOCKS, Ana Lúcia Coutinho. Os cartórios como fonte de pesquisa. **Ágora**, [s. l.], v. 1, n. 2, 1985. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/18>. Acesso em: 22 out. 2023.

MAIA, Paulo Cesar Chagas. As fontes de informação ambiental: uma análise sobre a sua aplicabilidade pelos profissionais da Secretaria de Estado do Meio Ambiente no Pará (SEMA/PA). **Revista ACB**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 54-70, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/740>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MARCHIORI, Patrícia Zeni; APPEL, André Luiz. Fontes de informação como valor agregado ao sistema eletrônico de revistas da Universidade Federal do Paraná (OJS/SER-UFPR). **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, set. 2008. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v4i2.278>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3172>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MARCONDES, Carlos Henrique; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Ontologia e web semântica: o espaço da pesquisa em Ciência da Informação. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 107-136, jun./jul. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/2669>. Acesso em: 6 set. 2023.

MARTELETO, Regina Maria. Science, knowledge and society in times of pandemic: information communication configurations in the health field. **Brazilian Journal of Information Studies: research trends**, [s. l.] v. 16, e02139. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02139>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12620>. Acesso em: 16 out. 2023.

MARTINS, Roberto Antonio; MELLO, Carlos Henrique Pereira; TURRIONI, João Batista. **Guia para elaboração de monografia e TCC em engenharia de produção**. São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788522486397>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MEDEIROS, Ana Lígia Silva; BOUÇAS, Adelina Maria Barbosa. Instrumentos de busca nas bibliotecas do Rio de Janeiro: uma bibliografia seletiva. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 8-12, set./dez. 1980. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31764>. Acesso em: 22 out. 2023.

MEDEIROS, Ivan L. de *et al.* Revisão sistemática e bibliometria facilitadas por um Canvas para visualização de informação. **Revista Brasileira de Design da Informação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 93-110, 2015. DOI: <https://doi.org/10.51358/id.v12i1.341>. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/341>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MELO ALVES, Fernanda Maria; SANTOS, Bruno Almeida dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblos**, [s. l.], n. 72, p. 35-50, 2018. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/459>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MELO, Maria Antônia Fonseca; BRÄSCHER, Marisa. Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 67-80, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1419>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MELLO, Lina Laura Crivellari Cardoso de. Os anais de encontros científicos como fonte de informação: relato de pesquisa. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 53-68, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46304>. Acesso em: 6 nov. 2023.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de; MIRANDA, Erlano Silva de. Fontes de informação jurídica. **Encontros Bibli**, [s. l.], v. 22, n. 50, p. 76-90, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n50p76>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p76>. Acesso em: 3 dez. 2023.

MONTALLI, Kátia Maria Lemos. Informação na indústria de bens de capital no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 45-50, jan./jun. 1991. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/415>. Acesso em: 22 out. 2023.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786586074192/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MORTE. **Descritores em Ciências da Saúde** (DeCS/MeSH). ed. 2022. São Paulo: BIREME/OPS/OMS. 2022. Data de revisão: 16 jan. 2020. Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/th/resource/?id=3660>. Acesso em: 15 maio 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 21-34.

NASCIMENTO, Denise Morado. A abordagem sócio-cultural da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 25-35, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/477>. Acesso em: 5 set. 2023.

NASCIMENTO, Lilian Ferreira do *et al.* Compreensão da morte e do morrer: um estudo como residentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e233879, p. 1-16, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NCry6nv9wmGBWB68CTDNcdB/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2022.

NIELSEN, Flávia Angeli Ghisi; OLIVO, Rodolfo Leandro de Faria; MORILHAS, Leandro José. **Guia prático para elaboração de monografias, dissertações e teses em administração**. São Paulo: Saraiva, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788547223120>. Acesso em: 5 jun. 2023.

OLIVEIRA, Ely Francina T. de; FERREIRA, Karen, Eloise. Fontes de informação on line em Arquivologia: uma avaliação métrica. **Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 69-76, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1302>. Acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, Paulo Henrique de. Proposta de uma metodologia para mensurar o nível de dependência do tomador de decisão em relação às fontes de informações: o caso dos pequenos varejos da região do Barro Preto em Belo Horizonte. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 209-226, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23591>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: Estudo**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/16472>. Acesso em: 30 nov. 2023.

PAIVA, Eliane Bezerra; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NASCIMENTO, Genoveva Batista do. Uso de fontes de informação por alunos de Arquivologia. **Archeion Online**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 55-73, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/22516>. Acesso em: 30 nov. 2023.

PAULA, Lorena Tavares de; SILVA, Thiago dos Reis Soares da; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 93-110, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764>. Acesso em: 7 dez. 2024.

PEREIRA, Frederico Cesar Mafra. Fontes de informação para negócios: análise sobre frequência, relevância e confiabilidade, baseada em estudo empírico com empresários e gestores organizacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 100-119, abr./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2502>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/dw8p3jtZd7Lv3jsYW8G9cHh/?lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2023.

PIMENTA, Fabricia Pires. A patente como fonte de informação (des)necessária para a Biotecnologia em Saúde. **TransInformação**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 323-332, set./dez 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-08892017000300009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/9KhFwNHTSLX4Lt7xgt83yLD/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

PINHEIRO, Mariza Ines da Silva. Estudo do uso das listas de discussão e dos blogs brasileiros em Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 174-188, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/270>. Acesso em: 30 nov. 2023.

POLES, Kátia; BOUSSO, Regina Szylit. Morte digna da criança: análise de conceito. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 215-222, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000100028>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/qGL8nyDk8C59kyFqgTWqxMH/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

RAVASCHIO, Juliana de Paula; FARIA, Leandro Innocentini Lopes de; QUONIAM, Luc. O uso de patentes como fonte de informação em dissertações e teses de engenharia química: o caso da UNICAMP. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 219-232, jan./jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v7i2.1965>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1965>. Acesso em: 21 nov. 2023.

RIOS, Fahima Pinto; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira; AMORIM, Igor Soares. Manifestos do Movimento de Acesso Aberto: análise de domínio a partir de periódicos brasileiros. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 148-169, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1152>. Acesso em: 12 out. 2023.

ROCHA, Regina Ferreira da; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. A contribuição das referências dos planos de ensino para a caracterização de domínios: um estudo no curso de biocombustível do Centro Paula Souza. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 1, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/39545>. Acesso em: 16 out. 2023.

RODRIGUES, Ana Vera; CRESPO, Isabel. Fonte de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jul./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v4i1.2032>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2032>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ROSAS, Fábio Sampaio; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Colaboração científica como procedimento para análise de um domínio: uma aplicação na área de zootecnia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 20, n. 43, p. 115-132, maio/ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2015v20n43p115>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n43p115>. Acesso em: 2 out. 2023.

ROSETTO, Marcia. Os novos materiais bibliográficos e a gestão da informação: livro eletrônico e biblioteca eletrônica na América Latina e Caribe. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 1, 1997. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/753>. Acesso em: 6 nov. 2023.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. (Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de informação. Série Didáticos; n. 1).

SALES, Rodrigo de; ALMEIDA, Patrícia Pinheiro de. Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 67-87, jan./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v4i2.2022>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2022>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SALIBA, Carolina Angélica Barbosa *et al.* Fontes de informação para seleção de livros em bibliotecas brasileiras. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 60-81, mar. 1979. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36253>. Acesso em: 16 out. 2023.

SALLES, Débora Gomes; GONÇALVES, Jéssica dos Santos; ARAUJO, Luciana Danielli de. A transexualidade na literatura científica das ciências da saúde. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 265-292, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p265>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31453>. Acesso em: 2 out. 2023.

SAMPAIO, Cynthia Lima *et al.* Aprendizagem baseada em problemas no ensino da tanatologia, no curso de graduação em enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, e20180068. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0068>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/sYtKzKCYd7vcYbF3StztmdS/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; SILVA, Maria Clara Tavares da. O domínio da ética na organização do conhecimento: um mapeamento da produção científica brasileira. **Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 2, p. 86-114, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/681>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SANTA'ANNA, Jorge. Estudo das fontes de informação: aplicações em acervos documentários. **Ciencias de la Información**, [s. l.], v. 50, n. 1, p. 14-23, ene-abr., 2019. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Cienciasdelainformacion/2019/vol50/no1/3.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SANTOS, Andréa Pereira dos. Institutos federais de educação: fontes de informação e gestão do conhecimento. **Revista ACB**, Florianópolis, V. 15, n. 1, p. 22-38, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/685>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação com a temática étnico-racial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 29-55, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n1p29>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/17492>. Acesso em: 2 dez. 2023.

SCHNEIDER, Ivo Alberto *et al.* Produção e comercialização agrícola: fontes de informação e relevância. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 69-86, jul./set. 1990. Disponível em: <https://www.revistasober.org/article/5e87c01c0e88250410a14d49>. Acesso em: 23 out. 2023.

SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE. **SciELO**: modelo de publicação eletrônica para países em desenvolvimento. [S. l.]: SciELO, jul. 2019. Disponível em: https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/Modelo_SciELO.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

SEMELER, Alexandre Ribas; PINTO, Adilson Luiz. Os diferentes conceitos de dados de pesquisa na abordagem da Biblioteconomia de dados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 48, n. 1, p. 113-129, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4461>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SENA, Alexandre. Fontes de informação utilizadas pelos discentes do mestrado do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA (IEMCI/UFPA). **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 52-60, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/12667>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SILVA, Daniela do Nascimento. Recursos Educacionais Abertos como fontes de informação. **Encontros Bibli**, [s. l.], v. 20, n. 44, p. 59-72, set./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2015v20n44p59>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n44p59>. Acesso em: 2 dez. 2023.

SILVA, Douglas Fernandes da *et al.* **Manual prático para elaboração de trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786555500028>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. A atuação do bibliotecário médico e sua interação com os profissionais da saúde para busca e seleção de informação especializada. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 131-151, jul./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v3i1.2057>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2057>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SILVA, Fernanda Isis C. Da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, Gabriela Lopes da. Fontes de informação. **Cadernos BAD**, [s. l.], v. 3, p. 27-34, 1993. DOI: <https://doi.org/10.48798/cadernosbad.2351>. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/2351>. Acesso em: 29 out. 2023.

SILVA, Terezinha Elisabeth da; TOMAÉL, Maria Inês. Repositórios institucionais e o modelo open. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina, PR: EDUEL, 2008. Cap. 6, p. 123-149.

SOUZA, Amanda Damasceno de *et al.* A tipologia das fontes de informação em saúde: suporte à tomada de decisão. **Asklepion: Informação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 51-74, abr./set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21728/asklepion.2022v2n1.p51-74>. Disponível em: <https://asklepionrevista.info/asklepion/article/view/38>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SOUZA, Amanda Damasceno de; FERNANDES, Mariana Ribeiro; FREIRE JUNIOR, Adelino de. Atuação do bibliotecário clínico em tempos de pandemia da covid-19. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1454>. Acesso em: 31 maio 2023.

SOUZA, Terezinha Batista de. O catálogo on-line como instrumento de acesso à informação em bibliotecas digitais. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina, PR: EDUEL, 2008. Cap. 7, p. 151-171.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Fontes de informação financeira no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23/24, n. 4, p. 545-550, 1999/2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76001>. Acesso em: 6 nov. 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SUNDOSTROM, Admeire da Silva Santos; MORAES, João Batista Ernesto de. Sistema de organização do conhecimento utilizado pela comunidade booktube: mapeamento dos conceitos. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 4-24, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/34208>. Acesso em: 9 out. 2023.

TENNIS, Joseph T. Com o que uma análise de domínio se parece no tocante a sua forma, função e gênero?. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 6, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2012.v6n1.02.p3>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/3026>. Acesso em: 12 set. 2023.

TEODORESCU, Adriana. Symbolic imortality through nature. The deconstruction of a myth: a thanatological perspective. **Philobiblon**, [s. l.], v. 17, n. 12, 2012. Disponível em:

<https://www.philobiblon.ro/en/article/symbolic-immortality-through-nature-deconstruction-myth-thanatological-perspective>. Acesso em: 16 maio 2023.

TOGNOLI, Natália Bolfarini; SILVA, Amanda Marissa Soares da; SILVA, Andrieli Pachuda. Organização do conhecimento e Arquivologia: uma análise de domínio nos periódicos Knowledge Organization e Scire. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 52-77, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p52>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38726>. Acesso em: 15 out. 2023.

TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina, PR: EDUEL, 2008.

TRIQUES, Maria Lígia; ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; ARAKAKI, Ana Carolina Simionato. Domain analysis of curatorial activities in Brazilian information science. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [s. l.], v. 16, e02157, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02157>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12592>. Acesso em: 16 out. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

WANG, Zhicheng *et al.* The uncounted casualties of a hidden covid-19 epidemic in China: cross-sectional study on deaths related to overwork. **Journal of Medical Internet Research**, [s. l.], v. 23, n. 4, April 2021. Disponível em: <https://www.jmir.org/2021/4/e23311>. Acesso em: 16 maio 2023.

WITTKOWSKI, Joachim *et al.* Publication trends in thanatology: an analysis of leading journals. **Death Studies**, [s. l.], v. 39, p. 453-462, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07481187.2014.1000054>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07481187.2014.1000054>. Acesso em: 28 maio 2023.

ZONTA, Bernardo Martins *et al.* Tanatologia: uma revisão bibliográfica. **Revista Foco**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v15n2-025>. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/379>. Acesso em: 15 dez. 2023.

APÊNDICE A – Levantamento bibliográfico sobre fontes de informação nas bases BRAPCI e Peri, entre os meses julho e agosto de 2023

ANO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE	KEYWORDS	LINK	BASE
1975	Quasi-metric spaces and information systems	Goffman, William; Morris Jr., Thomas G.	x	x	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/54	PERI
1977	Fontes de informação cartográfica no Brasil	Gardini, Marília Júnia de Almeida	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36205	BRAPCI; PERI
1977	O ensino de bibliografia e referência nos anos setenta	Nichols, Harold	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36207	BRAPCI; PERI
1977	The role of libraries in imparting international understanding = O papel das bibliotecas na transmissão da compreensão internacional	Dimitrov, Théodore D.	x	x	https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46770	BRAPCI
1979	Fontes de informação para seleção de livros em bibliotecas brasileiras	Saliba, Carolina Angélica Barbosa	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36253	BRAPCI; PERI
1980	Fontes para o estudo da história do Nordeste	Neves, Fernanda Ivo	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/61824	BRAPCI; PERI
1980	Instrumentos de busca nas bibliotecas do Rio de Janeiro: uma bibliografia seletiva	Medeiros, Ana Lúcia Silva; Bouças, Adelina Maria Barbosa	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31764	BRAPCI; PERI
1981	CPDOC – Fontes primárias condicionam formato institucional	Franco, Celina do Amaral Peixoto Moreira; Simone, Célia Carmargo de	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31785	BRAPCI; PERI
1982	Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros	Kremer, Jeannette M.	x	x	https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/30337	BRAPCI; PERI
1982	Banco de documentação da SMAM fonte de informação ecológica	Hoonholtz, Carmem Maria Lapolli von	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/74809	BRAPCI
1982	O ensino de bibliografia por meio de módulos	NORONHA, Daisy Pires			https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36407	
1983	A importância dos recursos bibliográficos brasileiros para os usuários da informação científica	Caldeira, Paulo da Terra; Carvalho, Maria de Lourdes Borges de	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62558	BRAPCI
1984	Análise das fontes de informação bibliográficas citadas no periódico “Pesquisa Agropecuária Brasileira”	Urbizagástegui Alvarado, Rubén	x	x	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40545	BRAPCI; PERI

1985	Os cartórios como fonte de pesquisa	Locks, Ana Lúcia Coutinho	x	x	https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/18	BRAPCI
1987	Sindicatos patronais como fontes alternativas de informação para bibliotecas na área de indústria e comércio	Marchiori, Patrícia Zenia	x	x	https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/43968	BRAPCI
1988	Cooperação na América Latina e Caribe para a área da informação documentária p.152-167	Macedo, Neusa Dias de	x	Latin America. The Caribbean. Cooperation. Documentary information. Bibliographic control	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/389	PERI
1988	Fontes de informação para bibliotecas públicas e comunitárias brasileiras: proposta para seu estudo nos cursos de Biblioteconomia	Campello, Bernadete Santos; Andrade, Maria Eugênia Albino	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36757	BRAPCI; PERI
1988	O uso de fontes de informação em uma comunidade ligada à arte: o caso da Escola de Belas Artes da UFMG p. 34-59	Caldeira, Paulo da Terra	Arte – fontes de informação. Informação – uso	x	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/389	PERI
1990	Contribuições das revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto fonte de referência para pesquisa	Foresti, Nóri Almeida Bethonico	x	x	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/375	BRAPCI
1990	Produção e comercialização agrícola: fontes de informação e relevância	Schneider, Ivo Alberto et al.	fontes de informação. Tipos de comunicação. Relevância local das informações. Produção e comercialização agrícola	sources of information. Types of communication. Local relevance. Agricultural production and market information	https://www.revistasober.org/article/5e87c01c0e88250410a14d49	PERI
1991	Informação na indústria de bens de capital no Brasil	Montalli, Kátia Maria Lemos	transferência da informação. Fontes de informação. Informação tecnológica. Informação econômica. Normas técnicas. Patentes. Serviços de informação para indústria – Brasil	information transfer. Information sources. Technological information. Economic information. Technical standards. Patents. Information services for the industry – Brazil	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/415	BRAPCI; PERI
1992	Guias de fontes de informação: metodologia para geração e automação	Lobo, Maria de Fátima Diniz; Barcellos, Sílvia de Oliveira	guias de fontes de informação – metodologia. Aplicativo em MicroISIS. Automação de guias	information sources guides – methodology. MicroISIS applicative. Guides automation	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/471	BRAPCI
1993	Fontes de informação	Silva, Gabriela Lopes da	x	x	https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/2351	PERI
1993	Formas da informação jurídica: uma contribuição para sua abordagem temática	Guimarães, José Augusto Chaves	documentação jurídica. Representação temática. Fontes de informação jurídica	law documentation. Subject analysis. Law information sources	https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19240	BRAPCI; PERI
1994	Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa)	Eggert, Gisela	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38279	BRAPCI
1995	Metodologia de inventário das estatísticas nacionais par ao Mercosul	Allevato, Sonia Regina	guia de fontes de informação – metodologia. Mercosul. Sistema de informação	information sources guides – methodology. Mercosul. Information system	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/594	BRAPCI

1996	Fontes de informação na área de preservação de bens culturais	Almeida, Maria Christina Barbosa de	patrimônio cultural. Serviços de informação. Fontes de informação. Banco de dados. Conservação e restauração	cultural property. Information services. Information sources. Databases. Conservation and restoration	https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46297	BRAPCI; PERI
1996	Os anais de encontros científicos como fonte de informação: relato de pesquisa	Mello, Lina Laura Crivellari Cardoso de	Fontes de informação científica. Encontros científicos. Anais de encontros científicos. Literatura cinzenta	Scientific information sources. Scientific meetings. Conference proceedings. Grey literature	https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46304	BRAPCI
1996	Sistemas de informações estratégicas para a vitalidade da empresa	Santos, Raimundo Nonato M. dos	informação estratégica. Informação crítica. Fontes de informação. Análise funcional. Profissional de informação. Formação	strategic information. Critic information. Information source. Funcional analysis. Professional information	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/670	BRAPCI; PERI
1997	Fontes de informação sobre companhias e produtos industriais: uma revisão de literatura	Montalli, Katia Maria Lemos; Campello, Bernardete dos Santos	revisão de literatura comercial. Centro referencial de informação. Fonte de informação para a indústria. Páginas amarelas eletrônicas. Informação globalizada	revision of commercial literature. Referral information center. Information sources for industry. Electronic yellow pages. Globalized information	http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/773	BRAPCI
1997	Os novos materiais bibliográficos e a gestão da informação: livro eletrônico e biblioteca eletrônica na América Latina e Caribe	Rosetto, Marcia	fontes de informação bibliográfica – tipos. Livro eletrônico. Biblioteca eletrônica. Gestão da informação. América Latina e Caribe	Bibliographic information sources-categories. Electronic book. Electronic library. Information management. Latin America and the Caribbean	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/753	BRAPCI
1997	Patente como fonte de informação tecnológica	França, Ricardo Orlandi	x	x	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23241	BRAPCI; PERI
1998	Muito além da informação: mídia, cidadania e o dilema democrático	Porto, Mauro P.	x	x	http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=2098	PERI
1998	Produção de material instrucional para o ensino de fontes de informação	Rivera Bohn, María del Carmen; Brighenti, Neide Caciatori	x	x	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/11	BRAPCI; PERI
1998	Recursos informacionais para o ensino fundamental	Campello, Bernadete Santos et al.	Fontes de informação. Recursos informacionais. Informação para ensino	information sources. Information resources. Information for education	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/780	BRAPCI; PERI
1999	A busca da informação por parte de entidades representativas enquanto formadoras de opinião: um problema gerencial 1999/2000	Baptista, Dulce Maria	gerência da informação. Entidade representativa. Fontes de informação. Formação de opinião. Recursos de informação	information management. Representative institution. Information sources. Opinion making. Information resources	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76001	BRAPCI; PERI
1999	Fontes de informação financeira no Brasil	Souza, Terezinha de Fátima Carvalho de; Borges, Mônica Erichsen Nassif	informação para negócios. Informação financeira. Fontes de informação	business information. Financial information. Information sources	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/858	BRAPCI; PERI
1999	Inteligência competitiva: uma abordagem sobre a coleta de informações publicadas	Costa, Marília Damiani; Silva, Iranise Alves da	inteligência competitiva. Fontes de informação	competitive intelligence. Sources of information	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/415	BRAPCI; PERI

1999	Internet como instrumento de pesquisa técnico-científica na engenharia civil	Blattmann, Ursula; Tristão, Ana Maria Delazari	fontes de pesquisa eletrônicas. Internet. Metodologia da pesquisa	electronic sources of research. Internet. Research methodology	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/336	BRAPCI
1999	Sistemas de informações gerenciais para programa de qualidade total em pequenas empresas da região de Campinas	Carmo, Vadson Bastos do; Pontes, Cecília Carmen Cunha	Sistemas de informação gerenciais; fontes de informações. Programa de qualidade total para PMEs	managerial information systems. Information sources. Total quality program for small and medium-size enterprises	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/859	BRAPCI; PERI
2000	Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos	Albrecht, Rogéria Fernandes; Ohira, Maria Lourdes Blatt	bases de dados – metodologia. Política de seleção de documentos. Política de coleta de documentos	data base – methodology. Document selection policy. Document collection policy	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/347	BRAPCI
2000	Centro de informação jurídica eletrônico e virtual	Machado, Valéria Maria	automação. Biblioteca virtual. Centro de informação. Informação eletrônica. Cd-rom. Informação jurídica. Internet. Informatização. Sites jurídicos. Softwares. Programas. Banco de dados. Rede. Acesso. Fontes. Biblioteca digital. Biblioteca eletrônica. Biblioteca do futuro. Cibernética	Automation. Virtual library. Information center. Electronic information. CD-rom. Juridical information. Internet. Informatization. Juridical sites. Software. Programs. Databank. Network. Access. Sources. Digital library. Electronic library. Library of the future. Cybernetics	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/899	BRAPCI
2001	A busca a informação por parte de entidades representativas	Baptista, Dulce Maria	Formação de opinião. Fontes de informação. Entidades representativas. Gerência da informação	opinion making. Information sources. Representative institutions. Information management	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/920	BRAPCI; PERI
2001	Servidor de enlaces: motivação e metodologia	Santana, Paulo Henrique de Assis et al.	servidor de enlaces. Servidor de links. Internet. Paradigmas de cooperação. Enlaces entre bases de dados. Enlaces entre fontes e sistemas de informação	Link server. Internet. Cooperation paradigms. Links among databases. Links between information sources and systems	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/912	BRAPCI
2002	Inteligência empresarial: uma avaliação de fontes de informação sobre o ambiente organizacional externo	Barbosa, Ricardo Rodrigues	inteligência empresarial. Monitoração ambiental. Fontes de informação. Gestão do conhecimento. Gestão da informação	Business information. Environmental scanning. Information sources. Knowledge management. Information management	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5438	BRAPCI; PERI
2003	Características do processo de busca de informação dos pesquisadores da área de psicologia da Uinsinos	Moura, Ana Maria Milniczuk de	busca de informação. Fontes de informação. Tecnologias da informação e comunicação	information search. Information sources. Information and communication technology	https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/59	BRAPCI
2003	Efeitos das tecnologias da informação na comunicação de pesquisadores da Embrapa	Souza, Maria da Paixão Neres de	comunicação científica. Tecnologia de informação. Fontes de informação. Produção de conhecimento. Avaliação de trabalhos. Difusão de conhecimento	scientific communication. Information technology. Information sources. Knowledge production. Referee. Knowledge diffusion	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1026	BRAPCI; PERI
2003	Inteligência competitiva na internet: um processo otimizado por agentes inteligentes	Silva, Helena Pereira da	inteligência competitiva. Internet. Monitoramento de fontes de informação. Agentes inteligentes	competitive intelligence. Internet. Monitoring of information sources. Intelligence agents	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1025	BRAPCI

2003	Vantagens das listas de discussão como fonte de informação pessoal e profissional	Böhmerwald, Paula; Cendón, Beatriz Valadares	lista de discussão	mailing lists	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n16p41	PERI
2004	A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva	Morigi, Valdir José; Bonotto, Martha E. K. Kling	fonte de informação. Informação afetiva. Informação e memória. Narrativa musical. Música gaúcha. Figueira Amiga. Gildo de Freitas	Information sources. Affectionate information. Information and memory. Musical narrative. Gildo de Freitas. Gaucho music	https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88	BRAPCI; PERI
2004	Capacitação do bibliotecário como mediador do aprendizado no uso de fontes de informação	Dias, Maria Matilde Kronka et al.	Capacitação de equipes bibliotecárias. Mediação do aprendizado. Fontes de informação	librarian training. Learning mediation. Information sources	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2070	BRAPCI; PERI
2004	Do patrimônio cultural e seus significados	Araripe, Fátima Maria Alencar	patrimônio cultural. Memória social. Cidade. Fonte de informação	cultural heritage. Social memory. City. Information source	https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6371	BRAPCI
2004	Monitoração ambiental em contextos dinâmicos: busca e uso de informação por gerentes bancários	Bastos, Jaime Sadão Yamassaki et al.	monitoração ambiental. Inteligência competitiva. Fontes de informação. Bancos – gerentes. Busca e uso de informação para negócios	Environmental scanning. Competitive intelligence. Informationsources. Banks – managers. Information seek and use. Business information	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23657	BRAPCI; PERI
2005	A atuação do bibliotecário médico e sua interação com os profissionais da saúde para busca e seleção de informação especializada	Silva, Fabiano Couto Corrêa da	bibliotecário médico. Medicina baseada em evidências. Bases de dados. Fontes de informação. Profissionais da saúde	medical librarian. Medicine based in evidences. Database. Information sources. Health professionals	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2057	BRAPCI; PERI
2005	Estudo do uso de fontes de informação para inovação tecnológica na indústria brasileira	Sugahara, Cibele Roberta; Jannuzzi, Paulo de Martino	fontes de informação. Pesquisa industrial. Inovação tecnológica. Pesquisa e desenvolvimento	information sources. Industrial research technological innovation. Technological innovation. Research and development	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1101	BRAPCI; PERI
2005	Fontes de informação on-line no contexto da área de ciências da saúde	Bueno, Silvana Beatriz; Blattmann, Ursula	fontes de informação on-line. Gestão da informação. Ciências da saúde. Centro de documentação médica. Informação médica	health library. Information management. Medical collection. Medical information center. Medical documentation	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2062	BRAPCI
2005	Proposta para um esquema de classificação das fontes de informação para negócio	Silva, Antonio Braz de Oliveira e; Campos, Marcus José de Oliveira; Brandão, Wladimir Cardoso	informação para negócio. Fontes de informação. Sistema de classificação. Classificação de informação	business information. Information sources. Classification system. Information classification	https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5787	BRAPCI; PERI
2006	Acesso e uso da informação no ambiente educacional: as fontes de informação	Bueno, Silvana Beatriz	educação. Acesso à informação. Busca da informação. Uso da informação. Fontes de informação	education. Information access. Information sources. Information use. Information resources	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/464	BRAPCI
2006	Fontes de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias	Rodrigues, Ana Vera; Crespo, Isabel	bibliotecário. Bibliotecário – universidades. Fontes de informação eletrônica	Librarian. University librarian. Electronic library sources	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2032	BRAPCI
2006	Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel	Silva, Fernanda Isis C. Da; Souza, Edivanio Duarte de	Fonte de informação. Identidade cultural. Literatura de cordel	Source of information. Cultural identity. String literature	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455	PERI

2006	Uso de fontes de informação para a inteligência competitiva: um estudo da influência do porte das empresas sobre o comportamento informacional	Barbosa, Ricardo Rodrigues	Inteligência competitiva. Fontes de informação. Comportamento informacional. Gestão da informação. Gestão do conhecimento	competitive intelligence. Information sources. Informational behavior. Management of the information. Management of the knowledge	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/36185	BRAPCI
2007	Acesso à informação e promoção da educação ambiental no programa de visitação da COMLURB	Ferreira, Camila Belo Machado	Acesso à informação. Fontes de informação. Informação ambiental. Educação ambiental	information access. Information sources. Environmental information. Environmental education	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/1913	PERI
2007	Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC	Sales, Rodrigo de; Almeida, Patrícia Pinheiro de	fontes de informação. Avaliação – fontes de informação. Critérios de avaliação. NUPILL/UFSC	Information sources. Evaluation – information sources. Evaluation criteria. NUPILL/UFSC	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2022	BRAPCI
2007	Avaliação do acesso ao SINIMA – Sistema Nacional de Informação sobre o Meio-Ambiente	Silva, Thiago Antunes da	Fontes de informação. Avaliação de fontes de informação. Facilidade de uso. Sistema Nacional de Informação sobre o Meio-Ambiente	Information sources. Information sources evaluation. Accessibility. National Information System for Environment	https://www.scielo.br/j/pci/a/4zm8dv7B6jnrZcSk3SgM6hH/?lang=pt	PERI
2007	Fontes de informação em educação a distância disponíveis em meio eletrônico nas universidades federais brasileiras	Luz, Carlos César Schmitt da et al.	Fontes de informação na internet. Educação a distância. Competência informacional	sources of information in the internet. Distance education. Information competence	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/496	BRAPCI
2007	Fontes de informação para o setor siderúrgico	Assis, Wilson Martins	fonte de informação. Siderurgia. Banco de dados. Acervo. Aquisição de informação	information source. Iron and steel industry. Databases. Internet. Acquisition of information	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1180	BRAPCI; PERI
2007	Informação para negócios e políticas de informação	Farias, Gabriela Belmonte; Vital, Luciane Paula	informação para negócios. Fontes de informação. Gestão da informação. Política de informação	business information. Information spring. Information management. Information politics	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/497	BRAPCI
2007	Os percursos da memória: a exposição virtual cartes postales du Québec d'antan como fonte de informação histórica	Cavalcante, Lidia Eugenia	leitura e memória. Leitura e patrimônio digital. Exposição virtual. Fontes de informação	reading and memory. Digital reading and patrimony. Virtual exposition. Sources of information	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/976	BRAPCI; PERI
2007	Serviços e fontes de informação eletrônicas: mudanças verificadas através de um estudo das áreas de biologia molecular e biotecnologia	Crespo, Isabel Merlo	serviços e fontes de informação eletrônicas. Biologia molecular e biotecnologia	Electronic information services and sources. Molecular biology and biotechnology	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/487	BRAPCI
2008	A sistemática do uso de fontes de informação para a pesquisa científica	Eluan, Andrenizia Aquino; Momm, Christiane Fabíola; Nascimento, Jucimara Almeida	fluxo de informação. Organização da informação. Fontes de informação. Administração da informação. Informação estratégica. Projeto de pesquisa	information flow. Organization of the information. Information sources. Information management. Strategical information. Research project	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1761	BRAPCI; PERI
2008	Fontes de informação como valor agregado ao sistema eletrônico de revistas da Universidade Federal do Paraná (OJS/SER-UFPR)	Marchiori, Patrícia Zeni; Appel, André Luiz	metodologias em gestão da informação. Humanidades – fontes de informação. Fontes de informação – critérios de qualidade. Sistema eletrônico de revistas – research support tool. Fontes de informação – descrição	Information research management methodologies. Information sources – humanities. Information sources – quality criteria. Open Journal System – research support tool. Information sources – description	https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3172	BRAPCI

2008	Gestão da qualidade da informação no contexto das organizações: percepções a partir do experimento de análise da confiabilidade dos jornais eletrônicos	Sordi, José Osvaldo de; Meireles, Manuel; Grijo, Rogério Nahas	qualidade da informação. Dimensões da qualidade. Confiabilidade. Fonte da informação. Jornal	information quality. Quality dimensions. Reliability. Information source. Newspaper	https://www.scielo.br/j/pci/a/R8rM6c8WmwpG9QGS-dLGyRTN/abstract/?lang=pt	PERI
2008	Guias de bibliotecas como fontes de informação: metodologia de elaboração do guia da 1ª região	Guimarães, Tatiara Paranhos; Marcial, Cristine Coutinho	fontes de informação. Guia de bibliotecas. Diretório de bibliotecas	information source. Library directory. Library guide	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1823	BRAPCI; PERI
2008	Monitoração ambiental em empresas incubadoras e graduadas: influências das atividades e do estágio de evolução das firmas	Campos, Luiz Fernando de Barros; Barbosa, Ricardo Rodrigues	monitoração ambiental. Inteligência empresarial. Busca de informação. Fontes de informação. Gestão da informação. Planejamento estratégico	environmental scanning. Business intelligence. Information seeking. Information sources. Information management. Strategic planning	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1762	BRAPCI; PERI
2008	Monitoramento ambiental e fontes de informação para a tomada de decisão estratégica: o caso dos varejos formais instalados nas imediações do shopping popular Oiapoque em Belo Horizonte	Oliveira, Paulo Henrique; Paula Neto, Wesley de; Oliveira, Fábio Henrique Roela de	fontes de informação. Tomada de decisão estratégica. Varejo formal	sources of information. Strategic decision making. Formal retailers	https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1207	BRAPCI; PERI
2008	O arquivista como gestor de fontes primárias para o fomento da produção intelectual	Erthal, Daniele	fundo de arquivo. Fonte primária. Dado. Informação. Conhecimento	respect de fonds. Primary source. Data. Information. Knowledge	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/2607	BRAPCI
2008	O monitoramento do ambiente em meios de hospedagem: um estudo comparativo nas regiões de Florianópolis e Balneário Camboriú	Cancellier, Everton Luis Pellizzaro de Lorenzi; Alberton, Anete	monitoramento do ambiente. Meios de hospedagem. Fontes de informação	environmental scanning. Hotels. Information sources. External environment	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13nesp2p71	BRAPCI; PERI
2008	O mundo pernambucano através de fontes de informação: 1965-2003	Prysthon, Cecília; Silveira, Murilo Artur Araújo da; Silva, Lígia Santos da	Fontes de informação. Bibliografias. Pernambuco	information sources. Bibliography. Pernambuco	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1811	BRAPCI; PERI
2008	Uso de fontes de informação por consultores empresariais: um estudo junto ao mercado de consultoria de Belo Horizonte	Pereira, Frederico Cesar Mafra; Barbosa, Ricardo Rodrigues	Fontes de informação. Comportamento de busca. Comportamento de uso. Pequenas e médias empresas. Consultores empresariais	information sources. Information seeking behavior. Information use behavior. Small and medium size companies. Business consultants	https://www.scielo.br/j/pci/a/DrxxS-dWLSzhN36KB9mfdY5m/	PERI
2009	Comportamento de busca e uso da informação: um estudo com alunos participantes de empresas juniores	Brum, Marco Antonio Carvalho; Barbosa, Ricardo Rodrigues	comportamento informacional. Fontes de informação. Empresa júnior	information behavior. Information sources. Junior enterprise	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23614	BRAPCI; PERI
2009	Documentos convencionais e não convencionais em administração, ciências contábeis e economia: estudo sobre sua utilização pelos alunos de graduação	Côrtes, Pedro Luiz; Población, Dinah Aguiar	documentos não convencionais. Educação. Fontes de referência. Estratégias de ensino	not conventional documents. Bibliographies references. Education. Strategies of teaching	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22389	BRAPCI
2009	Estudo bibliométrico de fontes sobre Pernambuco	Silveira, Murilo Artur Araújo da et al.	fontes de informação. Bibliografia. Pernambuco. Análise bibliométrica	information sources. Bibliography. Pernambuco. Bibliometric analysis	https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/8072	BRAPCI

2009	Fontes de informação on line em arquivologia: uma avaliação métrica	Oliveira, Ely Francina T. de; Ferreira, Karen Eloise	Fontes de informação em arquivologia. Avaliação métrica. Webometria	x	https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1302	BRAPCI
2009	Proposta de uma metodologia para mensurar o nível de dependência do tomador de decisão em relação às fontes de informações: o caso dos pequenos varejos da região do Barro Preto em Belo Horizonte	Oliveira, Paulo Henrique de	fontes de informação. Tomada de decisão. Varejo. Empresas de pequeno porte	sources of information. Decision making. Retail. Small enterprises	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23591	BRAPCI; PERI
2009	Utilização de recursos informacionais na educação	Bueno, Silvana Beatriz	fontes de informação. Professores. Educação	Information sources. Teachers. Education	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23583	BRAPCI; PERI
2010	A informação no contexto dos pecuaristas de gado de corte na UPG São Lourenço, região Sudeste de Mato Grosso	Gusmão, Alexandre Oliveira de Meira et al.	fontes de informação. Necessidades de informação. Informação para negócios. Informação agropecuária. Pecuária de corte	information sources. Information needs. Business information. Cattle farming information. Beef cattle	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/714	BRAPCI
2010	As fontes de informação ambiental: uma análise sobre a sua aplicabilidade pelos profissionais da Secretaria de Estado do Meio Ambiente no Pará (SEMA/PA)	Maia, Paulo Cesar Chagas	meio ambiente – fontes de informação. Informação ambiental – serviços de informação. Educação ambiental – fontes de informação	Environment – information sources. Environmental information – service information. Environmental education – information sources	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/740	BRAPCI
2010	Institutos federais de educação: fontes de informação e gestão o conhecimento	Santos, Andréa Pereira dos	fontes de informação em C&T. Gerenciamento de informações. Instituto federais de educação	Information sources in science and technology. Information management. Federal institutes of education	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/685	BRAPCI
2010	O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte	Gaudêncio, Sale Mário; Borba, Maria do Socorro de Azevedo	literatura de cordel. Fonte de informação. Cultura popular	Cordel literature. Information source. Popular culture	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/4905	PERI
2010	O imaginário da década de 1920 no cinema brasileiro	Cordeiro, Rosa Inês de Novais; Toutain, Lídia Brandão	Análise semiótica. Filmes brasileiros (1920). fontes de informação e filmes	semiotic analyses. Brazilian movies (1920). Films and information sources	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3965	BRAPCI; PERI
2010	O uso de patentes como fonte de informação em dissertações e teses de engenharia química: o caso da Unicamp	Ravaschio, Juliana de Paula; Faria, Leandro Innocentini Lopes de; Quoniam, Luc	patentes. Informação tecnológica. Pesquisas acadêmicas. Fontes de informação	patents. Technological information. Academic research. Information sources	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1965	BRAPCI
2011	A biblioteca universitária e sua relação com o projeto pedagógico em um curso de graduação	Machado, Marli; Blattmann, Ursula	Biblioteca universitária. Fontes de informação. Fluxo da informação. Projeto pedagógico. Planos de ensino	x	https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1993	BRAPCI
2011	As cartas de Van Gogh como fontes de informação biográfica: estudo de caso	Aquino, Denise de Paula Vera	fontes de informação. Fontes de informação biográfica. Cartas – Vincent Van Gogh	x	https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/1303	BRAPCI

2011	Compreendendo a imigração espanhola no Pará (1896-1899): um estudo a partir das passagens grátis como fontes de informação	Ferreira, Rubens da Silva; Costa, Érica Elaine	Arquivo público. Fonte de informação. Patrimônio documental	public archive. Source of information. Documentary heritage	https://www.scielo.br/j/tinf/a/VCVMHH-MhXyGhcj9bCjht3zN/?lang=pt	BRAPCI; PERI
2011	O monitoramento de notícias como ferramenta para a inteligência competitiva	Lemos, Ariane Barbosa; Barbosa, Ricardo Rodrigues; Borges, Mônica Erichsen Nassif	inteligência competitiva. Monitoramento ambiental. Fontes de informação. Monitoramento de notícias	Competitive intelligence. Environmental scanning. Information source. Clipping	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1919	BRAPCI
2011	Uso das fontes de informação para a geração de conhecimento organizacional	Rodrigues, Charles; Blattmann, Ursula	Gestão da informação. Fluxos de informação. Uso da informação. Fontes de informação. Conhecimento organizacional	information management. Information flow. Information use. Information sources. Organizational knowledge	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/9999	BRAPCI
2012	A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento	Pizzani, Luciana et al.	pesquisa bibliográfica. Bases de dados bibliográficas. Fontes de informação	bibliographic research. Databases bibliographic. Information sources	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896	BRAPCI
2012	Inteligência competitiva: metodologias aplicadas em empresas brasileiras	Vidigal, Frederico; Nassif, Mônica Erichsen	inteligência competitiva. Inteligência de mercado. Fontes de informação. Produtos de informação. Monitoramento ambiental	Competitive intelligence. Market intelligence. Information sources. Information products. Environmental monitoring	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/8744	BRAPCI; PERI
2012	Metodologia de identificação de fontes de coleta de informação: uma proposta de modelo para cadeia produtiva de couro, calçados e artefatos	Azevedo, Alexander Willian	fonte de informação. Cadeia produtiva. Coleta de informação. Couro e calçados. Bibliografia especializada	Source of information. Production chain. Information collection. Specialized bibliography. Leather and footwear products	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/12466	BRAPCI
2013	A contextualização da internet na sociedade da informação	Eduvirges, Joelson Ramos; Santos, Maria Nery dos	internet. Fonte de informação. Direitos autorais. Comunicação. Massa documental	internet. Source information. Copyright. Communication. Mass of documents	https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17450	BRAPCI
2013	Análise de imagens e filmes: alguns princípios para sua indexação e recuperação	Cordeiro, Rosa Inês de Novais	imagens e filmes. Princípios de análise e indexação. Recuperação de imagens e filmes. Fontes de informação visual	images and films. Principles of analysis and indexing. Retrieval of images and films. Sources of visual information	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8136	BRAPCI
2013	Fontes de informação digital: análise das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Design na UFPE	Cosmos, Marília Rianny Pereira; Silveira, Murilo Artur Araújo da; Silva, Fábio Mascarenhas e	estudos de citação. Bibliometria. Fontes de informação digitais. Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco	Citation studies. Bibliometric. Digital information sources. Design Post-Graduate Program. Federal University of Pernambuco	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/12793	BRAPCI
2013	Fontes de informação utilizadas pelos discentes do mestrado do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA (IEMCI/UFPA)	Sena, Alexandre	fontes de informação. Estudo de usuários. Serviços de informação	sources of information. Study users	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/12667	PERI
2013	Mapeamento de fontes de informação em ambiente web para ciência e tecnologia	Anastácio, Leila Aparecida; Vieira, Elaine Apolinário	Fontes de informação. Ciência e tecnologia. Comunicação científica. Web. Estudos de linguagem	sources of information. Science and technology. Scientific communication. Web. language studies	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1653	BRAPCI

2014	A seleção de fontes de informação em bibliotecas prisionais do estado de Alagoas: do direito às condições de acesso à informação do usuário apenado	Tonin, Jaciana de Holanda Costa; Souza, Edivanio Duarte de	bibliotecas prisionais. Ressocialização do apenado. Seleção de fontes de informação. Usuário apenado	Prison libraries. Rehabilitation of the convict. Selection of information sources. User convict	https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1303	BRAPCI
2014	Conceituando fonte de informação indígena	Paiva, Eliane Bezerra	fonte de informação indígena. Fonte de informação especializada. Índios brasileiros. Informação indígena. Narrativas indígenas	Indigenous information source. Specialized information source. Brazilian Indigenous. Indigenous Information. Indigenous narratives	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/16472	BRAPCI
2014	Estudo do uso das listas de discussão e dos blogs brasileiros em Biblioteconomia	Pinheiro, Mariza Ines da Silva	fontes informacionais eletrônicas. Blogs. Listas de discussão. Biblioteconomia	Electronic informational sources. Blogs. Mailing lists. Librarianship	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/270	BRAPCI
2014	Ferramentas para mediação de fontes de informação: avaliação sobre seus usos em bibliotecas universitárias nacionais e internacionais	Novelli, Valéria Aparecida Moreira; Hoffmann, Wanda Aparecida Machado; Gracioso, Luciana de Souza	bases de dados bibliográficas. Bibliotecas universitárias. Fontes de informação. Mediação da informação	bibliographic database. University libraries. Sources of information. Mediation of information	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22943	BRAPCI
2014	Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento	Rodrigues, Charles; Blattmann, Ursula	gestão da informação. Fontes de informação. Uso da informação. Geração de conhecimento	information management. Sources of information. Use of the information generation of knowledge	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22942	BRAPCI
2014	O comportamento no processo de busca da informação por meio das tecnologias da informação e comunicação: um estudo de caso sobre os discentes da Faculdade de Biblioteconomia do estado do Pará	Costa, Elisângela Silva da; Pires, Erik André de Nazaré	busca da informação. Tecnologias da informação e comunicação. Estudantes de Biblioteconomia. Fontes de informação. Leitura	information search. Information and communication technologies. Library science graduation students. Information sources. Reading	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22949	BRAPCI
2014	Uso de fontes de informação por alunos de arquivologia	Paiva, Eliane Bezerra; Santos, Edilene Toscano Galdino dos; Nascimento, Genoveva Batista do	fontes de informação. Estudo de uso. Arquivologia. Análise de citações	information source. Use study. Archivology. Citation analysis	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/22516	BRAPCI
2014	Visibilidade de revistas científicas: um estudo no portal de periódicos científicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ferreira, Ana Gabriela Clipes; Caregnato, Sônia Elisa	comunicação científica. Fontes de informação. Periódicos. Visibilidade	Scientific communication. Information sources. Journal. Visibility	https://www.scielo.br/j/tinf/a/JKfmbTVYnvJTVCZgN-FkGxbx/abstract/?lang=pt	PERI
2015	Busca e organização da informação audiovisual na web: experiência no Laboratório de Tecnologias Intelectuais	Freire, Isa Maria; Freire, Gustavo Henrique de Araújo; Barros, Niedja Nascimento	Web – fontes de informação audiovisual. Arquivologia. Biblioteconomia. Ciência da Informação. Relato de experiência	x	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/553	BRAPCI
2015	Evolução das fontes de informação	Araujo, Nelma Camêlo; Fachin, Juliana	fonte de informação. Fonte de informação impressa. Fonte de informação eletrônica. Competência informacional. Bibliotecário	information source. Print information source. Electronic information source. Librarian	https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463	BRAPCI

2015	Fontes de informação para inovação no setor elétrico brasileiro	Ziviani, Fabricio; Ferreira, Marta Araújo Tavares; Neves, Jorge Tadeu Ramos	fontes de informação. Fontes de informação para inovação. Fontes de inovação. Inovação no setor elétrico. Setor elétrico brasileiro	Sources of information. Sources of information for innovation. Sources of innovation. Innovation in the electrical sector. Brazilian electricity sector	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19782	BRAPCI; PERI
2015	Recursos educacionais abertos como fontes de informação	Silva, Daniela do Nascimento	recursos educacionais abertos. Fontes de informação. Educação à distância	Open educational resources. Sources of information. Distance education	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n44p59	BRAPCI; PERI
2016	Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação com a temática étnico-racial	Santos, Thais Helen do Nascimento; Aquino, Mirian de Albuquerque	Ciência da Informação. Estudos culturais. Abordagem sociocultural da Ciência da Informação. Fontes de informação. Étnico-racial. População negra	Information science. Cultural studies. Sociocultural approach of information science. Information fonts. Ethnic-racial. Black population	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/17492	BRAPCI
2016	Fontes de informação para negócios: análise sobre frequência, relevância e confiabilidade, baseada em estudo empírico com empresários e gestores organizacionais	Pereira, Frederico Cesar Mafra	fontes de informação. Fontes pessoais. Fontes impessoais. Fontes eletrônicas. Comportamento informacional	information sources. Personal sources. Impersonal sources. Electronic sources. Information behavior	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23068	BRAPCI
2016	Fontes e usuários de informação em bibliotecas universitárias	Lemos, Raysa Beatriz da Silva; Ferreira, Vanessa Thalyane Pereira	biblioteca universitária. Informação. Conhecimento. Fontes de informação. Usuário	University library. Information. Knowledge. Information sources. Users	http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/9816	BRAPCI
2016	Fontes especializadas de informação: experimento didático com aplicação do Diagrama Belluzzo	Farias, Gabriela Belmont; Santos, Thaianá Barros dos; Sousa, Francisca Liliansa Martins de	Diagrama Belluzzo. Ensino de Biblioteconomia. Fontes especializadas de informação. Metodologias ativas	Belluzzo Diagram. Librarianship education. Specialized information sources. Active methodologies	https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/41	BRAPCI
2016	Imagem fotográfica como fonte de informação	Bras, Rosamaria Xavier; Bras, Aline Xavier; Bras, Antonio Jose Silva	fontes de informação. Fotografia. Imagem	sources of information. Photography. Image	http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/6625	BRAPCI
2016	Informação no processo de produção: a experiência de uma indústria produtora de big bag	Silva, Janete Fernandes; Silva, Ariadny Alessandra	informação. Fontes de informação. Gestão da produção	information. Information sources. Production management	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/23000	BRAPCI
2016	O documento arquivístico digital enquanto fonte de pesquisa	Santos, Henrique Machado dos; Flores, Daniel	documento arquivístico digital. Preservação digital. Confiabilidade. Fontes de pesquisa. Acesso	Digital archival document. Digital preservation. Reliability. Search sources. Access	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23084	BRAPCI
2016	Os desafios do livro didático como fonte de pesquisa, memória e história em tempos de sociedade da informação	Steindel, Gisela Eggert; Feldman, Daniele; Silva, Kayma Kanoon da	Livro didático. Acervos escolares – fontes de pesquisa. Biblioteca escolar – memória(s). História da educação e biblioteca. Sociedade da informação	Book text. School collections – sources. School collections. School library – memory(s), History of education and library. Information society	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23045	BRAPCI
2016	Seleção de tipos de fontes de informação	Baggio, Claudia Carmem; Costa, Heloisa; Blattmann, Ursula	fontes de informação. Repositórios. Catálogos. Recuperação da informação	sources of information. Repositories. Catalog. Information retrieval	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/26798	BRAPCI
2017	As duas teorias arquivísticas segundo John Roberts: uma contribuição aos fundamentos do campo	Franco, Shirley Carvalhêdo; Thiesen, Icléia; Rodrigues, Georgete Medleg	arquivística. Arquivos. Arquivologia. Arquivistas. Fontes de informação	archival studies. Files. Records and archival science. Archivists. Source of information	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29073	BRAPCI

2017	As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica	Cerigatto, Mariana Pícaro; Casarin, Helen de Castro Silva	fontes de informação. Fontes midiáticas. Avaliação. Competência informacional e midiática	information sources. Media sources. Evaluation. Information and media literacy	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/685	BRAPCI
2017	Fluxo de informação em projetos de inovação: estudo em três organizações	Araújo, Wánderon Cássio Oliveira; Silva, Edna Lúcia da; Varvakis, Gregório	gestão da informação. Fluxos de informação. Canais de comunicação. Fontes de informação. Inovação	information management. Information flows. Communication channels. Information sources. Innovation	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22486	BRAPCI
2017	Fontes de informação jurídica	Miranda, Ana Cláudia Carvalho de; Miranda, Erlano Silva de	informação jurídica. Fontes de informação jurídica. Comunidade jurídica. Fontes de informação jurídica – Brasil	legal information. Sources of legal information. The legal community. Sources of legal information – Brazil	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p76	BRAPCI
2017	Invisibilidade da pesquisa clínica no Brasil: considerações a partir de fontes de informação em ciência e tecnologia	Klein, Vinicius Pellizzaro	acesso à informação. Fontes de dados. Atividades científicas e tecnológicas. Financiamento governamental. Pesquisa médica translacional	access to information. Data sources. Scientific and technical activities. Financing government. Translational medical research	https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1412	BRAPCI
2017	Libros digitales para la educación universitaria em América Latina	Prieto Gutiérrez, Juan José	livros digitais. Tecnologias educacionais. Educação superior. Fontes de informação	ebooks. Education technology. Higher education. Information resources	https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/68959	BRAPCI
2017	Modelos e critérios para avaliação da qualidade de fontes de informação: uma revisão sistemática de literatura	Dutra, Frederico Giffoni; Barbosa, Ricardo Rodrigues	fontes de informação. Qualidade da informação. Avaliação de fontes e qualidade da informação. Critérios para avaliação	Information sources. Information quality. Information sources and quality valuation. Valuation criteria	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32676	BRAPCI
2017	O filme como fonte de informação aplicado ao ensino da Biblioteconomia	Brito, Carla Façanha de	fonte de informação. Fontes gerais da informação. Ensino. Biblioteconomia. Filme	Information source. General sources of information. Teaching. Librarianship. Movie	https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/93	BRAPCI
2017	Para cada universo colecionista, suas fontes: dinâmicas informacionais nas tramas de Clifford Janelway	Melo, Kelly Castelo Branco da Silva; Ribeiro, Leila Beatriz	fonte de informação. Bibliofilia. Romance policial. Memória	Information source. Bibliophilia. Police romance. Memory	https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/69210	BRAPCI
2017	Recursos do conhecimento: colaboração, participação e compartilhamento de informação científica e acadêmica	Cassotta, Maria Luiza Jurema et al.	Recursos do conhecimento. Compartilhamento de informação. Redes sociais. Fontes de informação	knowledge resources. Information sharing. Social networks. Information sources	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29469	BRAPCI
2017	Semiárido brasileiro: fonte de pesquisa em uma biblioteca do sertão baiano	Oliveira, Gerusa Maria Teles de; Moreira, Maria de Fátima de Jesus; Ribeiro, Rejane Maria Rosa	biblioteca. Acervo. Fontes de informação. Semiárido brasileiro. Feira de Santana	library. Collection. Information sources. Brazilian semi-arid. Feira de Santana	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/862	BRAPCI
2017	Uso de repositórios digitais como fonte de informação por membros das universidades federais brasileiras	Ávila, Bruno Tenório; Silva, Milena; Cavalcante, Leonice	repositórios digitais. Fontes de informação. Estudo de usuários. Informação científica	digital repositories. Information sources. User studies. Scientific information	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31514	BRAPCI
2018	A wikipédia como fonte de informação de referência: avaliação e perspectivas	Kern, Vinicius Medina	Wikipédia. Enciclopédias. Obras de referência. Curadoria digital. Revisão pelos pares	Wikipedia. Encyclopedias. Reference materials. Digital curation. Peer review	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22552	BRAPCI

2018	Competência em informação: conexões no ensino de fontes de informação	Corrêa, Elisa Cristina Delfini	Competência em informação. Formação do bibliotecário. Fontes de informação	information literacy. Librarian graduation. Information sources	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1399	BRAPCI
2018	Conexão entre competência em informação e as disciplinas fontes de informação e serviço de referência: um mapa conceitual	Correa, Elisa Cristina Delfini; Lucas, Elaine Rosângela de Oliveira; Muller, Viviane Formighieri	competência em informação. Formação do bibliotecário. Fontes de informação. Serviço de referência. Planos de ensino	information literacy. Librarianship graduation. Information sources. Reference service. Teaching plans	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8649760	BRAPCI
2018	Conhecimento em empresas de pequena dimensão no setor de construção civil	Machado, Hilka Pelizza Vier; Silva, Giane Shirley da; Bortolozzi, Flávio	informação. Gestão do conhecimento. Construção civil. Empresa de pequena dimensão	information. Knowledge management. Construction sector. Small business	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29590	BRAPCI
2018	Construção colaborativa de representações para a disseminação de dados agrícolas: um estudo do Portal CoDAF	Moreira, Fábio Mosso et al.	fonte de dados. Acesso a dados. Ciclo de vida dos dados. Portal CoDAF. Fonte de dados agrícolas	data sources. Data access. Data life cycles. CoDAF Portal. Agricultural data sources	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v23n52p61	BRAPCI
2018	Fontes de informação especializadas de acesso aberto	Fachin, Juliana; Araújo, Nelma Camelo	fontes de informação especializada. Acesso aberto. Canais de comunicação formais e informais	Sources of specialized information. Open access. Formal and informal communication channels	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38421	BRAPCI
2018	Fontes de informação para geração da inteligência competitiva nas organizações: uma revisão ampliada de literatura	Ferreira, Renata Costa; Jardim, Vaniéli Maria César; Ziviani, Fabrício	Gestão da informação. Fontes de informação. Uso da informação. Competitividade. Inteligência competitiva	information management. Information sources. Use of information. Competitiveness. Competitive intelligence	http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/33475	BRAPCI
2018	Fontes de informação, conhecimento e inovação em pequenas farmácias e drogarias de João Pessoa-PB	Silva, Narjara Bárbara Xavier; Lima, Ediene Souza de	inovação. Pequenos negócios. Setor farmacêutico. Fontes de informação e conhecimento	innovation. Small businesses. Pharmaceutical sector. Information and knowledge sources	https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/9489	BRAPCI
2018	Fontes e recursos de informação tradicional e digitais: propostas internacionais de classificação	Alves, Fernanda Maria Melo; Santos, Bruno Almeida dos	classificação. Fontes de informação. Formação. Recursos de informação	classification. Information sources and resources	https://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/459	BRAPCI
2018	Integração de bases de dados em estudos bibliométricos: a produção científica nacional em zika vírus	Alencar, Maria Simone de Menezes; Bochner, Rosany; Amaral, Daniel Giacometti	bibliometria. Bases de dados. Zika. Fontes de informação	bibliometrics. Databases. Zika. Information sources	https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/86923	BRAPCI
2018	Interlocução entre saúde e Ciência da Informação: proposta para o diagrama multidisciplinar da CI	Neves, Barbara Coelho; Braz, Marcia Ivo	Ciência da Informação. Interdisciplinaridade. Comunicação científica. Fontes de informação – saúde	information science. Interdisciplinarity. Scientific communication. Sources of information	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/26431	BRAPCI
2018	Levantamento, catalogação e digitalização de fontes históricas sobre as Cataratas do Iguaçu (1850-1910)	Karpinshi, Cezar et al.	pesquisa e desenvolvimento. Fontes de informação. Patrimônio documental. Digitalização. Interdisciplinaridade	research and development. Information sources. Documentary heritage. Digitalization. Interdisciplinary	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23nespp99	BRAPCI
2018	Panorama sobre as fontes de informação jurídicas	Ferreira, Ana Carolina; Maculan, Benildes Coura Moreira dos Santos	informação jurídica. Fontes de informação jurídicas. Legislação. Jurisprudência. Doutrina bibliotecário jurídico	legal information. Sources of legal information. Legislation. Jurisprudence. Doctrine. Legal librarian	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1106	BRAPCI

2018	Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news	Paula, Lorena Tavares; Silva, Thiago dos Reis Soares da; Blanco, Yuri Augusto	Fake news. Pós-verdade. Arquitetura da informação. Fontes de informação	Fake news. Post truth. Information architecture. Information sources	https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764	BRAPCI
2019	A biblioteca e o novo paradigma produtivo da indústria 4.0	Foresti, Fabricio; Varvakis, Gregório	Biblioteca 4.0. indústria 4.0. fontes de informação. Biblioteca do futuro	Library 4.0. information sources. Future library. Library 21st century	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1527	BRAPCI
2019	Aplicação de metodologias ativas de aprendizagem no ensino de fontes de informação no curso de Biblioteconomia	Lessa, Bruna	metodologias de aprendizagem. Aprendizagem baseada em problemas. Produtos informacionais. Fontes secundárias de informação	learning methodologies. Problem based learning. Information products. Secondary sources of information	https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8782	BRAPCI
2019	As músicas da Era Vargas e o registro da memória social sobre as eleições presidenciais	Pasqua, Cleonice Della; Massoni, Luis Fernando Herbert; Stueber, Ketlen	Era Vargas. Música brasileira. Fonte de informação. Memória social	Vargas's government. Brazilian music. Information source. Social memory	https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/148720	BRAPCI
2019	Estudo das fontes de informação: aplicações em acervos documentários	Anna, Jorge Santa	fontes de informação. Atividades organizacionais. Acervos documentários. Biblioteca universitária. Arquivo empresarial	sources of information. Organizational activities. Documentary collections. University library. Business archive	https://cinfo.idict.cu/index.php/cinfo/article/view/407/315	BRAPCI
2019	Fontes de informação especializada em africanidades	Carvalho, Wellington Marçal de; Rezende, Angerlânia; Gomes, Graciele Mendonça Rodrigues	fontes de informação especializada – África. Guia de fontes de informação – Africanidades. Ciência da Informação	Specialized information sources – Africa. Guide to information sources – africanities. Information science	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30464	BRAPCI
2019	Fontes de informação online para comunidade LGBT+	Vale, Mariene Alves do; Vitorino, Elizete Vieira	fontes de informação. Competência em informação. Comunidade LGBT+	information sources. Information literacy. LGBT community	https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1338	BRAPCI
2019	Guia de fontes de informação para startups	Silva, Eduardo Graziosi; Coletta, Teresinha das Graças; Larocca, Ana Paula Camargo	fonte de informação. Informação científica	Information sources. Scientific information	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8654715	BRAPCI
2019	Os bots de disseminação de informação na conjuntura das campanhas presidenciais de 2018 no Brasil	Michalski, Rafael; Paula, Lorena Tavares de	Disseminação da informação. Redes sociais. Twitter. Pós-verdade	dissemination of information. Social networks. Twitter. Post-truth	https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17048	BRAPCI
2019	Percurso metodológico para análise de sites na internet	Machado, Rejane Ramos; Carvalho, Lidiane dos Santos	análise de sites. Fontes de informação. Informação e saúde	site analysis. Information sources. Health information	https://periodicos.ufpe.br/revistas/IRIS/article/view/241497	BRAPCI
2019	Search engine optimization e qualidade das fontes de informação digital: elementos construtores à busca	Trevisan, Gustavo Luardelli; Monteiro, Silvana Drumond; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio	SEO. Otimização mecanismos de busca. Qualidade das fontes de informação digital. Representação no ciberespaço, busca	SEO. Search engine Optimization. Quality of digital information sources. Representation in cyberspace. Search	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/43522	BRAPCI
2019	Uso de fontes de informação por gestores de startups	Fonseca, Flavia de Souza Magalhães; Barbosa, Ricardo Rodrigues; Pereira, Frederico Cesar Mafra	fontes de informação. Uso de informação. Gestão da informação. Empreendedorismo. Startups	information sources. Information use. Business management. Entrepreneurship. Startups	https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22605	BRAPCI

2020	Deficientes visuais e profissionais da informação: procedimentos estratégicos e proposta ao portal Lti	Sobral, Ana Sara Pereira de Melo; Freire, Isa Maria	deficiente visual. Fonte de informação. Método indicário. Laboratório de Tecnologias Intelectuais (Lti)	Visually impaired. Source of information. Indiciciary method. Laboratory of Intellectual Technologies (Lti)	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39002	BRAPCI
2020	Gestão eletrônica de aquisição de fontes de informação: uma proposta para sistemas de bibliotecas universitárias	Santos, Rosana Rodrigues dos; Souza, Edivanio Duarte de	Aquisição de fontes de informação. Desenvolvimento de coleções. Formação de coleções. Gestão de processos	Acquisition of sources of information. Collection development. Formation of collections. Processes management	https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/14928	BRAPCI
2020	Iniciativas informacionais do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em tempos da pandemia	Amara, Bianca et al.	Ciência aberta. Fontes de informação. Comunicação científica. Covid-19. Coronavírus	Open science. Information sources. Scientific communication. Covid-19. Coronavirus	http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5400	BRAPCI
2020	Jornal O Semeador como fonte de disseminação de informação da arquidiocese de Maceió	Silva, Eliana Neves Pereira da; Andrade, Robéria de Lourdes de Vasconcelos	disseminação da informação. Fontes de informação. Jornais. O Semeador	dissemination of information. Information sources. Newspaper. O Semeador	http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/43610	BRAPCI
2020	Modelos e etapas para a gestão da informação: uma revisão sistemática da literatura	Dutra, Frederico Giffoni; Barbosa, Ricardo Rodrigues	gestão da informação. Modelos. Etapas. Fontes de informação	Information management. Models. Stages. Information sources	https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/91922	BRAPCI
2020	Prontuário de paciente: questões éticas	Araujo, Nelma Camêlo; Mota, Francisca Rosaline Leite	ética em pesquisa. Fonte de informação primária. Prontuário do paciente	research ethics. Primary information source. Patient record	http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/43512	BRAPCI
2021	A patente como fonte de informação (des)necessário para a biotecnologia em saúde	Pimenta, Fabricia Pires	biotecnologia em saúde. Fonte de informação. Patentes	biotechnology in health. Information sources. Patents	https://www.scielo.br/j/tinf/a/9KhFwNHTSLX4Lt7xgt83yLD/?lang=pt	BRAPCI
2021	Análise bibliométrica do site circoteúdo: informação como subsídio para a formação circense	Neumann, Susana Elisabeth; Tertulino, Ciro Ítalo	site circoteúdo. Bibliometria. Formação circense. Produção científica. Fonte de informação	Circonteúdo website. Bibliometrics. Circus formation. Scientific production. Information source	https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/25995	BRAPCI
2021	Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória	Gonçalves, Rita de Cássia; Silveira, Fabrício José Nascimento da	biografia. Autobiografia. Biblioteconomia. Fontes de informação. Memória	Biography. Autobiography. Librarianship. Information sources. Memory	https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/178542	BRAPCI
2021	De carimbo em carimbo se conta uma história: a trajetória de uma biblioteca universitária	Bernini, Ismael Maynard; Loss, Miriam Moema; Cuty, Jenniffer Alves	biblioteca universitária. Fontes de informação. Biblioteca da Fabico – história	University library. Information sources. Library Fabico – history	https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/11955	BRAPCI
2021	Fontes de informação especializadas em marcas: um olhar bibliotecnômico	Oliveira, Mylena Cristhina Araujo de; Sá, Nysia Oliveira de; Santos, Evanildo Vieira dos	marcas. Propriedade industrial. Fonte de informação. Dublin core. Metadados	Brands. Industrial property. Information sources. Dublin core. Metadata	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39109	BRAPCI
2021	Formação e desenvolvimento de habilidades informacionais nas disciplinas de fontes de informação	Alcará, Adriana Rossecler; Pereira, Cláudio César	habilidades informacionais. Competência em informação. Fontes de informação	information skills. Information literacy. Information sources	https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/277	BRAPCI

2021	Limitações do acesso à informação sobre contratação pública em saúde no Brasil à luz da lei de acesso à informação: uma revisão integrativa da literatura	Mota, Virgínia de Albuquerque; Araújo Júnior, Rogério Henrique de	acesso à informação. Informação governamental. Fonte de informação. Saúde coletiva. Revisões de literatura	Information access. Public information. Information sources. Health expenditure. Literature reviews	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8664607	BRAPCI
2021	Mais fontes de informação especializada em africanidades: subsídios para novas e radicais epistemologias	Carvalho, Wellington Marçal de; Rezende, Angerlânia; Gomes, Graciele Mendonça Rodrigues	fontes de informação especializada – África. Guia de fontes de informação – Africanidades. Ciência da Informação	Expert information sources – Africa. Guide to information sources – Africanities. Information science	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667383	BRAPCI
2021	O comportamento informacional no tratamento de feridas é o mesmo em todo o Brasil?	Silva, Bruno Santana da; Silva, Paulo Vanzolini Moura da	comportamento informacional. Enfermagem. Fontes de informação. Saúde	information behavior. Nursing. Information source. Health	https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasab/article/view/10676	BRAPCI
2021	O olhar teórico sobre as fontes de informação e o universo literário e biográfico de Clarice Lispector	Lima, Sanielly Ianar Alves; Andrade, Roberia de Lourdes de Vasconcelos	fontes de informação. Biografia. Literatura. Clarice Lispector	Information sources. Biography. Literature. Clarice Lispector	https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5641	BRAPCI
2021	Praça XV e suas representações: fonte de informação e memória da história de Florianópolis	Laurindo, Kariane Regina; Porto, Morena; Unglaub, Tânia Regina da Rocha	Praça XV de Novembro de Florianópolis. Monumentos. Informação e memória. Práticas e representações. Fontes de informação	Praça XV de Novembro in Florianópolis. Square XV of November in Florianópolis. Monuments. Information and memory. Practices and representations. Information sources	https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1776	BRAPCI
2021	Proposta de fonte de informação para empresas de base tecnológica nascidas em universidades federais da região Nordeste	Lima, Paulo Ricardo Silva; Rita, Luciana Peixoto Santa	fonte de informação. Mediação. Gestão da informação. Universidades	source of information. Mediation. Information management. Universities	https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5716	BRAPCI
2021	Que informações são utilizadas durante o tratamento de feridas?	Silva, Paulo Vanzolini Moura da; Silva, Bruno Santana da	necessidades de informação. Fontes de informação. Informação em saúde. Sistemas de informação	information needs. Information sources. Health information. Information storage and retrieval systems	https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/23593	BRAPCI
2021	REA e bibliotecas: discussões sobre a importância da classificação e representação	Prudencio, Dayanne da Silva; Araujo, Lyvia Rocha de Jesus	Recurso educacional aberto. Recurso de informação. Fonte de informação. Learning object metadata	Open educational resources. Information resource. Information source. Learning object metadata	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/44730	BRAPCI
2022	A tipologia das fontes de informação em saúde: suporte à tomada de decisão	Souza, Amanda Damasceno de et al.	saúde baseada em evidências. Fontes de informação em saúde. Tipos de fontes de informação	Evidence-based healthcare. Health information sources. Types of information sources	https://asklepionrevista.info/asklepion/article/view/38	BRAPCI
2022	Arquivo e a produção historiográfica: o caso do arquivo público do estado do Espírito Santo (APEES)	Silva, Tiago Braga da	fontes de informação; produção historiográfica. Arquivo público	sources of information. Historiographic production. Public record	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/64100	BRAPCI
2022	Arquivologia brasileira: formação e informação científica	Freire, Isa Maria; Rocha, Maria Meriane Vieira da	arquivologia brasileira. Cursos de graduação. Formação dos docentes. Fontes de informação científica	Brazilian archivology. Undergraduate courses. Teacher training. Sources of scientific information	https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1083	BRAPCI

2022	Da xilogravura na matriz à digital	Dias, Karcia Lúcia Oliveira; Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de; Albuquerque, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de	xilogravura digital. Memória social. Identidade cultural. Fonte de informação	woodcut digital. Memory social. Cultural identity. Source of information	https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/87170	BRAPCI
2022	Expansão do letramento informacional com a metacognição e o meta-letramento: potencializando aprendizagem do século XXI	Pinheiro, Maria Heldaiva Bezerra; Gasque, Kelley Cristine Gonçalves Dias	pensamento reflexivo. Letramento informacional. Metacognição. Meta-letramento. Aprendizagem no século XXI	Reflective thinking. Information literacy. Metacognition. Metaliteracy. Learning in the 21st century	https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44814	BRAPCI
2022	Exposição virtual em arquivos como fonte de informação sobre movimentos sindicais na Bahia	Lessa, Bruna; Souza, Raiane Pedreira de	fonte de informação. Disseminação da informação. Serviços de referência. Movimentos sindicais. Sindicato dos bancários – Bahia	source of information. Dissemination of information. Reference service. Union movements. Bankers associations - Bahia	https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/27756	BRAPCI
2022	Informação e memória: a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre durante a pandemia de covid-19	Massoni, Luis Fernando Herbert; Jose, Valdir; Ferreira, Camilla Barcelos	Festa popular. Informação e memória. Fonte de informação. Porto Alegre. Pandemia de covid-19	popular fest. Information and memory. Information source. Porto Alegre. Covid-19 pandemic	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/48457	BRAPCI
2022	Informação no cárcere: direitos e garantias dos apenados do regime fechado do sistema penal do estado do Espírito Santo	Zamite, Adriana Isidório da Silva; Grigoletto, Maira Cristina	acesso à informação. Fontes de informação. Encarcerados. Prisão	access to information. Information sources. Jailed. Prison	https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/39097	BRAPCI
2022	Mediação da leitura nas vivências dos estudantes do curso de ciências sociais da UFBA	Santos, Raquel do Rosário; Sousa, Ana Claudia Medeiros de; Jesus, Ingrid Paixão	mediação da leitura. Formação de leitor. Fontes de informação – leitura	reading mediation. Reader training. Information sources – reading	https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/184374	BRAPCI
2022	O arquivo escolar como fonte histórica de informação: o caso do Colégio Estadual Barros Barreto – Salvador/Bahia	Oliveira, Leidiane Rodrigues de; Lessa, Bruna	arquivo escolar. Fonte de informação. Gestão documental. Memória	School archive. Source of information. Document management. Collective memory	https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1061	BRAPCI
2022	O comportamento informacional no tratamento de feridas varia conforme a formação em enfermagem?	Silva, Bruno Santana da; Silva, Paulo Vanzolini Moura da	Comportamento informacional. Enfermagem. Ferimentos e lesões. Fonte de informação. Saúde	Information behavior. Nursing. Wounds and injuries. Information source. Health	https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasab/article/view/11912	BRAPCI
2023	Introdução aos observatórios de informação: um estudo sobre possíveis conceituações, funções, objetivos e classificações	Albuquerque, Júlio Augusto Enders de; Rita, Luciana Peixoto Santa; Pinto, Ibsen Mateus Bitencourt Santana	observatórios de informação. Fontes de informação. Análise de dados. Divulgação da informação. Tomada de decisão	information observatories. Information sources. Data analysis. Information dissemination. Decision-making	https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6290	BRAPCI
2023	Relevância das fontes de informação no cenário brasileiro durante a pandemia de covid-19	Gonçalves, Christine Conceição; Barbosa, Ricardo Rodrigues	fontes de informação. Relevância. Redes sociais. Covid-19. Busca da informação	information source. Relevance. Social networks. Covid-19. Information search	https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/3451	BRAPCI
2023	Subutilização, limites e potencialidades do sistema de informação em saúde para a atenção básica (SISAB)	Oliveira Junior, Joao Geraldo de	Sistema de informação em saúde. Gestão da informação em saúde.	health information system. Health information management. Primary health care	https://asklepionrevista.info/asklepion/article/view/79	BRAPCI

			Atenção primária à saúde. Planejamento em saúde. Tecnologias em saúde			
--	--	--	---	--	--	--

Fonte: Bases de dados Brapci e Peri, 2023.